

# DOS LUGARES DE MEMÓRIAS, O TEMPO ENTRE AS PÁGINAS VIVAS:

## Histórias de Bibliotecas



Organizadoras:

Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)

Maria Lizandra Mendes de Sousa

(Liz Mendes)

# **DOS LUGARES DE MEMÓRIAS, O TEMPO ENTRE AS PÁGINAS VIVAS:**

Histórias de Bibliotecas

Organizadoras:

Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)

# **DOS LUGARES DE MEMÓRIAS, O TEMPO ENTRE AS PÁGINAS VIVAS: Histórias de Bibliotecas**

©2025 Copyright by Autores/Orgnizadores

## **Edição e Projeto Gráfico**

Editorial D7p|Brasil – Cnpj 48.245.108/0001-70

Direção Executiva: Diego Prata

Direção Criativa e Design: Fernanda Marturelli

---

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Dos lugares de memórias, o tempo entre as páginas vivas : histórias de bibliotecas [livro eletrônico] / organização Zuleide Paiva da Silva, Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes) – Conceição do Coité : D7p-Brasil, 2025.  
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-988314-4-8

1. Aprendizagem 2. Bibliotecas - Aspectos sociais 3. Identidade 4. Leitura - Aspectos sociais 5. Narrativas pessoais 6. Políticas públicas I. Silva, Zuleide Paiva da. II. Sousa, Maria Lizandra Mendes de.

25-321391.0

CDD-021.2

## **Índices para catálogo sistemático:**

1. Bibliotecas : Relações com a comunidade 021.2

Suelen Silva Araújo Oliveira - Bibliotecária - CRB-8/11482

DOI: <https://10.5281/zenodo.17872489>

# **DOS LUGARES DE MEMÓRIAS, O TEMPO ENTRE AS PÁGINAS VIVAS:**

Histórias de Bibliotecas

Organizadoras:

Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)

# SUMÁRIO

<b>Entre páginas vivas e ausências gritantes: um gesto de apresentação.....</b>	<b>07</b>
---	-----------

*Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)*

*Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)*

## **PARTE 1 - ENTRE ESTANTES E PERCURSOS DE SABERES: AS BIBLIOTECAS EM NOSSAS VIDAS**

<b>Memórias de uma Biblioteca Viva: experiências e reflexões.....</b>	<b>13</b>
---	-----------

*Luana Maria da Silva Soares*

<b>O acesso a bibliotecas: pré-requisito necessário no processo formativo dos sujeitos.....</b>	<b>24</b>
---	-----------

*Petrônio Pinho de Oliveira*

## **PARTE 2 - LUGARES DE CRIAÇÕES: AS BIBLIOTECAS EM NOSSA FORMAÇÃO-MEMÓRIA**

<b>Minha (Ausente) história de biblioteca .....</b>	<b>44</b>
---	-----------

*Alyfe dos Santos Gordiano*

<b>O despertar para a leitura .....</b>	<b>52</b>
---	-----------

*Júlia Carneiro Silva*

<b>Da escola a academia: minha experiência e reflexões sobre a biblioteca .....</b>	<b>60</b>
---	-----------

*Witney Rian Lima Santana*

<b>Vestígios: Minha história de biblioteca .....</b>	<b>72</b>
--	-----------

*Mirely Ferreira Moreira*

<b>Entre Livros, Estantes e PDFs: Minhas experiências com bibliotecas.....</b>	<b>81</b>
--	-----------

*Guthyerre Carneiro Gordiano Ramos*

<b>Entre Estantes e Descobertas: O papel das Bibliotecas na Minha Jornada Acadêmica.....</b>	<b>91</b>
--	-----------

*Matheus Bismarck Guimarães dos Santos*

<b>A minha biblioteca e o meu jardim .....</b>	<b>100</b>
--	------------

*Itan Zaíra Mendes de Oliveira*

<b>Leitura, Biblioteca e Afetividade: por um espaço de produção de conhecimento!?</b> .....	<b>107</b>
---	------------

*Marcos Kaíque Araújo da Silva*

<b>Um pouco sobre minha história: aprendizagem, infância, biblioteca e universidade .....</b>	<b>111</b>
---	------------

*Saulo Silva Pereira*

<b>Leio, logo existo.....</b>	<b>119</b>
-------------------------------	------------

*Daniel Cardoso*

<b>Minha Distante Vida Das Bibliotecas.....</b>	<b>126</b>
---	------------

*Islan David Saturnino Araujo*

<b>Tarde te amei: minha história de biblioteca.....</b>	<b>131</b>
---	------------

*Manoel Emídio da Silva Neto*

<b>As Leituras que eu interrompi.....</b>	<b>138</b>
---	------------

*Laioane da Silva*

<b>Os livros, a Escrita e o Corpo Lésbico Sapatão que Insiste: Cartografia de Duas Leituras em Resistência .....</b>	<b>145</b>
--	------------

*Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)*

*Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)*

<b>Sobre as/os autoras/es.....</b>	<b>154</b>
------------------------------------	------------



# Entre Páginas Vivas e Ausências Gritantes: Um Gesto de Apresentação

*Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)*

*Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)*

No início, havia um livro. Ou talvez, antes dele, uma ausência. Um quarto escuro, trancado, onde os sonhos tremiam ao lado dos livros. Um lugar onde o saber era punição, onde a luz da leitura era filtrada por grades de silêncio. Mas então, a palavra se acendeu. “Dos lugares de memórias, o tempo entre as páginas vivas: histórias de bibliotecas” é mais do que uma coletânea de textos: é uma travessia, uma tessitura de vozes que ecoam das margens, das salas de aula precárias, das bibliotecas fechadas, das experiências que alternam encantamento e esquecimento. Este livro nasce do chão quente do sertão, da infância entre estantes e do desejo urgente de existir entre livros. É um relicário de memórias onde cada testemunho se tece como fio de sisal – forte, resistente, nordestino, ancestral.

Este livro é também o fruto coletivo de uma experiência formativa: nasceu no interior do componente curricular “Pesquisa Bibliográfica”, ofertado no semestre 2024.2, no Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV. Mais do que uma atividade acadêmica, esse componente foi campo fértil para o exercício da memória, da crítica e da escrita como ato político. Ao propor o olhar atento sobre as bibliotecas, suas presenças e ausências, o percurso formativo provocou cada estudante a refletir sobre a biblioteca não como armazenamento, mas como fonte de informação, de construção de saberes, de reinvenção de si. Pensar a biblioteca nesse contexto é compreender que o acesso à informação não se reduz a uma estrutura física ou tecnológica, mas depende da mediação, da escuta, do afeto e da política. Neste livro, pensar a biblioteca é pensar o Brasil – e propor mundos possíveis a partir das margens.

Aqui, cada biblioteca descrita é mais do que espaço físico – é símbolo e sintoma. Jardim e deserto. Templo e cárcere. Ao longo das páginas, as experiências narradas revelam o abismo entre o ideal e o real, entre o direito ao saber e a crueza do abandono. Pergunta-se com os pés sujos de chão batido

e a alma cheia de ideias: o que é, afinal, uma biblioteca? Apenas um cômodo com livros? Ou um útero de cidadania, um abrigo de dignidade, um altar de futuro? As histórias aqui contidas são também um espelho da desigualdade brasileira: ora ausentes, ora conquistadas a duras penas, ora renovadas pela esperança e pela luta.

O livro se estrutura em duas partes que não se separam por função, mas por ressonância: a primeira, “Entre estantes e percursos de saberes: as bibliotecas em nossas vidas”, desenha o mapa das experiências com as bibliotecas como espaços vivos de construção intelectual e política; a segunda, “Lugares de criações: as bibliotecas em nossa formação-memória”, desdobra essas vivências numa escrita memorialística, subjetiva, íntima, onde a palavra se faz carne e testemunho. Ao dividir-se assim, a obra costura a reflexão crítica e a escrevivência, o pensamento e a lembrança, o olhar coletivo e o grito pessoal – tudo pulsando em direção à mesma pergunta: o que a biblioteca fez de mim? Ou, talvez mais urgente: o que eu fiz com as bibliotecas que tive – ou que me faltaram?

Entre as páginas, cruzam-se histórias de estudantes que viam a biblioteca como castigo, mas também de crianças que encontraram nas palavras o primeiro abrigo. Há professoras que dizem que ler

é como respirar; pais analfabetos que, com um machado nas mãos, ensinavam os filhos a fazer “ponta de lápis”. Há a estudante que encontrou, no sisal e nas almofadas coloridas de uma biblioteca construída com o olhar voltado para o sertão, o útero de sua utopia. Há o menino que se encantava com contos lidos em voz alta na catequese. Há também a ausência gritante: bairros sem livros, escolas sem espaço, infância sem leitura.

Este livro é denúncia. É resistência. É sonho. É uma convocatória poética e política para repensarmos o papel da biblioteca em nossas vidas e em nosso país. Ele não se contenta em exaltar espaços bem-estruturados, mas insiste em iluminar os muitos vãos onde a biblioteca deveria existir – e não existe. Ele nos desafia: por que a presença do livro, mesmo quando ofertada, tantas vezes não é vivida? Por que ainda faltam profissionais, políticas públicas, compromisso com a permanência da leitura como um direito inegociável? O que falta, além da estrutura, para que uma biblioteca seja viva?

“Dos lugares de memórias, o tempo entre as páginas vivas: histórias de bibliotecas” não oferece respostas fáceis. Mas, entre suas páginas, pulsa um desejo claro: que as bibliotecas deixem de ser apenas depósitos de livros



para se tornarem moradas de sonhos. Que as palavras deixem de ser reféns da falta e passem a ser sementes de pertencimento. Que as estantes deixem de ser apenas móveis e passem a ser pontes. Que a biblioteca seja, como escreveu uma das autoras, “um lugar onde o tempo para e o mundo se encolhe entre as páginas de um livro”. Que possamos, enfim, sonhar juntos com a biblioteca dos sonhos.

E se é verdade que cada livro é um universo, “Dos lugares de memórias, o tempo entre as páginas vivas: histórias de bibliotecas” é um cosmo de muitas órbitas, muitas histórias, muitos nortes. E como toda boa história, ela nos deixa transformados. Porque como ensina a literatura – mesmo uma boneca feita de sisal pode carregar no ventre um mundo inteiro por nascer.

Ler este livro é também aceitar um chamado à escuta. Escutar as vozes que foram abafadas pelo silêncio das bibliotecas trancadas, das políticas públicas negligentes, das salas sem bibliotecárias, das infâncias que cresceram sem o tato das páginas. “Dos lugares de memórias, o tempo entre as páginas vivas: histórias de bibliotecas” nos convoca a reconhecer que o acesso ao livro não é apenas um recurso didático, mas um direito afetivo, um gesto de pertencimento ao mundo. Cada relato aqui contido reafirma que a biblioteca é menos um lugar e mais uma promessa: a promessa de que todo corpo que lê pode também escrever-se no tempo. E que, ao escrever, transforma o mundo. Porque um povo que conta suas histórias constrói sua própria memória – e uma memória viva é, sempre, um ato de resistência contra o esquecimento. Este livro é isso: resistência em forma de palavra, memória em forma de costura, sonho em forma de sisal.

## Bibliotecas de mundos por fazer

Cristina Peri Rossi nos conta, em *A insubmissa*, que pegava escondidos os livros da biblioteca particular de seu tio, nas férias que passava na casa da sua avó, em uma cidadezinha no interior do Uruguai. Era o início da década de 1950 e Cristina, uma pré-adolescente, admirava esse tio, que trabalhava na estação de trens.

Certo dia, com um livro debaixo dos braços, ele a interceptou, incomodado com a atitude insistente da sobrinha – e que não passava despercebida. Após dizer que gostaria de ser escritora quando crescesse, a biblioteca do tio se transformou simbolicamente em um lugar que demarcava limites rígidos:

- Quantos livros escritos por mulheres tem nesta biblioteca?
- Três – eu disse. *Um quarto só seu*, de Virginia Woolf, uma antologia de poemas de Alfonsina Storni e outro de poemas de Safo.
- Você leu as suas biografias? – ele me perguntou.
- Sim – respondi.
- Você leu como elas morreram?
- Elas se suicidaram – eu disse.
- Então, aprenda a lição: as mulheres não escrevem e, quando escrevem, se suicidam<sup>1</sup>.

O que podem as bibliotecas? Se elas não se resumem às estantes de livros e aos prédios – ou casas – que as abrigam, o que as constitui? As histórias que compõem este livro nos mostram que as bibliotecas são feitas dos encontros entre sujeitos, palavras e afetos nas suas múltiplas possibilidades. E, por isso, são caminhos que podem – ou não – nos levar a lugares de pertencimento e abrir horizontes de futuro. Cristina precisou transgredir o destino que o tio e sua biblioteca lhe imputavam, para se transformar na escritora insubmissa que é.

Ao abrir estas páginas, a leitora e o leitor atravessam territórios, sonhos, memórias e lutas. As histórias aqui narradas não se limitam às experiências individuais de suas/seus autoras/es; são, na verdade, trajetórias coletivas que escancaram as contradições do país que somos. Um país que produz potentes saberes às margens, muitas vezes sem saber reconhecê-los e reivindicá-los; que inventa futuros, apesar das (e contra as) ausências; e que insiste em destrancar portas e abrir passagens.

<sup>1</sup> ROSSI, Cristina Peri. *La insumisa*. Tradução livre. Buenos Aires: Menoscuarto Ediciones, 2022, p. 180.

Cada relato deste livro opera como um gesto contra o esquecimento de si e daquilo que nos constitui coletivamente. São histórias de construção subjetiva, de reinvenção dos saberes e de luta por direitos. Este livro se tece entre a memória, o afeto e a denúncia, extraíndo a maior potência destas fontes.

Esta obra, produzida no âmbito de uma disciplina do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia

(UNEB), escancara que a academia precisa cada vez mais se abrir às vozes que historicamente foram excluídas das prateleiras das bibliotecas. Ela é fruto do que bell hooks chamou de “pedagogia engajada”, cujas práticas educam para a liberdade e estimulam que as/os estudantes sejam radicalmente abertas/os.

Com isso, temos um livro que mostra o alcance educativo e político das comunidades de aprendizagem, bem como da potência de contar histórias. bell hooks nos ensina:

Histórias nos ajudam a nos conectar com um mundo além da identidade. [...] Uma forma poderosa de nos conectar com um mundo diverso é ouvindo as diferentes histórias que nos contam. Essas histórias são um caminho para o saber. Portanto, elas contêm o poder e a arte da possibilidade. Precisamos de mais histórias<sup>2</sup>.

Espero que cada leitora e leitor se permita ser afetado pelas histórias aqui contadas. Que as palavras não se encerrem nestas páginas, mas reverberem como um convite a cuidar das bibliotecas que temos, a lutar pelas que faltam e a lembrar que as palavras são capazes de transformar o presente que habitamos.

Despeço-me afetuosamente, muito grata pelo convite de prefaciar este livro, produzido por estudantes que tive a alegria de conhecer em outubro de 2024 (e reencontrar virtualmente em maio de 2025), num encontro que me faz lembrar que a batalha pela memória e a palavra sempre vale a pena.

Julia Kumpera, Junho de 2025.

---

<sup>2</sup> Hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020, p.94.

---

PARTE 1

**ENTRE ESTANTES E PERCURSOS DE SABERES:  
AS BIBLIOTECAS EM NOSSAS VIDAS**



# Memórias de Uma Biblioteca Viva: Experiências e Reflexões

*Luana Maria da Silva Soares*

Desde pequena sempre escutava da minha mãe que a vida na Terra ocorre por conta de existência de cinco elementos, terra, água, ar, fogo e leitura, então não é difícil imaginar o quanto meu processo formativo foi rodeado de livros e histórias. Filha de professora de Língua Portuguesa, sempre vi os livros como um portal mágico onde tudo que eu imaginava ganhava vida; tínhamos um hábito de celebrar a vida com livros, então imagine que não era incomum em datas muito importantes e significativas, o presente ser livro, especialmente aqueles que contavam fábulas. Em meio a esse contexto, uma biblioteca poderia facilmente simbolizar o paraíso, no entanto, essa é uma história que contém muitas faces e que possui muitas outras versões.

Boa parte das bibliotecas em instituições educacionais, principalmente da educação básica, ainda tem algo que não é familiar, não gera encanto nem desejo, até porque, nas minhas vivências, elas sempre estavam fechadas, eram utilizadas em momentos oportunos e especiais e ainda assim cheios de recomendações e restrições, os livros poderiam até soar como sinônimo de liberdade, de proporcionar uma mente livre, mas as bibliotecas, em sua maioria, não materializavam isso.

Falo isso com base em uma das primeiras experiências que tive nesse âmbito: na primeira escola em que estudei, os livros eram colocados dentro de um quartinho muito pequeno e escuro que permanecia trancado e vez ou outra uma professora ia pegar ali algum livro que quisesse, havia muitos livros lá de fato e até uma placa pendurada na porta sinalizando que ali era uma biblioteca, mas a representação daquilo era até de dar arrepios. Inclusive, lembro-me em alguns momentos que o mau comportamento de alguma/ algum estudante seria punido com “ficar trancado/a no quarto escuro para pensar sobre o que fez”, o quarto escuro a que a professora se referia era a biblioteca.

Diante disso, não sei se poderia dizer que esse foi o meu primeiro contato com uma biblioteca, prefiro acreditar que não, pois aquele lugar não simbolizava isso, mas de toda forma, não é uma experiência que poderia ficar

de fora desse relato, uma vez que ela se fez tão marcante; os livros ficavam em um ambiente fechado, sem iluminação, cheio de restrições, não parecia ser nada agradável, e de fato não era. É válido ressaltar que permaneci na mesma escola por muito tempo e as minhas impressões não mudaram muito, os anos foram passando e as atividades realizadas na escola foram ficando cada vez mais sérias, certa vez foi solicitado um trabalho cujo tema era bem complexo e deveria ser realizada uma pesquisa, e, por incrível que pareça, minha mãe não tinha livros que contemplassem o assunto – e olha que ela possuía muitos livros em vários cômodos da casa –, a “biblioteca” também não possuía livros sobre o tema, segundo a professora, e se tivesse, não teria nem como pegar, levar para casa então nem seria cogitado, pois se tratava de um trabalho para casa, a saída então seria ir atrás do livro que contivesse a informação.

Antes da expansão vertiginosa na internet, os livros eram considerados a principal fonte de conhecimento. Na cidade em que cresci havia uma biblioteca pública situada em um centro cultural que ainda existe hoje, bem no centro da minha cidade, mas não era um local muito popular, pois o centro vivia quase sempre vazio, era um espaço mais destinado a eventos, mas era grande e possuía muitos lugares sem movimento de muitas pessoas e com pouca iluminação, no entanto, a professora sugeriu que fossemos até o centro cultural, que lá poderíamos encontrar livros que poderiam nos ajudar, já que não poderíamos levar os da escola para casa.

Comuniquei a minha mãe que naquele local, segundo a minha professora havia uma biblioteca e que lá poderíamos nos sentar, ler, escrever e até tirar xerox, seria uma possível biblioteca. Mas para minha mãe ali era um lugar extremamente perigoso, um lugar pouco frequentado e que, inclusive, havia rumores de que as pessoas que estavam ali, iam muito mais para fazer coisas “erradas” às escondidas do que estudar de fato, mas que ali realmente havia uma biblioteca, pois havia muitos livros.

Diante de muitas recomendações e com horário severamente marcado, minha mãe permitiu que eu fosse ao tal local, eu poderia ficar ali apenas das 14h às 16h, depois desse horário lá seria um lugar muito inseguro, pois ali era um local extremamente perigoso. Claro que só de me aproximar da tal biblioteca fiquei com muito receio, eu nunca havia entrado ali, mas havia uma mulher que prontamente me atendeu, não tinha ninguém, apenas ela e claro, muitos livros e fiquei até impressionada, como eu iria achar o livro que eu queria no meio de tantos? Para mim parecia impossível, uma sensação de desânimo me abateu, até que ela me perguntou o que eu estava procurando,

falei o motivo de estar ali e ela foi diretamente ao corredor, na exata prateleira e chegou até o livro que seria o procurado, de forma rápida e certa, eu fiquei impressionada, peguei o livro como quem iria pegar em uma estrela do céu, parecia uma mágica que o primeiro livro no meio de tantos que haviam dispostos, ali seria o que de fato eu estava procurando, eu perguntei como ela tinha feito aquilo, ela simplesmente disse que cada livro tinha o seu lugar adequado e que quando eu acabasse, ele iria voltar para aquele mesmo lugar, achei aquilo fantástico.

A partir desse instante comecei a mudar minhas perspectivas do que viria a ser uma biblioteca de verdade, mas sem deixar de levar em consideração que aquele segundo minha mãe teria dito o quanto aquele lugar poderia ser perigoso, já que com o passar das horas, as pessoas sem intenções não tão nobres passariam a frequentar aquele local, mas, por fim, consegui concluir minha pesquisa, mesmo com todos os receios aquele ainda poderia ser um local mágico, mas a verdade é que a utilidade daquele ambiente estaria muito mais nos olhos e na mente de quem o frequenta.

Com base nisso, trago aqui uma contribuição de Moraes (1943) que, embora seja antiga, ainda assim tem cunho atemporal, uma vez que destaca a importância da educação e da cultura como fatores fundamentais para o desenvolvimento das bibliotecas no Brasil. Moraes sugere que as bibliotecas enfrentam desafios que vão além da simples falta de recursos ou infraestrutura, e que a raiz do problema está na falta de valorização da educação e da cultura pela sociedade brasileira. Isso implica que as bibliotecas precisam ser vistas como instituições essenciais para a formação de cidadãos críticos e conscientes, e que a educação e a cultura devem ser priorizadas como pilares fundamentais para o desenvolvimento do país. Com essa perspectiva, Moraes chama a atenção para a cultura do uso das bibliotecas que enfatizam um problema na perspectiva educacional e sociológica.

Isso traz uma reflexão muito importante sobre a cultura de ir à biblioteca por volta dos anos 2000 como algo muito mais ligado a obrigação do que ao entretenimento e a busca pelo conhecimento, talvez por isso as salas de leituras intituladas de bibliotecas dentro das escolas ainda hoje sejam um espaço cheio de controvérsias. Com base nisso é fácil observar que, em meio a tantas contradições, é preciso considerar que de fato toda escola tem pelo menos um cantinho dedicado ao armazenamento de livros e parece até óbvio que em ambientes de disseminação do conhecimento eles sejam de fácil acesso, mas as minhas experiências não encaminham nessa direção.

Mesmo com base em experiências controversas, ainda assim a leitura possuía um espaço importante na minha criação, vida e formação, e mesmo sem vivências prazerosas, ainda assim reconhecia a leitura e os livros como uma ferramenta poderosa. Costumo dizer que foram as mulheres da minha família que colocaram a mesa onde hoje posso me sentar e apreciar a vida. Delas vieram um amor e um compromisso ancestral pelo meu amor pela leitura, o que foi evidente na minha criação, nas minhas brincadeiras favoritas (escolinha era a número um); nesse contexto eu podia criar as minhas próprias experiências com os livros e nesse movimento eu percebi que, por mais que as bibliotecas que existissem lá fora, não eram as que eu esperava, mas eu poderia criar a minha. Escrevendo isso agora, me pus a refletir sobre o quanto isso foi impactante, o quanto minhas experiências, mesmo de quando pequena, já impactavam diretamente nas minhas escolhas, nos meus comportamentos e nas minhas percepções diante de tais experiências.

Nesse movimento eu percebi que, para que o conhecimento seja adquirido, ele precisa ser acessado, e esse acesso precisa ser movido por uma vontade, ele não pertence a ninguém, ele pode ser acessado por qualquer um que de fato queira, sem necessariamente precisar de algo em troca, a não ser a sua disposição ou disponibilidade. Felizmente eu cresci com isso bem forte dentro de mim. Desde a minha infância, isso sempre se fez muito presente na minha vida, e se tornou cada vez mais latente ao começar a fazer as escolhas que de fato definiram o rumo da minha vida.

Felizmente, ao progredir no meu processo educativo, tive oportunidades de ter vivências bastante interessantes. Ao iniciar no ensino fundamental II e até o final do ensino Médio, fui para uma outra escola da cidade através de uma bolsa de estudos que consegui, ela era particular e nesse ambiente as coisas eram muito diferentes, a começar pela biblioteca. Contudo, é válido ressaltar que a consciência social do espaço que eu ocupava, do que aquilo realmente significava, ainda não passava pela minha cabeça, mas eu sabia que eu não usufruía da mesma qualidade de vida dos meus colegas; logo cedo percebi uma discrepância latente ali, mas como desde pequena meu passaporte para os lugares e experiências havia sido o conhecimento e a educação, a minha percepção é de que naquele espaço não seria diferente.

Desse modo, logo percebi que a escola possuía uma biblioteca que de fato era algo impressionante: primeiro que ela ficava aberta, havia um funcionário responsável por aquele espaço, o que por si só já era algo completamente fora da realidade conhecida por mim até então, além disso, os livros po-



deriam ser locados e levados para casa, outra coisa extraordinária para mim. Desse modo, mesmo não me enquadrando na classe social da maioria dos meus colegas, isso não era problema, pois, mesmo que eu não me enturmasse com ninguém na hora do intervalo, eu teria para onde ir.

Mey (2014) traz uma reflexão muito importante sobre a grande discrepância das experiências que vivi até então, sobre a qualidade das bibliotecas em espaços públicos e privados. As bibliotecas públicas desempenham um papel fundamental nesse contexto, pois são responsáveis por oferecer recursos informacionais e apoio ao aprendizado da população. No entanto, essas bibliotecas enfrentam desafios significativos, como falta de recursos financeiros, infraestrutura inadequada e limitações no acesso à tecnologia, o que pode agravar as desigualdades educacionais. Com essa perspectiva, Mey (2014) chama a atenção para a necessidade de políticas públicas e investimentos que visem fortalecer as bibliotecas escolares públicas e garantir o acesso igualitário à informação para todos os estudantes, para que as desigualdades educacionais sejam diminuídas.

Digo isso agora com base na experiência que tive ao adentrar na universidade pública no curso de Pedagogia, o curso que escolhi com base na minha historicidade e nas experiências que tive que, sinceramente, acho que não teriam como me levar a um caminho diferenciada educação. Nesse processo, tive minha primeira experiência docente em uma escola da educação infantil do ensino público municipal da cidade em que moro, Conceição do Coité, por meio de um programa do governo que viabiliza a atuação de estagiários em espaços escolares, o chamado IEL na época, apesar das questões políticas envolvidas no programa, ainda assim era uma iniciativa governamental, ainda assim era uma oportunidade, inclusive, de ter contato com outras estruturas e formatos de bibliotecas – embora todas públicas –, ainda era possível observar uma grande diferença de estruturas de acordo com os diferentes segmentos.

Essa experiência foi um pouco breve, por opção: o contrato era de um ano, mas que poderia ser prorrogado por mais dois. No entanto, preciso colocar as questões referentes a condições de trabalho para estagiários como um tanto quanto insalubres, inclusive por falta de suporte de material didático nas escolas, pois ter livros não significa que serão livros didáticos de acordo com o trabalho pedagógico. É preciso ressaltar que estar em um curso superior e trabalhar é um desafio muito grande e que, para a maioria dos estudantes da classe da trabalhadora, não se trata de uma questão optativa,

mas uma questão de alternativa única e que, em meio a isso, cuidar do seu processo formativo é um outro desafio, as leituras sugeridas precisam estar atualizadas, os livros têm um custo muito alto e para quem vive essa realidade, as bibliotecas institucionais tornam-se se não o meio mais importante, talvez o único recurso para o desenvolvimento acadêmico.

A permanência na universidade deixou de ser de fato uma preocupação quando me inscrevi para o PIBID (Programa de Bolsa de Iniciação à Docência), promovido pelo governo federal e administrado pela CAPES, esse foi o motivo pelo qual saí do IEL, é preciso considerar que saí de um programa do governo para outro, minha permanência na universidade se deu exclusivamente dessa forma, tanto no que se refere a transporte quanto em questão financeira, isso me abre um precedente imenso para ressaltar o quanto minha formação foi dependente e proveniente de políticas públicas, o quanto elas são cruciais para a formação de profissionais sobretudo dos docentes – o acesso e, principalmente, a permanência no nível superior sempre será uma temática delicada para a população negra.

Através do PIBID pude trabalhar em uma creche do municipal da cidade de Serrinha, instituição pública que tinha um perfil de alunado muito parecido com o do meu trabalho anterior. Em meio a essa jornada, destaco aqui os diferentes formatos de biblioteca na esfera estadual e municipal – existe uma ponte que as liga, mas também as separa. Enquanto na esfera estadual, muito embora ainda seja no ensino superior, é muito discrepante as diferenças para bibliotecas em espaços educativos em esfera municipal que, inclusive, preparam, ou pelo menos deveriam, as pessoas para os espaços no Ensino Superior.

Milanesi (2002) destaca em suas pesquisas que a disparidade entre as bibliotecas de instituições estaduais e municipais é um problema significativo no sistema educacional brasileiro. As instituições estaduais geralmente têm mais recursos financeiros e infraestrutura, o que permite que suas bibliotecas tenham acesso a tecnologias avançadas, como computadores e internet, e materiais didáticos de qualidade. Já as escolas municipais enfrentam desafios significativos para manter suas coleções de livros e materiais atualizados, o que pode afetar negativamente a qualidade da educação oferecida aos estudantes. Essa disparidade pode ter consequências importantes para o desempenho acadêmico e as oportunidades futuras dos estudantes, especialmente aqueles que frequentam escolas municipais.

Transitar entre esses dois ambientes simultaneamente, tanto como

docente quanto como discente, me possibilitou ter uma vivência profunda tanto a respeito da importância das bibliotecas em espaços formativos, quanto o seu impacto no desempenho dos estudantes quando esse ambiente não é cuidado com a devida atenção. Desse modo, precisamos considerar não somente a importância dos livros no processo de ensino e aprendizagem, mas também como eles são vistos, cuidados, armazenados e valorizados pelas instituições, desse modo, o desempenho dos estudantes e suas vidas acadêmicas têm grande interferência também do ambiente no qual esse processo ocorre.

É isso que Castro (2000) reforça ao destacar a importância das bibliotecas como guardiãs do saber e da cultura. Ao preservar e disseminar o conhecimento, as bibliotecas desempenham um papel crucial na formação de indivíduos críticos e conscientes, contribuindo para o desenvolvimento social, cultural e econômico de uma sociedade. Além disso, as bibliotecas são espaços que permitem o acesso à informação e ao conhecimento, promovendo a inclusão e a igualdade de oportunidades para todos. Com essa perspectiva, Castro enfatiza a relevância das bibliotecas como instituições fundamentais para a construção de uma sociedade mais informada e culta.

Aprendi também com minhas experiências, que vontade de estudar é importante, mas não é tudo, nesse caso seria necessário encarar uma outra fase do meu processo formativo, o mercado de trabalho enquanto recém-formada, uma das fases mais complicadas e incertas da vida adulta. E esse ciclo, ele não prometia ser muito fácil. Mas antes mesmo de concluir o curso eu já havia prestado o concurso para Coordenadora Pedagógica da Secretaria do Estado da Bahia, idealizando um cenário ideal, como se essa seria a grande chance da minha vida, foi algo para qual me dediquei bastante e, desse modo, consegui a aprovação e conseqüentemente a nomeação, mas na ocasião fui designada para uma escola de Ensino Médio no território 04, situada no distrito de Algodões no município de Quijingue.

Se tratava de uma escola situada no campo, mas ainda não era considerada do campo, devido a sua formatação pedagógica e, apesar de ser bastante aconchegante, possuía uma estrutura mínima para uma prática pedagógica coerente. Em se tratando do espaço onde ficavam os livros, a sala de leituras, ainda havia muito a desejar, o lugar ficava quase sempre fechado por falta de um profissional designado para atuar no ambiente, o que, inclusive, foi um problema observado em quase todas as bibliotecas que frequentei até então, o espaço não era amplo, embora tivesse uma quantidade de livros significativas.

No entanto, um movimento de reforma e construções de novas es-

colas na rede estadual de ensino do estado da Bahia, trouxe uma nova perspectiva de estrutura de instituições educacionais e, consequentemente, de bibliotecas. Estava ocorrendo um movimento em todo o estado da Bahia de grande investimento financeiro nas estruturas e recursos pedagógicos direcionado para as escolas públicas da rede estadual, diante disso, em meados do ano de 2023, a escola ganhou um novo prédio segundo os altos padrões estabelecidos pelo estado. Seria a escola dos sonhos? A biblioteca dos sonhos? Tudo indicava que sim.

### **A biblioteca dos sonhos...**

Com uma nova estrutura de escola, veio também uma nova estrutura de biblioteca, o que simboliza por si só um grande avanço. Porém, é imprescindível deixar claro que essa escrita não visa defender ou ignorar as lacunas que mesmo as novas estruturas educacionais do estado ainda possuem, as ressalvas ainda existem e não precisamos ver isso como uma benevolência estatal apenas, mas se tratando dos ambientes anteriormente vistos e ditos como bibliotecas, é preciso reconhecer que houve um grande avanço no que se refere a estruturas e um olhar mais cuidadoso e minucioso a respeito dos títulos e de seus quantitativos que, na maioria dos casos, eram sempre insuficientes para trabalhos pedagógicos mais profundos dentro e fora da sala de aula, que alcançassem todos os estudantes de uma mesma turma. Mas aqui é válido ressaltar o quanto a estrutura da nova biblioteca destoava das demais e o quanto isso precisa ser socialmente celebrado.

No coração do sertão nordestino, onde o sol se põe em tons de fogo e o vento sussurra segredos antigos, ergue-se uma escola que é um refúgio de saber e sonho. Nela, a biblioteca é um santuário de palavras e sabedoria, um lugar onde o tempo parece parar e o mundo se encolhe entre as páginas de um livro. Se trata de um espaço que usufrui de acessibilidade, o acesso à biblioteca pode ser feito tanto através de escadas como rampa, promovendo o acesso a todos como somente um ambiente que guarda e expõe livros pode oferecer. É um espaço gigante, oferece aconchego a quem ali estuda e a quem por ali mora. O espaço ocupa os dois andares do prédio, um andar dedicado a momentos de leituras com esteiras feitas de sisal, um fio cultivado e apreciado por todos da região, e almofadas coloridas espalhadas pelo chão, o que por si só proporciona um ambiente aconchegante e acolhedor. Todo o espaço conta com climatização e uma vista inspiradora do sertão do conselheiro, apelido carinhoso dado a localização da escola.

No piso de baixo estavam as prateleiras com os livros, que continham por volta de 2.000 títulos, alguns em quantidades significativas para serem trabalhados com turmas inteiras. Os docentes e discentes tiveram uma grande participação na escolha desses títulos, pois havia uma preocupação em atender demandas de discussões locais, principalmente sobre as questões identitárias no que se refere a questões raciais e pertencimento ao espaço do campo, que são as questões mais latentes do espaço escolar.

Ao adentrar nesse ambiente percebemos que existe uma magia, onde as palavras têm o poder de transportar os leitores para mundos distantes e desconhecidos. É um refúgio para os que buscam conhecimento, inspiração e sonho. Nele, os estudantes encontram não apenas informações, mas também a capacidade de sonhar, de imaginar e de criar. Nesse santuário de saber, o sertão do conselheiro se encontra com a sabedoria universal e a deixada por ele, os livros se tornam pontes entre o passado e o futuro, entre o local e o global. Esse ambiente é um lugar onde o amor pela leitura e pelo conhecimento é cultivado, e onde os estudantes podem se tornar os construtores de seu próprio destino.

O espaço ainda conta com decoração especial: uma parede com plotagem da linha do tempo da literatura baiana e brasileira, além de computadores disponíveis com internet para uso livre dos estudantes – parece, sim, com a biblioteca dos sonhos e que de fato idealizei como o portal para o paraíso. É inegável os avanços e melhorias presentes nas bibliotecas de nossas escolas, tenho a sensação de que esses espaços e os livros finalmente têm recebido um tratamento adequado, no entanto, é necessário considerar os caminhos que ainda precisamos percorrer, o espaço ainda não fica aberto todo o tempo considerado como adequado, isso porque, mesmo com melhores bibliotecas, ainda há uma questão importante. Muitas das vezes esses espaços não são ocupados como deveriam, gozam de uma estrutura extraordinária, mas ainda falta algo muito importante, lhes falta vida, movimento humano! A começar por um profissional que de fato esteja disponível e seja qualificado para cuidar e guiar o processo educativo nesses espaços.

Rezende (2012) fala de como a biblioteca escolar desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, mas, para que isso ocorra de forma eficaz, é necessário que seja gerenciada por profissionais qualificados. Esses profissionais são responsáveis por desenvolver e manter as coleções de livros, periódicos e outros materiais didáticos, garantindo que sejam relevantes e atualizados. Além disso, eles também apoiam os professo-

res e estudantes no processo de ensino-aprendizagem, ajudando a desenvolver habilidades de leitura, pesquisa e pensamento crítico. Com profissionais qualificados, a biblioteca escolar pode se tornar um espaço dinâmico e acolhedor, que fomenta o amor pela leitura e o aprendizado, e contribui para o sucesso acadêmico dos estudantes, o que ainda é uma grande carência desses espaços.

As bibliotecas devem ser um espaço onde podemos mergulhar em mundos de conhecimento e imaginação, a sensação de descoberta ao encontrar um título novo, o silêncio acolhedor que permite a reflexão e o estudo, são detalhes que permeiam a construção do conhecimento que ocorre dentro desses espaços, no entanto, precisamos considerar que nem sempre essa é a realidade, e se ela não é satisfatória, não podemos nos esquecer que sempre temos a opção, e em alguns casos até o mesmo o dever de mudar.

As diferentes experiências que tive dentro desses espaços, contribuíram de forma extremamente significativa para a minha formação pessoal e profissional. As bibliotecas não são apenas depósitos de livros, mas sim espaços de crescimento, de aprendizado e de conexão com a humanidade. Neste memorial, busquei registrar as vivências e memórias que construí dentro dessas instituições, e espero que essas palavras possam contribuir de alguma forma para que possamos olhar para esses ambientes com mais cuidado e magia, para que assim eles possam ser vistos como mágicos por outros olhos também.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Augusto Cesar. **História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Desafios da biblioteca escolar no contexto da educação básica**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 10, n. 2, 2014.

MILANESI, Luis. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MORAES, Rubens Borba de. **O problema das bibliotecas brasileiras**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

REZENDE, Lilian Maria Araújo de. **A biblioteca escolar e o desempenho acadêmico**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

# O Acesso a Bibliotecas: Pré-requisito Necessário no Processo Formativo dos Sujeitos

*Petrônio Pinho de Oliveira*

## Introdução

Os processos que constituem a construção da escrita perpassa por diversas dimensões do conhecimento humano, não é apenas a habilidade técnica de caligrafar, de codificar símbolos para decodificar pensamentos, mas vai além, é uma maneira de comunicar-se, expressar-se, transmitir ideias, criar diálogos. Embora haja comprovações biológicas na neurociência que afirmam a linguagem como algo natural, os circuitos neurológicos condicionam a predisposição para o aprendizado da fala, assim como o andar. No caso da escrita não! Ela precisou passar por vários estágios de aprimoramento (as pinturas rupestres, como forma primitiva da escrita, os símbolos africanos do Egito antigo, como forma de comunicação para a vida em comunidade. Nesse sentido, todo tipo de escrita é uma tecnologia.

O ato de escrever vai gerar disparadores emocionais e do vivido, do que é lido da sociedade. Essa concepção busca fugir da ideia de inspiração para a escrever, pois, se o ato de escrever não é algo natural em si, assim como também não o é o ato de ler, então a escrita torna-se um exercício de cultivo da arte e da cultura para o seu aprimoramento. Assim, uma escrita pro/ativa tem a intenção de trocar o sujeito inspirado pelo sujeito autor, ou seja, aquele que reinventa, aciona seu intelecto enquanto movimento fluido das suas percepções para ativar novas ideias<sup>3</sup>.

Dessa forma podemos concordar que, o ato de “escrever” significa colocar a língua em movimento, em salto, em devir. É, enfim, colocar a língua na corda bamba, ou, melhor dizendo, na travessia” (Ferraço; Soares; Alves, 2018, p. 173). Essa habilidade sobre como organizar as ideias e conceituar, implica tornar visível a mensagem pela decodificação do que se quer registrar, tornar visível o pensamento, narrar o movimento das coisas com criticidade histórica. O importante ao descrever experiências, é que não são apenas

---

<sup>3</sup> VASCONCELOS, Nívia Maria. Ministrante da *Oficina de escrita pro/ativa: Expressão, crítica e criação no mundo em movimento*. Curso de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade. UNEB, Campus XIV. Maio de 2025.



os acontecimentos de um indivíduo, mas dos sujeitos, que por meio delas, aparecem e dialogam. Joan Scott afirma que, o “torna-se visível”, é saber que, narrar experiências não deve apontar apenas para nossa explanação, mas evidenciar o que queremos explicar a partir de um contexto histórico (Scott, 1998, p. 304).

Ao experimentar escrever minhas vivências, e, confiando na memória longínqua de um passado não muito recente, pretendo não deixar escapar as memórias do tempo presente que sem dúvidas dão sentido aos acontecimentos do passado. Minha intenção não é apenas narrar os acontecimentos sem um desfecho crítico sobre eles. Embora seja quase involuntário narrar os fatos de modo simplório, pretendo discorrer sobre os acontecimentos da minha trajetória, de modo a possibilitar interações dialógicas entre leitor/a, e escritor, para que, ao autobiografar-se, possa ir costurando vivências enquanto sujeito participante no tecido das relações históricas, possibilitando o diálogo, um conhecimento compartilhado em suas diferenças e singularidades. Portanto, o que se quer criar são mecanismos desenvolvedores para a escrita proativa no sentido de desengessamento do seu processo constitutivo, e a estratégia para um trabalho memorialístico deve partir do eu para ir além do eu.

## A importância do nome na construção da subjetividade do sujeito

Apresento-me falando do surgimento de meu nome, e começo por ele por entender que nossa identidade é construída também a partir do nome. No meu caso, isso foi determinante porque, de algum modo, entendia que meu pai, ao me dar esse nome bem antes do meu nascimento, trazia nele uma força e uma energia que me impulsiona a ser forte, resistente como pedra. *Petrônio* vem do latim, *Petrus* = pedra, rocha. Mas ao entender que as pedras, mesmo sendo sedimentadas, fortes e firmes, elas se movimentam, deslocam de seu lugar no tempo e espaço, criam fissuras e se dividem em partes menores para se encaixar nas fendas que o tempo faz. Portanto, ao ser firme e resistente, também pode se quebrar para se adequar ao alicerce que a vida requer.

Euclides da Cunha, em sua obra *Os sertões* (1902), disse que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Para falar de minhas experiências, e não querendo ficar apenas numa narrativa, pretendo fazer um caminho construído a partir de minhas memórias mais saudosistas, sem a preocupação de contar tudo, pois ciente estou de que algumas coisas ficarão à margem ou passarão despercebidas. Aos leitores, peço que me compreendam!

Quando cito Euclides da Cunha, é para aludir ao homem do campo, e nele enxergo meu pai. Waldomiro Rodrigues de Oliveira, eu coloco esse ser humano no rol desses tantos sertanejos fortes, que na labuta diária procura o pão para o sustento dos seus entes. Meu pai possui características únicas, no seu potencial físico, foi durante toda a vida um homem do campo, um nordestino incansável, um lutador, fiel à família, de um caráter necessário; no seu potencial intelecto, um bom compositor; na cultura e na arte expressa pela musicalidade do mestre Luiz Gonzaga presente na sua voz e na sua mente, refletia a sabedoria de um sertanejo sofrido, mas esperançoso; na sua potência de espírito um temente a “Deus” (deus cristão do catolicismo) em quem deposita sua fé inabalável.

Hoje, aos 90 anos, seu potencial físico está enfraquecido pelo peso da idade, e debilitado ainda mais por um AVC (Acidente Vascular Cerebral) que paralisou suas pernas, deixando sequelas, mas sua força interior ainda se faz viva, mesmo nas expressões de um olhar e um rosto sofrido pela enfermidade, cansado pelo peso dos anos. Mas ainda assim, um forte! Meu pai nunca me disse ao certo o porquê da escolha de meu nome, sua idealização tem sido formada desde a gestação embrionária no ventre materno de minha mãe.

E assim escreveu versos, pôs melodia própria, musicalizou e cantou, palavras que jamais esquecerei, porque me encantam até hoje.

**“A chegada de Petrônio**

**[...]. Não adianta pensar pelo menino,**

**Vamos pensar pela sorte e o destino, ô!**

**Não adianta pensar pelo menino,**

**Vamos pensar pela sorte e o destino!**

Não se sabe o que ele vai fazer,

Não se sabe o que ele vai pensar,

Não se sabe o que pode acontecer,

Não se sabe se ele vive de chorar,

Não se sabe se ele vive sorrir,

Pode até ele viver de cantar!

**[...]. Não adianta...**

Quem sabe pode até ser um vaqueiro,

Quem sabe pode até ser um doutor,

Quem sabe pode até ser um poeta,

Quem sabe pode ser um locutor.

Quem sabe pode até ser um ninguém

E fazer o bem a fim de ganhar valor!

Não adianta pensar pelo menino,

Vamos pensar pela sorte e o destino, ô!”<sup>4</sup>

A música narra a busca por um alento frente às dificuldades de uma gestação de risco. Aos 42 anos de idade minha mãe me gerou, considerada avançada na idade para tornar-se mãe e por problemas de saúde durante toda sua vida, a dona de casa Josefa Pinho de Oliveira não acreditava que ainda seria possível para ela conceber e dar à luz uma criança. Temia os riscos de uma gravidez tardia e pensava que mesmo se ela viesse, poderia não ter tempo de ver o seu filho crescer, tornar-se adulto! Por ter uma saúde frágil, não vislumbra chegar até aqui e ver seu filho nascer, crescer, desenvolver-se..., lhe dar um neto, algo inimaginável naquelas circunstâncias! Assim como dizem os versos da canção, a chegada de Petrônio trouxe admiração, “*suas tias disse até parece um sonho*”, mas para meu pai era algo aguardado, possível. E o destino quis que assim fosse.

<sup>4</sup> Composição musical: Waldomiro Rodrigues de Oliveira, 1986.

Meus pais sempre foram pessoas de fé, católicos fervorosos, levaram-me ao altar da igreja junto com meus padrinhos (Miguel Dominiense (*in memoriam*) e Catarina) e perante as testemunhas, para que eu fosse batizado segundo o dogma da Igreja Católica, que deixasse de ser criatura e me tornasse um “filho de Deus”, embora isso não faça mais parte da ideia que tenho sobre a concepção do divino, porque penso que o transcendente salta às explicações mitológicas de quem quer que seja.

As famílias (Pinho materna e Oliveira paterna) quiseram se unir com laços de afeto e amor, de cumplicidade e caráter. Creio que a intenção de meus pais ao me batizar não era apenas para que eu me tornasse um “cidadão do infinito” como diz um canto católico, comprometido com a fé, com a alma do homem, mas também um cidadão do finito, comprometido com a história, com os corpos humanos.

E assim, como diz o canto de Pe. Zezinho que eu diversas vezes cantava na Igreja, nas pastorais e movimentos, “vou semeando por entre o povo, e vou sonhando este mundo novo”. Acredito fielmente que esse desejo de semear a paz, de semear ideias para transformação social, ou seja, em qualquer ambiente, educacional, político e social, faz parte das minhas utopias, de um ideal que aponta para caminhos onde todos nós devemos seguir, independente da crença, da militância e do lugar social que estejamos inseridos.

Ao ser batizado na Igreja Católica da Comunidade Senhor do Bonfim no Distrito de Almas – Conceição do Coité-BA, parece que fui profundamente emergido no seio do catolicismo da comunidade, desde então cresci nesse ambiente cristão católico e ali pude experimentar muitos aspectos do aparato religioso católico cristão, desde suas visões conservadoras, até as quase invisíveis partes progressistas que existem dentro de alguns setores da Igreja Católica do Brasil. Na Comunidade Católica Senhor do Bonfim de Almas, pude ser participativo, e, militando nas suas bases progressistas, acreditava estar (parafraseando Raul Seixas): “contribuindo com minha parte para nosso belo quadro social”.

Hoje, os atravessamentos de movimentos católicos cada vez mais conservadores e midiáticos, e cada vez menos socializadores, fizeram-me desacreditar no poder transformador que a Igreja pode influir frente a realidades de uma sociedade injusta e desigual. E então descontinuar a caminhada de cristão militante tornou-se um protesto contra mim mesmo. Com a “renovação dos carismas” que a Igreja Católica do século XXI tem proposto como avivamento espiritual que não busca dialogar com a diversidade, não comunga

com as culturas, não acolhe um projeto de nação para a classe trabalhadora, veio uma separação proposital entre fé e vida no sentido do ser social, o que me desestimulou completamente, e resolvi deixar de acompanhar a Igreja desde então.

Dessa forma, essa questão de minha reviravolta para com as concepções religiosas está sendo uma ruptura gradual em minha vida, a qual não tem me causado nenhum desconforto pessoal – talvez nos outros, os próximos a mim que não entendem e não aceitam tal decisão. Por outro lado, há outros que, ao saber do meu desligamento com a religião, com a prática ritualista do catolicismo, ao menos procuram compreender as minhas rupturas, fazem parte do processo e que vão moldando o sujeito em posicionamentos diversos, ativo e reativo, engajado e propositivo em cada fase da vida. Atravessar nos acontecimentos, tanto no sentido de remodelar sua ação transformadora, quanto no sentido de avançar a partir daquilo que já se tem enquanto pessoa.

### **O lugar como ponto de referência formativa do sujeito**

O Distrito de Almas, localizado a 18 km de Conceição do Coité na BA-120, lugar onde cresci e vivo até os dias atuais, tem na sua alma as práticas das tradições culturais, como: a Alvorada Junina e Reisado de Moças [em atividade no momento], as crenças religiosas, das Comunidades Cristãs – Católicos e Evangélicos, das artes (Artesanato Mulheres de Fibras, Quadrilha Moderna Junina), do futebol (Bahia de Almas e Almax), e conta com a participação popular nesses ambientes, mantendo-as vivas! Posso me orgulhar dessa minha terra, pois, aqui aprendi a compartilhar saberes e essa troca de conhecimentos e riqueza cultural me estimulou a dar frutos significativos; para citar alguns: compondo músicas, como “Alvorada em Almas”, que se tornou um hino cultural da comunidade; as composições e interpretações na viola com o grupo do Reisado; a fundação de um time de futebol amador (Almax), entre outras participações de relevância para a vida em comunidade.

Mas antes das minhas decepções catequéticas de então, vivi um período de entusiasmo religioso ao participar dos movimentos sociais e progressistas promovidos e incentivados por duas figuras importantes que passaram pela “igreja de Coité”, os padres Luiz Rodrigues e Elias Cedraz (passagem conturbada por conflitos com grupos políticos da cidade [ver trabalhos de Cristian Barreto Miranda – Saber Aberto – UNEB])<sup>5</sup>. Essas figuras religiosas,

5 Saber Aberto: Repositório Institucional da Universidade do Estado da Bahia. UNEB. Disponível em: <https://saberaberto.homologacao.uneb.br/home> Acesso em: 23 maio 2025.

ao adotarem uma catequese litúrgica de viés progressista, me estimularam a militar no grupo de jovens JJS (Jovens Jesus Salvador) e na PJ (Pastoral da Juventude – Coité).

A minha maior influência foi com o Pe. Elias, que, mais especificamente na minha adolescência, se deu de modo mais forte à medida que se tornou pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, e dando continuidade ao trabalho pastoral de Luiz Rodrigues, tratava a religião também como espaço para as práticas da política social. Com o Pe. Elias pude participar mais ativamente dos movimentos da Igreja que quase sempre culminam com a inserção nos movimentos sociais da cidade, para lembrar os mais importantes como: Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Agricultura Familiar, Grito dos Excluídos e Semana da Cidadania. Toda essa vivência de jovem cristão que buscava um comprometimento com o social, foi certamente alimentada pela prática sacerdotal e de uma liturgia incorporando à cultura as realidades de um povo que o Pe. Elias nunca deixou de exercer.

O Curso de História foi um divisor de águas na minha trajetória, pois ampliou horizontes e pôde aclarar caminhos que até então estavam vendados pelo dogmatismo religioso que na minha realidade e concepção de mundo, insiste em doutrinar pessoas, e a cada dia tornando-se mais neoliberal, midiático e distante dos movimentos sociais. A faculdade não me trouxe inquietações porque elas já existiam, mas me despertou a vontade de adquirir mais conhecimento sobre a historiografia, e com ela veio o desejo insaciável de estudar as relações entre Religião e Política, que virou tema da minha monografia: “Religião e Política no território do sisal: A trajetória do Pe. Elias e a sua atuação na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité entre 2001-2009”.

Entretanto, o contexto político-socioeconômico local sempre me trouxe inquietações, principalmente no que se refere à participação cidadã dos moradores num aspecto político-social mais amplo. Só para citar um fato importante sobre o lugar dos sujeitos nesse contexto social, político e econômico do distrito de Almas, quero me reportar aos trabalhadores do campo, aqueles que lidam com a terra, no cultivo da agricultura e pecuária, que diminuíram drasticamente suas produções de feijão e milho, cereal mais produzido no sertão da Bahia, especificamente aqui neste lugar.

Seu enfraquecimento na produção podemos dizer que se dá devido, primeiro, aos constantes ciclos de estiagem, consequência de um largo desmatamento do bioma caatinga na região ao longo dos anos, sendo mais acentuado a partir das décadas de 80 e 90 do século passado; segundo, junto ao

desmatamento, a ampliação da pecuária na criação de gado por fazendeiros ao redor da comunidade, com as seguidas e periódicas inserção de agrotóxicos nos pastos (inseticidas no combate a lagarta no capim e ervicidas no combate as ervas e plantas típicas da caatinga), causando a morte da vegetação nativa e um brutal desequilíbrio na natureza. É importante dizer que os efeitos devastadores do agronegócio nunca estiveram distantes de nós.

Voltando à questão do sisal, no que se refere a produção da matéria-prima (fibra) desde o plantio do agave (espécime da planta do sisal) o processo da extração da fibra, que passa por um longo processo no motor de sisal, até o corte da palha do sisal; o transporte da palha do sisal para o motor (via jumento); o desfibramento na máquina (processo chamado de cevação); a retirada dos resíduos; o recolhimento das “bonecas de sisal” para a pesagem; do transporte para secagem (via jumento), da secagem no campo de fibra; do recolhimento da fibra seca e armazenamento; do transporte para as bate-deiras em veículos de carga; e por fim, da pesagem da carga e venda da fibra ao empresário dono da fábrica (Batedeira) para o beneficiamento da fibra e a sua exportação para o mercado estrangeiro. Tudo isso passando por condições precárias e insalubres aos/as trabalhadores/as.

São essas condições de degradação do meio ambiente, com o desmatamento e mais tarde com os agrotóxicos, como também as condições ruins de trabalho para os trabalhadores do campo, que me trazem indignação, e que me fazem refletir sobre o papel da educação na vida das pessoas que aqui vivem. Como a educação pode transformar o modo de pensar de um povo para poder agir de modo crítico e emancipador dentro sua realidade? Tenho a nítida impressão de que há muito o que ser melhorado no âmbito educacional para se iniciar um projeto humanitário emancipador.

Apesar desses percalços que afetaram e afetam o desenvolvimento do campo na região, a economia vem se mantendo estável, principalmente para os donos dos meios de produção da região (terra e fábrica de sisal). Esses empresários conseguem sustentar a economia local, a partir da compra da fibra do sisal a preços baixos, fazendo de certa forma a economia girar. No entanto, a estagnação de preços baixos sobre o quilo do sisal, e a consequente mão de obra barata não trouxe melhorias de vida para os trabalhadores operários do motor sisal. Para os pequenos agricultores, as constantes estiagens fizeram migrar da produção de grãos para a pequena pecuária de caprinos e ovinos, o que tornou o consumo da carne de criação um produto mais viável para o sustento das famílias.

Voltemos à questão da educação enquanto premissa para minha trajetória e o desejo pela obtenção do conhecimento. Eu me reporto ao estudo da História, ela me encanta, pois estuda a atuação do homem no tempo. Optei por essa disciplina para minha formação acadêmica, também pelo seu caráter autocrítico, que estimula para a constante reflexão no mundo e do espaço em que se vive. A relação em que subjazem passado-presente, e o entendimento desse processo, auxiliam na construção de um futuro melhor. Entretanto, sempre imaginei que o curso me revelaria tudo sobre História. Imaginava que os professores iriam “mastigar” o conteúdo para nós, e que eu sairia de lá pronto para dar aulas.

Ledo engano, a história me mostrou o quanto não estamos prontos, nem somos detentores do saber na sua completude, que tudo é um processo de contínuo aprendizado. Lembro-me muito bem da fala do professor Eduardo Borges no quinto semestre: “você jamais sairá daqui historiadores!” Claro que ele não quis dizer que não sairíamos formados, licenciados, mas que só a práxis da vida docente e de futuros pesquisadores iria nos tornando historiadores. Suas palavras causaram incômodo e inquietude, mas serviram para aguçar ainda mais meu senso crítico diante do mundo e das coisas.

Apesar de não ter feito o curso de magistério e ter optado pela formação geral ofertada no ensino médio, estimulado pelo anseio do primeiro emprego (ilusão de mercado) e a desvalorização do professor, minha visão foi desviada para o início de uma carreira docente, pelo menos por um tempo. Algo de que me arrependo muito. Mas continuei a estudar e trabalhar, e a entrada na universidade mudou a minha visão de mundo. A coisa agora com certeza é outra! O curso aguçou ainda mais meu senso crítico, e a busca por novas descobertas no campo historiográfico me impulsionaram a ir mais além. No que se refere a mudança na minha concepção sobre a religiosidade, passo a enxergar como um fenômeno evolutivo da espiritualidade, a medida que o ser humano vai adquirindo conhecimento de si mesmo, vai consequentemente não sentindo tanta necessidade de ser conduzido por dogmas e crenças religiosas para alcançar a plenitude de sua espiritualidade.

Não insinuo aqui que deixei de crer numa força maior, mas não consigo hoje ter o mesmo olhar que tinha antes sobre as religiões. É difícil quebrar paradigmas, exige de nós um esvaziamento do nosso “eu” para que o “nós” da diversidade apareça e faça sentido, abrir-se para o conhecimento. Agora sei que nesta longa caminhada é preciso buscar cada vez mais conhecimento. Caminhar com seus próprios pés! Sem desprezar os caminhos que já fo-



ram desbravados por outrem. E isso é entender que nem tudo o que conheci poderá atender a todos os meus anseios e expectativas, naturalmente talvez nunca atenda. No entanto, o conhecimento acessado é sempre fundamental para minha formação docente. Agradeço a todos que contribuíram nesse processo.

A trajetória de vida acadêmica não é fácil, porém, com os pés no chão, e sem desprezar minhas utopias, tenho seguido caminhando. Repito, sem desprezar utopias, acredito numa sociedade melhor, pois se não for esse o propósito de ser professor comprometido com a sociedade, não vale a pena continuar. Ao longo das aulas no mestrado, pude observar e compreender a dimensionalidade do campo docente, e tudo que exige a profissão no mundo contemporâneo. Ser professor sempre será um desafio, portanto, é preciso acreditar sempre no poder de transformação social presente na educação. E com ela reinventar-se!

### **Fragmentos de Experiências nas Bibliotecas Escolares: uma construção do saber**

*“Quem lê sabe mais!”*  
(Autor desconhecido)

Poderemos convir que a *apropriação do saber* acontece de diversas maneiras, e nessa diversidade, gostaria de destacar duas formas que considero importantes nesse processo de adquirir conhecimento. Uma sobre a ideia do “saber” que pode se dar pelo acesso aos livros. A primeira forma, destaco, o conceito de letramento que, entre outras coisas, proporciona na trajetória do sujeito a apropriação do saber a partir dos estudos em áreas do conhecimento científico, que abre possibilidades de ascensão curricular, da carreira acadêmica, da valorização do *status quo*, como poder simbólico, que, “a cultura legítima funciona como capital simbólico, cuja posse e domínio são diferencialmente distribuídos segundo as classes sociais, e cuja transmissão escolar mascara essa desigualdade sob a aparência de mérito” (Bourdieu, 1992, p. 11). E uma segunda forma que enfatizo, que é sobre a ideia de que “o saber empírico é aquele obtido pela prática, pela experiência cotidiana, baseada na observação direta dos fatos” (Chauí, 2000, p. 220) que se baseia na compreensão da realidade pela experiência, que também é uma apropriação do saber, que pode ser aqui entendido como sabedoria popular.

Ambas são constituídas em cada página da vida através de acontecimentos, do que nos acontece, que nos atravessa, que redefine a caminhada, muda a trilha, que transforma/ação. Se formos pela ótica do poder transformador que os livros trazem às pessoas, podemos assumir que os que mergulham no universo da leitura sempre terão oportunidades de saber mais? De fato, a leitura nos impulsiona a descobertas importantes para o nosso ser vivente no mundo. Ela nos arrasta para dimensões outras que levam a um entendimento do real (histórico) ou do irreal (fictício). Trago essa indagação sobre a importância da leitura para provocar reflexão sobre o valor científico e da experiência de vida. Mas me parece óbvio que os que leem mais, têm mais conhecimento, e por isso acessam mais o conhecimento.

Entretanto, compreende-se que essas experiências, tanto sobre o acesso ao conhecimento científico ou pelas vivências do cotidiano, formam o “saber” de cada indivíduo, esses saberes tornam-se condição indispensável, uma vez que o saber empírico aparece como relevante na formação do sujeito tal qual o conhecimento científico é.

A educação tem sido o meio pelo qual o acesso à leitura torna-se indispensável. Pois o conhecimento literário abre espaços para o desenvolvimento dos saberes através do acesso a um método de literatura progressiva. Ter uma vida baseada na prática da leitura (literatura), e da leitura (mundo) resulta no fato de adquirir os conhecimentos necessários à vida, que estão nos livros e que estão nos acontecimentos do cotidiano, onde ambos com certeza abrem novos horizontes, novas perspectivas para aqueles que estiverem atentos.

É sobre esses caminhos de possibilidades que farei uma autoanálise sobre os atravessamentos em minha trajetória de estudante e dos acontecimentos que me levaram à busca da leitura, ou em momentos de acesso a bibliotecas ou fora de seu alcance. Quero lembrar que os fatos que tentarei narrar não pretendem esgotar as possibilidades de interpretação, até porque são fragmentos de acontecimentos ao longo de minha trajetória, e que, ora passavam por páginas escritas (dos livros), ora por vivências outras (as experiências do cotidiano). Essa relação não se dissipa, pelo contrário se mistura, pois estão diluídas na composição do ser vivente no mundo real. Quero deixar explícito que não se trata aqui de fazer a defesa de um ou de outro aspecto sobre a apropriação do saber, mas abordar as experiências do cotidiano que contribuíram para que eu chegasse até aqui. Portanto, “Tornar o movimento visível quebra o silêncio sobre ele, desafia noções prevaletentes e abre novas possibilidades para todos” (Scott, 1998, p. 298).

## **As experiências no campo como maturação para uma aprendizagem significativa na trajetória escolar**

Para chegarmos à centralidade objetiva desse texto, que é ressignificar minhas experiências sobre minhas vivências em bibliotecas, peço licença ao/a leitor/a para revisitar e consultar minhas memórias afetivas. E o que primeiro vem à mente é a minha infância, mais especificamente as lembranças dos acontecimentos quando eu passava uma parte do tempo com meu pai na roça (sempre no contraturno escolar). Um lavrador no sertão baiano do Nordeste brasileiro, que viveu sua vida inteira num lugar de difícil lavoura, pois o sol domina as estações do ano, fazendo a temperatura ser mais quente, onde o calor e a terra seca desafiam a força do sertanejo.

Lembro-me de uma frase que costumava me dizer, quando na roça ele me ensinava a labutar nas lavouras, na derrubada de uma árvore para poder preparar a terra para o plantio (ação com certa ignorância quanto ao conhecimento ecológico, mas necessária para a sobrevivência, para subsistir). Já adolescente, com o machado nas mãos, orientava-me o corte da árvore, dizendo: “faça ponta de lápis”! Essa frase soava cômica, e para mim naquele momento não alterava seu sentido semântico, mas, agora, me traz atravessamentos fazendo-me refletir que: apesar dele me levar para a labuta na roça, não deixava que eu faltasse à escola, nem permitia que eu não me dedicasse aos estudos. O “faça ponta de lápis” implicitamente movimentava em mim o sentido de que o instrumento que ele queria que me apropriasse durante minha vida adulta, não era o machado, mas o lápis, a caneta!

É nesse ponto que afirmo que o trabalho camponês realizado por meu pai desenvolveu empiricamente uma espécie de “pedagogia de alternância”, o que me levou a compreensão de que a vivência no campo e na escola me proporciona reflexões sobre a vida, sem a qual eu não evoluiria nas minhas concepções educativas, sobre o meu papel para com a escola e para com a sociedade. Pois é aquilo que afirma Caldart (2002, p. 18): “A pedagogia da Alternância é uma proposta que busca articular o tempo escola e o tempo comunidade, permitindo que os sujeitos do campo construam conhecimentos a partir de sua realidade”.

Vou escrevendo e outras memórias vão surgindo, me fazendo relembrar fatos importantes, de formação humana como o citado acima. Quando mais novo, sempre no contraturno das aulas, antes do meu ingres-

so no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil),<sup>6</sup> e aqui um fato curioso: até hoje não entendi o porquê que só foi aprovada minha entrada no programa após os doze anos de idade, sendo que meus colegas em sua maioria entravam aos sete anos de idade no PETI. Meu cadastro vinha sempre negado pelos órgãos públicos, mesmo eu sendo de família de baixa renda. As entidades governamentais e órgãos responsáveis pelas políticas públicas da minha cidade pareciam não ter critérios na hora das análises sobre os meus direitos enquanto estudante de escola pública.

Voltando à minha infância no campo, meu pai sempre que podia me levava para a roça, quando eu não escapava para brincar (risos meus), eu tinha que o acompanhar nos afazeres do campo, cultivo da terra e cuidar do gado. Por ser ainda criança pequena, ele me poupava dos trabalhos da roça, mas não me poupava da sabatina diária. Então meu pai, um semianalfabeto que só tinha a 4ª série do ensino fundamental, aproveitava o turno oposto da escola para me levar para a roça, onde me colocava na sombra de uma árvore enquanto destocava o pasto (retirada da erva daninha com instrumento chamado enxadete), e fazia a lição da tabuada, perguntando e eu respondendo à sabatina, das quatro operações da matemática, disciplina na qual ele tinha mais afinidade. Quando eu não acertava a resposta, ele me ensinava a correta e continuava.

O trabalho na roça não roubou de mim o tempo e o vigor para estudar. Posso afirmar que o trabalho que desempenhava na roça não se caracterizava como trabalho infantil, porque meu pai – e com a atenciosa ajuda de minha mãe que, de certo modo, auxiliou no meu processo de alfabetização, ensinando-me a ler e escrever, falarei desse processo mais à frente –, sempre deixava claro onde eu deveria estar e para onde eu deveria ir, e ficava fácil entender que os estudos eram imprescindíveis na minha vida. A partir daqui traçarei um relato ainda mais narrativo sobre minhas experiências enquanto estudante e quanto ao meu acesso a bibliotecas ao longo de minha trajetória estudantil.

Desde a minha entrada na escola, ela nunca foi algo que me causava repulsa ou desânimo, pelo contrário, estar no ambiente escolar era algo pra-

<sup>6</sup> O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) foi criado em 1996 como uma ação do Governo Federal do Brasil, com o apoio da Organização Internacional do Trabalho (OIT), para combater o trabalho infantil em diversas formas. O PETI é a principal política pública para erradicação do trabalho infantil no país, promovendo ações de transferência de renda e trabalho social com as famílias. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/servicos-e-programas/acao-estrategica-do-programa-de-erradicacao-do-trabalho-infantil>. Acesso em: 1 jun. 2025.

zero para mim. Desde sempre enxerguei o espaço escolar como um lugar lúdico, de diversão e de aprendizado. Ao ingressar na escola aos 5 anos de idade, sentia pouca dificuldade com as tarefas escolares, pois já estava sendo alfabetizado por minha mãe até os quatro anos, o que me levou a me firmar na vida escolar e aumentar meu prazer em estar na escola, e com o passar dos anos e das séries fui me constituindo um ser em busca do conhecimento.

A Educação na minha cidade até a década de 1990, como em todo o Brasil, era algo muito precário, sem recursos suficientes, e o acesso aos livros era bem limitado. Na falta de uma biblioteca na escola que eu estudava, só restavam as leituras direcionadas dos livros didáticos, mas, já alfabetizado e engatinhando nas letras, os contos e historinhas que apareciam nos livros didáticos eram o recurso que minha mãe encontrava para que eu lesse antes de ir brincar, a leitura era obrigatória. Isso realmente exercitava minha prática de leitura. Foi assim durante todo o ensino fundamental I na Escola Zeferino Carneiro do povoado Almas, atualmente Distrito de Conceição do Coité.

Isso posto, não posso deixar de citar a vivência na igreja católica nesse período; ainda criança também era sumariamente estimulado pela minha mãe a escrever bilhetes para ler nos dias das mães na igreja. No início, ela mesma criava os versos e me ajudava a escrevê-los, depois fui crescendo e pude eu mesmo criar mensagens de dedicatória para ler na igreja nos dias das mães e dos pais. Me arrisco a dizer que essa cultura está em extinção mesmo nos ambientes religiosos e escolares. Penso que esse tipo de incentivo pode auxiliar no processo de aprendizagens psicomotoras da criança, pois ao tocar no aspecto afetivo, a criança desabrocha para os sentidos da vida, e cultiva as relações interpessoais e intrapessoais, fazendo crescer cognitiva e intelectualmente.

Quando cheguei no fundamental II na Escola Evódio Ducas Resedá, do mesmo povoado de Almas, no final da década de 1990 e início dos anos 2000, a escola já dispunha de uma pequena biblioteca onde outros livros poderiam estar ao alcance dos estudantes. Aí então que só na 8ª série, tive meu primeiro contato com um livro literário, um romance, *A cabana de Pai Tomás*, leitura solicitada pela minha professora de Língua Portuguesa, Geovana, para que apresentasse um seminário sobre o livro. Uma realidade distante do nosso cotidiano de estudante que só reproduzia o conhecimento dado pelo/a professor/a, mas aceitamos o desafio dessa experiência de uma leitura diferente, e isso foi me despertando o interesse por outras leituras. O planejamento pedagógico da professora serviu para nos introduzir numa

nova realidade de aprendizado ainda desconhecida, não experimentada. Ela de fato quis nos preparar!

No ensino médio tivemos acesso a uma rotina de leituras que jamais havíamos tido. As apostilas eram mais constantes nas disciplinas, e nessa época (anos 2000-2004) não havia livro didático ofertado pelo governo. Tínhamos que pagar pelas cópias dos textos deixados na copiadora pelos docentes, que não estavam na escola, essas copiadoras eram privadas e ficavam no centro da cidade. Não entendo porque tínhamos que comprar os textos indicados pelos professores, se nos Colégios Estaduais Polivalente e Yêda Barradas de Conceição do Coité havia bibliotecas – ou elas não eram acessadas, ou não tinham livros suficientes para o contexto do Ensino Médio. Além de não termos livros didáticos, não tinha merenda escolar nesse período, os alunos compravam na “cantina privada” da escola a sua merenda.

Nota-se, assim, o verdadeiro descaso e descompromisso do Governo de Estado da época em questão para com a Educação. No entanto, não sei dizer se essas dificuldades atrapalharam na minha trajetória de estudante ou se isso foi o desafio que me impulsionou a querer superar e ir mais além. E posso dizer que fui! Todo esse estímulo e preparação da 8ª série, foi importante, pois quando cheguei no ensino médio, pude me deparar com uma gama de leituras que exigiam o hábito de ler, que não estava inserido no meu dia a dia. Mas deixava indícios que poderia ser reavivado.

Compartilho um episódio que me veio à memória. Ainda jovem, quando participativa como coordenador do grupo da Perseverança (catequese com adolescentes) da Igreja Católica, lembro que levava os catequizando à biblioteca da escola para compartilhar leituras de contos com eles, onde eu lia os contos interpretando a voz dos personagens e isso os fascinava! Mas essa prática não durou muito tempo, aos poucos foi sufocada pelos compromissos catequéticos. Mas vejo como uma experiência positiva, pois trazia o universo literário para aquelas crianças.

Será que se eu tivesse acesso a uma biblioteca melhor, a livros didáticos, a merenda escolar, eu teria um desenvolvimento educativo mais avançado? Ou teria caído no comodismo de não buscar a superação? Ainda não sei responder! Vejo hoje que apesar dos entraves na Educação, muitos foram os avanços, no que se refere ao transporte escolar, a merenda e ao material didático nas escolas, e a Educação vivendo nessa crise moral e ética, com tantos estudantes desinteressados e professores cansados, sobrecarregados, que preocupa o futuro para as novas gerações.

Fica evidente que meu percurso durante a Educação Básica, no que se refere ao acesso à literatura, em bibliotecas ou em casa, foi alguém do que é de fato necessário para o desenvolvimento pessoal, do conhecimento sobre a cultura, as artes, a linguagem, a lógica, as ciências da natureza e as ciências humanas. Mesmo depois que terminei o ensino médio, em 2004, continuei a estudar participando de cursinhos pré-vestibulares, como também nos cursos de formação litúrgica da Igreja Católica, que de certo modo aprofundava leituras, para aprimorar meus conhecimentos. A Igreja Católica no seu lado progressista teve um papel formativo importante nesse sentido. Não oportunizava acesso às bibliotecas, mas direcionava para o estudo teológico e escatológico de maneira reflexiva.

O ingresso na faculdade, no curso de Licenciatura em História da UNEB – Campus XIV, foi um divisor de águas, de rupturas estruturantes na vida de estudante em processo contínuo. As leituras, os acontecimentos dentro do contexto universitário aumentaram ainda mais a chama da indignação social que queima dentro de mim, a sede por mudanças de mentalidades e evolução humanística mostraram que eu deveria tecer um novo olhar, primeiro sobre mim, minha trajetória, depois sobre o mundo. Em seus diversos aspectos, religioso, social e político, que deve sair da superfície e ser aprofundado de modo crítico e reflexivo. Sobre a minha prática moral, ética e social, e crítico-reflexiva sobre a sociedade em que vivo.

Por fim dessa etapa e não se findando nela, mas se abrindo a novas experiências, concluo dizendo que, hoje, enquanto mestrando do MPED – Mestrado e Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, UNEB – Campus XIV, compreendo a dimensão e a responsabilidade que me acarreta perseguir os caminhos das ciências humanas, em busca do conhecimento científico, tal como do saber empírico. E dessa forma, poder atuar no mundo de modo significativo com uma prática coerente com o exercício da *professoralidade*, que é atribuída ao *dever*, “ao fluxo permanente, ao movimento ininterrupto, que se dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes, um devenir, vir a ser” (Pereira, 2016). Que as partes fragmentadas das experiências e vivências do cotidiano possam ser uma junção dos momentos diversos de toda uma trajetória.

Que tende a ser como docente, e se assim for, que seja feita com entusiasmo, que jamais deva estagnar-se, mas, seguir o fluxo, auxiliando no processo das transformações de realidades, presentes na sociedade.



## REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001. p. 20-169.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Rio de Janeiro: LTC, 1992.

CALDART, Roseli Salete. **Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção**. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete (org.). **Por uma educação do campo: identidade e políticas públicas. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo**, 2002. p. 18-25.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 14. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nil-da. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdURJ, 2018. ISBN 978-85-7511-517-6. DOI: 10.7476/9788575115176. SciELO Livros.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Ministério do meio Ambiente. Secretaria de Coordenação da Amazônia. Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil. Projeto de Apoio ao Monitoramento e Análise. Esplanada dos Ministérios, Bloco B, 9º andar, 70068-900. Brasília-DF. 2006.

JESUS, Rosane Vieira de; CARVALHO, Maria Inez. **Professoralidade: perspectivas em fabulação**. Revista Curriculum, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1691-1711, out./dez. 2020. Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo – PUC/ SP. Disponível em: <http://revista.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: 28 jul. 2025.

PEREIRA, Marcos Villela. **A estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016. 248 p.

QUEIROZ, Marlene dos Santos. **Cartas Escreviventes – Giras de Escrevivências: modos de escrever, modos de viver maternidades/maternagens negras e universidade no Sertão baiano nordestino**. 2023. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (MPED), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV. Conceição do Coité, 2023.

SCOTT, Joan W. **A invisibilidade da experiência**. Tradução de Lúcia Haddad. Revisão Técnica de Mariana Maluf. Proj. História, São Paulo, (16), p. 297-325, fev. 1998.



SILVA, Zuleide Paiva da. **"Sapatão não é bagunça": estudo das organizações lésbicas da Bahia**. 2017. 382 f. Orientadora: Rosângela Costa Araújo. Tese (Doutorado) – Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

VENDRAMINI, Célia Regina. **Educação e Trabalho: Reflexões em torno dos movimentos sociais do campo**. Uma versão modificada do artigo foi apresentada no IV Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul (ANPED Sul), realizado em Santa Maria (RS), em junho de 2006. Cad. Cedes, Campinas, v. 27, n. 72, p. 121-135, maio/ago. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 18 abr. 2025.

---

PARTE 2

**LUGARES DE CRIAÇÕES: AS BIBLIOTECAS  
EM NOSSA FORMAÇÃO-MEMÓRIA**



## Minha (Ausente) História de Biblioteca

Alyfe dos Santos Gordiano

Segundo o bibliotecário Luiz August Milanesi, ele vê a importância da biblioteca como: “Essa atividade de buscar o que foi guardado e de guardar o que foi registrado (e de registrar o que foi imaginado) é a forma possível para manter viva a memória da humanidade” (Milanesi, 2002, p. 9). Diante do contexto, venho por meio desse texto expor minha relação com as bibliotecas ao longo da minha vida. Infelizmente, a ideia de August Milanesi não pode ser aplicada na minha realidade, um menino negro, alto, gordinho, que tem cabelos crespos, coiteense, baiano, universitário do campus XIV no Curso de História.

Apaixonado por *The Vampire Diaries* e que ama novelas. Prática que aprendi com a minha avó, uma mulher com quem moro desde os meus 6 anos de idade, no bairro do Alto do São João, lugar esse que sofre, lamentavelmente, com a má gestão governamental, ou seja, nem biblioteca se tem. Além de ser um bairro muito afastado do centro da cidade, necessitando de um meio de transporte para se deslocar até o centro, onde encontra-se a biblioteca pública mais próxima. Nesse sentido, posso elencar a lacuna da cultura dos livros em minha vida, motivada pelo descaso familiar, uma vez que minha família sempre preferiu os meios audiovisuais como forma de lazer, e a questão da distância sendo outro motivo que fomentou minha ausência de memórias com leituras e com as bibliotecas, espaço esse que sempre vi apenas como um local para ler.

Inicialmente, é notório ressaltar que as minhas relações com as bibliotecas foram apenas no campo educacional. Tive, então, meu primeiro contato com elas aos 8 anos de idade na escola Educandário Batista, ou Caik, como todos conhecem, escola onde estudei por 3 anos. Ela era utilizada por minha turma no período oposto, quando participamos do programa Mais Educação, e a biblioteca servia como uma sala extra, lá tínhamos aulas de artes, educação física teórica e reforço de português e matemática. A biblioteca era espaçosa, com janelas grandes, dava até para ensaiar apresentações teatrais, lembro-me que ensaiei uma vez: “*O Cravo e a Rosa*”.

Havia também a presença de uma bibliotecária, chamada Elena, uma mulher doce e carinhosa, infelizmente, me recordo pouco dos seus traços fi-

sicos, mas lembro-me que sempre estava lendo ou ajeitando o espaço, pronta para responder nossas dúvidas. Tinha também mesas, uma tv com aparelho de DVD, e estantes com livros, a maioria infantis, mas era composta também por livros didáticos e dicionários, sendo esses os mais usados por nós na biblioteca, uma vez que os professores sempre solicitavam que teríamos que saber o significado das palavras, e como naquela época a internet não era algo tão acessível, tínhamos que pesquisar nos verbetes.

Ainda naquele local, em cima das prateleiras, ficavam um globo terrestre e uma caixa de brinquedos com: quebra-cabeças, jogo da memória e outros jogos de raciocínio lógico. Pelas minhas lembranças, essa era a minha parte preferida e dos meus amigos, a parte dos jogos, mesmo estando rodeados de leituras diversas e enriquecedoras. Essa atitude vai contra o que o psicólogo e biólogo suíço Jean Piaget idealizava, ele ressalta que: “O ato de ler é um processo de construção de significado que envolve a interação entre o leitor, o texto e o contexto” (Piaget, 1996, p. 123).

Já no ensino fundamental II, estudei na escola Eustorgio Pinto Reseda, uma escola pequena, mal estruturada, com poucas salas e outro local que, igual ao bairro onde moro, não tinha biblioteca. Ou seja, era uma escola com vários problemas estruturais, algo que não deveria acontecer, porque ela está localizada em um bairro que sofre com a desigualdade social, o bairro do Açudinho. O bairro contém vários problemas coletivos, desde o abandono escolar a violência urbana. Logo, a escola deveria ser esse lugar acolhedor e que mudaria a vida de muitos jovens, dando uma outra alternativa além daquela vida precária, e a biblioteca escolar serviria como um refúgio imaginário daquele cenário hostil.

Com isso, percebo que lá tive pouca influência para a leitura. Tristemente, isso vai contra a ideia do educador brasileiro Paulo Freire, que ressalta: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo (Freire, 1979, p. 84). Ou seja, só teremos um mundo melhor a partir do momento que a educação começar a ser vista como algo necessário, e com um ensino de qualidade, acarretando uma sociedade mais justa e com menos mazelas sociais. Contudo, esse mundo utópico só será possível com a melhoria desses locais de ensino públicos e com a implementação de bibliotecas capacitadas que venham atender todas as demandas dos alunos, apresentando não apenas um local educativo, mas também um local confortável e inclusivo.

Sob essa ótica, entende-se que houve uma ausência significativa no período em que se deveria mostrar o livro como esse objeto tão necessário

para a minha existência, que é justamente na fase da infância e da pré-adolescência. Hoje percebo o quanto isso é um grande problema social, dado que uma escola de ensino fundamental II não tem nos seus entornos um local destinado à leitura ou projetos relacionados a essa prática, necessitando urgentemente de alguma intervenção governamental.

Então, chego ao meu último contato com a biblioteca no campo escolar, já que eu iria para a universidade. Ela se deu na escola que vivenciei o meu ensino médio, no Colégio Estadual do Açudinho, diferente da escola mencionada anteriormente, essa escola era maior, mesmo estando localizada no mesmo bairro. Quando entrei, em 2020, não aproveitei muito, pois logo veio a pandemia, e mesmo com o retorno das aulas presenciais no final de 2021, não pude aproveitar totalmente a escola, pois ela estava em reforma.

Chega então 2022 com a escola toda reformada, felizmente, agora tínhamos uma biblioteca, composta por poucas mesas e apenas três estantes de livro, pois o lugar era pequeno comparado a demanda de alunos, além disso, tinha uma figura marcante na biblioteca: a bibliotecária, Tia Rita. No entanto, durante o ano letivo eu só entrava lá quando era para fazer alguma atividade solicitada pelos professores, negligenciando sua existência.

No meu último ano, com o ENEM e o vestibular chegando, a excelente professora de redação Thelma, começou a cobrar leituras, uma vez que tínhamos que saber repertórios socioculturais. Porém, mesmo com a biblioteca ali disponível, eu preferia comprar meus próprios livros para ler em casa, visto que preferia aproveitar o único momento que eu poderia ir à biblioteca, que era no intervalo, para ficar com meus amigos conversando. Então, certo dia, no horário oposto, eu integrava a monitoria de redação como monitor com mais dois colegas, e já na reta final do ano letivo, a professora Ludmila, que era nossa orientadora, nos levou em um passeio pela biblioteca do colégio, foi a primeira vez, durante 4 anos que prestei atenção em como a biblioteca era rica e também o quanto a professora Lud foi fundamental.

Recordo-me o quanto ela ficou surpresa ao saber que eu e meus dois colegas nunca tínhamos lido autores clássicos, como Machado de Assis, Clarice Lispector e Jorge Amado, em seguida ela recomendou, contudo, confesso que nunca li.

Nesse contexto, a personagem Anne da série *Anne With An E*, estaria decepcionada comigo, por não ter lido essas obras clássicas, ao contrário dela, visto que ela é uma grande leitora que ao longo da série sempre informa que: “O livro é a mais pura arte, porque mesmo sem sair do lugar podemos estar em todos eles” (Anne..., 2017). Isso ocorre, acredito, por eu não estar inseri-

do em um núcleo social em que o livro é visto como algo indispensável para a construção do indivíduo, sempre optando por outras formas de se passar o tempo, diferente da personagem Anne, que sempre viu os livros como uma forma de entretenimento.

Mesmo que em alguns momentos da minha vida as bibliotecas estivessem nesses lugares de ensino, eu nunca olhei para elas como um local de aprendizagem ou até mesmo necessária, pois acredito que houve uma falta de motivação própria e carência no incentivo por parte dos professores, motivando uma visão equivocada daquele espaço de leitura, visto que sempre utilizei para descansar, jogar, assistir filmes, mas nunca para ler um livro. Com efeito, não criei o hábito de ler, muito menos memórias relacionadas a isso.

Mas com minha chegada na universidade essa ótica muda, vejo que por escolhas do Alyfe de 10 anos atrás, hoje tenho dificuldades com as leituras acadêmicas, ainda mais por se tratar de um curso de licenciatura em História, onde a ferramenta que mais se usa é a leitura. Nessa lógica, a leitura passa a ser obrigatória e mais cobrada pelos docentes que, além dos textos didáticos, também indicam outras leituras. À vista disso, entendo que não conseguirei ser um bom professor se não tiver o hábito da leitura. Logo, preciso de um lugar calmo e aconchegante para fazer meus estudos, então me desloco até a biblioteca da UNEB, Campus XIV, e é nela que eu percebo a biblioteca como esse lugar prazeroso para ler os grandes textos do curso que necessitam de uma grande concentração, pois nessa biblioteca se encontra além de muitos livros, um lugar de descanso com sofá, pufes, computadores e ar-condicionado.

Outrossim, lembro-me do primeiro livro que foi me indicado para pegar na biblioteca do campus, era para um seminário da matéria Brasil Colônia, um livro excelente chamado *Heresia dos Índios*. Todavia, por ter poucos exemplares, não fui contemplado e não pude ler o livro físico, porém tive uma noção de como a biblioteca funciona. À frente no curso, já no segundo semestre, com a chegada da matéria Pesquisa Bibliográfica, o assunto biblioteca, leitura e seu papel de leitor dentro dessa área se torna um objeto de análise crítica.

Com efeito, evidenciou que a biblioteca teve um papel pequeno na minha vida, uma vez que eu nunca me senti pertencente ou necessário naquele local, acredito que foi porque cresci em um ambiente em que, internamente, nunca fui instigado a frequentar esses lugares. Outrossim, fui vítima da desumana ordem governamental que vê o acesso à leitura como algo banal para a população. Lamentavelmente, eu faço parte desse corpo social prejudicado, acarretando uma rotina de leitura cheia de defeitos e lacunas.

Felizmente, eu mudei, a partir da minha chegada na universidade, e a introdução do componente curricular Pesquisa Bibliográfica, que me mostrou a importância daquele espaço que até então era omissa para mim. Foi durante as experiências do componente que tive o prazer de atuar como historiador pesquisador pela primeira vez, pois a matéria, além de discutir a importância das bibliotecas, também traz o diálogo da experiência, ou seja, teríamos que absorver esses conhecimentos e aprendizados por meio de práticas ou de vivências nesses locais de leitura. Logo, a professora solicitou um tipo de pesquisa, o relato de experiência: gênero textual, que tem como objetivo descrever uma experiência vivida e as lições aprendidas a partir dela.

Dessa maneira, teria que optar em retornar a qualquer biblioteca escolar em que tive contato durante meus anos letivos. E assim, me movi até a biblioteca do Colégio Estadual do Açudinho, no dia 06 de novembro de 2024. A escola está localizada no Bairro do Açudinho, que ainda tem como responsável a simpática dona Rita Figueiredo e, como já citado, é a escola onde terminei meu ensino médio no ano de 2023. Tendo isso em vista, coloca-se em prática o que o teórico educacional americano David Allen Kolb defende na sua obra *A Teoria da Aprendizagem Experimental (TAE)*. Ele afirma que: “O homem é um ser integrado ao meio natural e cultural, capaz de aprender a partir de sua experiência; mais precisamente, da reflexão consciente sobre a mesma” (Kolb, 1984, p. 38).

No início, quando cheguei a escola, foi um sentimento misto de felicidade e nostalgia, rever todos aqueles espaços e pessoas que durante três anos estiveram na minha rotina e agora eu volto como um universitário para analisar um espaço que passei e vivi coisas inesquecíveis, é como um passarinho que volta para o ninho. Observei tudo novamente, a escola teve pequenas mudanças, ao que pude perceber, mudou apenas a pintura, enquanto a arquitetura e o dia a dia escolar continuaram os mesmos.

Ao chegar, me desloquei até a secretaria e tive uma surpresa, meu antigo professor de matemática agora era o coordenador pedagógico, ou seja, aconteceram mudanças também no sistema escolar. Nos primeiros momentos, tivemos um diálogo sobre a vida, e perguntas relacionadas à minha rotina acadêmica e até uma oportunidade de emprego. Entretanto, tive uma péssima notícia, a responsável pela biblioteca se fazia ausente até o final do ano, consequentemente, a biblioteca se encontrava fechada, sendo ela a única funcionária disponível para o local. Mas, através da conversa anterior, consegui o contato dela e por meio do *WhatsApp* tivemos uma interação, quando fui para casa a convoquei virtualmente e ela respondeu aos meus questionamentos.

Mas ainda no campo escolar, a vice-diretora, Keila Lopes, conseguiu responder algumas das minhas perguntas, por exemplo: a escola recebe alguma ajuda financeira? Há parceria com alguma ONG? Ou programas com o governo? A resposta dela foi preocupante, em todas elas foi não. Lembro-me que fiquei incrédulo e perguntei: então como a biblioteca se mantém de pé? E ela disse: “Trabalhamos com o que temos, e levamos com a barriga”. Achei isso totalmente preocupante. Então, ao chegar em minha residência, de maneira virtual, comeci meus interrogatórios a responsável pelo local.

Em primeiro lugar, perguntei sobre a estrutura da biblioteca, qual o seu tamanho? O espaço é adequado para a quantidade de alunos? E o ambiente, é bem iluminado? Bem arborizado ou confortável? E a questão dos móveis e a acessibilidade? As respostas foram graves: a estrutura não combinava com a quantidade de alunos, não era um espaço acessível, por outro lado, o ambiente estava em bom estado, porém, necessitava de um ar-condicionado e a mobília era nova. Ela também me notificou que, para ficar ainda mais confortável, era preciso trocar as cadeiras de madeira por pufes e adicionar um sofá na área.

Já no que diz respeito aos livros, o acervo da biblioteca é composto por diferentes tipos de obras, sendo os narrativos os mais predominantes, mas há também quadrinhos e livros didáticos. Esses materiais são atualizados raramente, por questões financeiras, enquanto, por outro viés, a organização é feita diariamente, visto que os livros são divididos em prateleiras, muito bem visíveis, o que facilita a busca dos alunos, e quando não é achado, a bibliotecária vai os ajudar.

Outra ressalva que dona Rita me relata é a questão da falta de aparelhos tecnológicos no ambiente, uma vez que, por não ter acesso à internet, a utilização de objetos como computadores, *tablets* e projetores se tornam impossíveis. Com efeito, o sistema de catalogação do espaço é feito de maneira manual. E assim, quando é emprestado um livro com prazo de oito dias para os alunos e quinze para os professores, a funcionária anota em um caderninho para recordar, isto é, há também no espaço a inserção dos discentes que veem aquele local como um transformador de vidas e a partir disso criam projetos que incentivem a leitura, como rodas de leituras e escrita, isso é feito por meio da mesclagem com o conteúdo trabalhado nas aulas, geralmente de língua portuguesa e redação.

Essas ações geralmente são feitas no horário da aula, no outro tempo livre/no intervalo que os alunos possuem, poucos frequentam a biblioteca, porém, ainda são o maior público. Esses poucos que se deslocam ao local em grande maioria é para ler, já outros é para passear, jogar jogos de tabuleiro ou



mexer no celular. Isso provoca uma grande tristeza em dona Rita, uma mulher que, de funcionária pública sem nenhuma capacitação, mas com amor à leitura, foi realocada para ser cuidadora daquele local. Ela afirma que foi um trabalho coletivo no qual durante anos ela recebeu ajuda de alunos e de outros funcionários para se consolidar como uma “bibliotecária sem formação”.

Nesse sentido, é possível observar na prática o que o educador brasileiro Paulo Freire afirma na sua obra *Pedagogia da Autonomia*, “É preciso que a leitura seja um ato de amor” (Freire, 1996, p. 45). E assim percebi, por meio dos relatos como os de Dona Rita, sempre enfatiza o livro como esse objeto de suma importância na vida dos alunos, além de informar que, ao criar o hábito de ler, os discentes serão capazes de desenvolver suas habilidades na escrita, leitura e, principalmente, transformar sua visão de mundo.

Para mais, ela também sonha com um espaço maior, sendo esse o principal desafio que o lugar possui, e assim ser possível colocar mais mesas, prateleiras, e atender um número maior de alunos. Por fim, questionei se teriam outras melhorias que poderiam ser adicionadas ao espaço de leitura, ao que ela destaca a necessidade de acréscimo de obras no acervo. Que com a adição de novos e atualizados exemplares não apenas o número de alunos frequentando o local cresceria, mas também ressaltaria a importância e relevância da biblioteca.

Nas palavras dos alunos também são necessárias algumas melhorias, e eles apontaram a ventilação, por exemplo. Diante do apresentando, a reflexão que trago é que a biblioteca do Colégio Estadual do Açudinho pode não ser um local tão aconchegante com milhões de livros, porém, é o que eles possuem. Fico tão feliz como a adorável mulher responsável pelo espaço, que sonha a cada dia ver aquele lugar lotado de adolescentes leitores. Outrossim, é muito relevante o papel da escola na utilização do meio que tem, eles a todo momento tentam mostrar a importância da prática leitora. Isso me mostra que, como futuro professor de História, provavelmente ainda serei esse agente que vai frisar a importância da leitura/bibliotecas na vida dos meus futuros alunos, e infelizmente vejo que essa tarefa se tornará cada vez mais difícil, pois o vício nos aparelhos eletrônicos se mostra a cada ano um grande empecilho para que os alunos consigam solidificar o hábito de ler.

Contudo, caberá a mim saber como adaptar os meios tecnológicos com as práticas de leitura. Assim, nessa volta ao passado eu percebi o quanto importante é o papel das bibliotecas para uma sociedade, pois é através delas que se pode mostrar esse mundo mágico, o dos livros. Entretanto, não basta apenas ter um local, é preciso também criar um ambiente agradável para receber os leitores, além do investimento do poder público.

## REFERÊNCIAS

**ANNE with an E.** Direção: Niki Caro et al. Produção: Susan Murdoch, John Calvert. Roteiro: Moira Walley-Beckett. Ontário: CBC, Netflix, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80136311>. Acesso em: 17 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FRASES de Jean Piaget (73 citações). Citações e frases famosas. Disponível em: <https://citações.in/autores/jean-piaget/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

KOLB, David Allen. **Experiential learning: Experience as the source of learning and development.** Journal of Business Ethics, 1984.

MILANESE, Luiz August. **Biblioteca.** Ateliê Editorial, 2002.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1996. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=jxD-9My-g1xQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR>. Acesso em: 17 dez. 2024.

RAFAEDUKA. **Paulo Freire: a educação libertadora e a pedagogia da autonomia.** Disponível em: <https://www.rafaeduka.com/2020/09/paulo-freire-educacao-libertadora.html>. Acesso em: 17 dez. 2024.

# O Despertar Para a Leitura

*Júlia Carneiro Silva*

## Considerações Iniciais

Me chamo Júlia Carneiro Silva, nasci e cresci no interior da Bahia, na cidade de Conceição do Coité, que fica, aproximadamente, a 220 km da capital, Salvador, em uma região conhecida como Território do Sisal, como sugere o nome, por possuir uma grande produção sisaleira. Tenho 17 anos, estou no segundo semestre do curso de História, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV.

Estudei da Educação Infantil até o fim do Ensino Fundamental I (5º ano) na Escolinha da Mônica, diariamente realizava uma curta caminhada até lá, acompanhada da minha vizinha. Quando ingressei no Ensino Fundamental II, realizei uma prova que me proporciona uma bolsa de estudos no Educandário Divino Mestre, local em que tive minha primeira experiência com uma biblioteca, fato que relato no decorrer do texto.

Conclui o ensino médio no Divino Mestre, e logo depois prestei o vestibular para História, passei em duas universidades estaduais, a UNEB e a UEFS, mas não tinha certeza se realmente queria me tornar professora, preferi ficar perto de casa, assim teria mais tempo para estudar, caso resolvesse cursar outra coisa. Quando ingressei na UNEB, logo conheci a biblioteca Professor José Carlos dos Anjos (PJCA), que mudaria minha percepção sobre os materiais literários.

Através desse memorial viso analisar todo o meu trajeto com a leitura, saindo da infância, passando pela adolescência e parando no presente, momento em que finalizo o segundo semestre da minha graduação. Espero detectar desde as pequenas mudanças a maiores, seja nos hábitos, nas motivações para leitura ou nos gêneros e tipos textuais encontrados até aqui nesse caminho. Além de registrar minha experiência com bibliotecas, explorando os impactos na minha formação enquanto pessoa e enquanto discente.

“A narração da experiência está unida ao corpo e a voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado” (Sarlo, 2007, p. 24). Nesse viés, tenho como objetivo aprofundar meu conhecimento sobre bibliotecas, relacionando minhas narrativas e histórias com esses saberes. A partir da produção

desse relato de experiência<sup>7</sup> busco comparar as bibliotecas escolares por que passei, realizando esse movimento de retorno ao momento da experiência, por meio da revisita da memória e da narração, que do corpo e voz para a lembrança, analisando se houve, ou não, mudanças na estrutura e acervo dessas bibliotecas.

Por fim, nesse memorial, apresento indagações sobre a relevância da influência familiar no desenvolvimento do hábito da leitura em crianças e na formação de pessoas leitoras. Existem impactos na formação? A “iniciação” leitura em casa determina se a criança irá se tornar um leitor?

## Início da trajetória

Para falar da minha história com bibliotecas é necessário pensar minha relação com a literatura. Esse relato se inicia na minha primeira infância, nos momentos em que minha mãe lia diversas histórias infantis, as que mais me marcaram foram as histórias de princesas, fato que influenciou significativamente meu gosto literário.

A partir do momento que passei a frequentar a escola, comecei a me interessar cada vez mais pela leitura. Até hoje, lembro com muito carinho do meu livro didático do 1º ano do Fundamental I, a alfabetização, nele as sílabas ensinadas vinham sempre acompanhadas de pequenas anedotas e figuras que as ilustravam. Me recordo bem desse material, em suma, porque folheava-o quase que diariamente para ler esses textinhos.

Na Escolinha da Mônica, onde iniciei meus estudos, não havia uma biblioteca, apenas uma salinha esquecida, na qual eram guardados os livros didáticos que não haviam sido utilizados ou que ainda seriam vendidos. Embora não tivesse um espaço apropriado para os livros, não posso negar que ao menos uma vez ao ano, os alunos tinham um incentivo para ler. Anualmente a escola organizava peças teatrais, os alunos se tornavam atores e cada turma lia, roteirizava e apresentou aos familiares um livro infantojuvenil.

Mesmo sem os incentivos escolares, mantive o hábito da leitura, principalmente, porque mainha não perdia o costume de ir à lojinha de um real e levar para casa uma quantidade considerável de exemplares dos mais diversos, sempre que possível. Minha mãe, professora do nível básico, alimentava em mim uma atividade que reconhecia ser muito importante para a formação

<sup>7</sup> O relato de experiência é um gênero textual que descreve uma experiência vivida, de forma detalhada, relacionando-a com a literatura, a fim de gerar conhecimento relevante para a área de atuação.

escolar e pessoal, que outrora lhe fora negada; por morar na roça e pela vida difícil, não tivera acesso facilitado aos livros, muito menos incentivo para buscá-los. Apesar do grande estímulo na infância, apenas na pré-adolescência pude perceber meu amor pela leitura.

Apesar de acreditar que o interesse pela leitura possa surgir na criança sem, necessariamente, o incentivo familiar, entendo que este tenha importância ímpar para formação de leitores. Assim como a criança aprende valores, como se alimentar, regras de convivência em casa, é nesse ambiente que ela deve desenvolver a leitura como atividade prazerosa, pois é na infância, mesmo inconscientemente, que imitamos aqueles com quem temos contato diário, em geral, familiares (Ferrarezi Jr., 2013).

No seu artigo, Ferrarezi Jr. (2013) apresenta casos que exemplificam a influência familiar na formação de um hábito de leitura. Em um deles, é narrada a história de um garoto de 8 anos, que ao sair de férias fez questão de levar livros, que lhe fariam companhia. O que Ferrarezi Jr. (2013) analisa, é o porquê dessa atitude, que é considerada tão incomum. Para isso é considerada a relação entre a leitura e a família. Conclui-se que, por estar inserido em um ambiente em que a leitura é presente, o menino Q<sup>8</sup>, desenvolve o hábito de ler como *hobby*.

### Os livros ganham espaço (físico)

Encontrei pela primeira vez uma biblioteca na minha segunda escola, era um ambiente que, além de ser usado para armazenamento de livros, em alguns momentos, era espaço para aulas e para realização de atividades, por esse motivo, havia mesas e cadeiras, uma lousa e, de vez em quando, duas poltronas, ora elas ficavam na biblioteca, ora em outros lugares do colégio. Também havia computadores que raras vezes eram utilizados, apenas na produção de trabalhos, quando o aluno não possuía um *notebook*, casos muito difíceis de acontecer. Confesso que adorava quando as poltronas estavam no local, sempre era uma disputa de quem chegaria primeiro para ocupá-las.

Lá, comecei me interessar cada vez mais pelo universo literário e conheci obras que foram refúgio, em suma, porque nesse período da pré-adolescência/adolescência enfrentava, muito fortemente, a timidez. Os livros que me acolheram entre suas páginas eram, principalmente, os que contavam histórias românticas, além desses, a obra mais marcante foi *Harry Potter*, a

<sup>8</sup> Como é nomeado no artigo.

primeira saga que li e fiquei por muito tempo encantada. Através das aventuras desse bruxo e de seus dois melhores amigos, fiz amizades e laços importantes para a minha trajetória escolar, incontáveis vezes discutimos quais os melhores personagens ou casas<sup>9</sup>, algumas vezes concordando, outras nem tanto.

A partir desse ponto, meu contato com a biblioteca da escola, onde tive a experiência inicial com esse ambiente, aumentou significativamente, e lá passava boa parte dos meus intervalos. A rotina de ir diariamente a esse espaço se manteve até a pandemia, quando fui obrigada a me afastar. Nesse período mantive aceso o amor à leitura, através de muitos arquivos em PDF, desbravando vários *sites* que ofereciam obras inteiras gratuitamente. Esse caminho permitiu a diversificação do meu gosto literário, anteriormente restrito ao romance romântico e as fantasias, passei a ler outros gêneros e conhecer autores que abriram portas para outros lados da literatura.

Depois do período pandêmico, voltei a ter acesso à biblioteca, mas não a frequentava de forma tão assídua como antes. Durante o ensino médio, raras vezes frequentei o lugar que outrora havia sido meu espaço favorito em toda a instituição. A leitura foi perdendo seu posto e outras coisas começaram a ocupar meus intervalos, novas amizades, conversas, às vezes uma atividade que ficou incompleta e, de vez em quando, uma partida de dominó.

## **Biblioteca universitária**

Meu ingresso na universidade foi um divisor, pensando na perspectiva literária e no ambiente para leitura. Fiquei fascinada com a forma de organizar as estantes e com o tipo de literatura oferecida. Atualmente, a biblioteca que frequento é a localizada no Campus XIV, a Professor José Carlos dos Anjos, por ser acolhedora e aconchegante, me sinto muito à vontade não só para estudar, mas para descansar também. Até então, tem atendido muito bem às minhas necessidades, ainda estou no segundo semestre, mas encontrei todos os livros que foram passados ou indicados para leitura.

Motivada por essa produção, proposta pela professora Eide, busquei a história da biblioteca PJCA. A biblioteca existe desde 1992, quando o Campus XIV ainda era chamado de Centro de Ensino Superior de Conceição do Coité. Ela faz uma homenagem ao Professor José Carlos dos Anjos, doutor em Filosofia pela Universidade Pontifícia da Itália. Foi aprovado em um

---

<sup>9</sup> O ambiente que se passa a história é uma escola, que divide os alunos em 4 casas, baseadas nos fundadores da instituição.

concurso público, em 1994, para Professor Auxiliar – Assistente na UNEB, no atual Campus XVI. Faleceu em 1995, vítima de um aneurisma cerebral.

Foi no ambiente universitário que tive meu primeiro contato com determinados tipos e gêneros textuais que, de início, me assustaram, mas que, atualmente, já estão inseridos na rotina. Esse choque inicial se deu, principalmente, pela linguagem nova e o tipo de texto, para alguém acostumado a ler histórias fantasiosas, fazer a leitura de um texto acadêmico é, no mínimo, surpreendente. Ademais, a disposição dos livros que encontrei no Campus foi impressionante para mim, não conhecia o Sistema Decimal de Dewey, que classifica os livros de acordo com a área do conhecimento.

Além da mudança no meu modo de pensar os livros e as bibliotecas, o ambiente universitário foi crucial para resgatar o antigo fascínio pelo ato de ler. Em alguns momentos, por causa da obrigação de suprir demandas, em outros por me apresentar obras instigantes e interessantes, que, talvez, em outras realidades eu não teria conhecimento.

Embora minha vida literária se ocupe, principalmente, com textos científicos, não abandonei totalmente as leituras por diversão, que permanecem, no geral, com temas que abordam o amor. Ainda que me considere uma amante do amor e das obras que falam dele, faz-se necessário investigar de onde vem essa preferência e o porquê. Atualmente, percebo a influência dos textos escolhidos, mesmo que de forma inconsciente, e lidos por mainha.

Cunha (1998) teoriza essa intervenção ao analisar a relação histórica entre as mulheres e as novelas, que mantêm relacionamento íntimo. A autora analisa como essas histórias divertiam e entretinham, ao passo que determinavam normas e comportamentos, sempre direcionados a um público específico, o feminino. No artigo, Cunha (1998) aborda obras que chegaram ao Brasil entre as décadas de 1940 e 60, advindas da França, que sempre narravam a vida de mulheres ricas ou enriquecidas, que viviam felizes após seu casamento com seus “heróis nobres e garbosos”.

Décadas depois, essas narrativas ainda perduram no seu papel de propagar regras sociais, que colocam o casamento e a figura masculina como única forma de felicidade. Hodiernamente, os romances que perpetuam essas ideias, não se restringem a um tipo textual, utilizam outras fontes, como a música, a cinematografia e até as mídias sociais.

Partindo de outras leituras e possuindo um olhar ampliado para algumas questões, é possível perceber a transmissão de ideias entre gerações e as sequelas deixadas, não só na sociedade em geral, mas em mim, sujeito de

estudo e sujeito que estuda. Consigo observar o protagonismo da literatura destinada às mulheres não só no ato de ler os livros, mas na realização da leitura do mundo.

### **Revivendo memórias**

Ao revisitar as bibliotecas escolares em que passei, percebi que houve mudanças significativas em uma delas, e na outra verificaram-se muitas permanências. A escola em que percebi mais mudanças foi na primeira em que ingressei, Escolinha da Mônica, onde estudei desde o início da minha vida escolar até o fim do Ensino Fundamental I, 5º ano, de 2010 a 2016.

Anos antes, o centro educacional não contava com uma biblioteca, como narrado anteriormente, apenas um espaço reservado para o armazenamento de livros que não foram vendidos ou eram antigos. Ao voltar lá, fiquei surpresa e feliz, pois no ano de 2024 a escola inaugurou uma biblioteca, ainda que pequena e com um acervo bem restrito, acredito que esse é um grande passo na formação de leitores e leitoras.

Por ser o primeiro ano de sua existência, a biblioteca conta com uma pequena coleção que possui, em geral, livro infantis com narrativas clássicas, como as fábulas ou contos como Cinderela, Rapunzel, entre outros do gênero. Desse modo, de acordo com funcionárias da escola, as turmas mais interessadas nesses materiais são do Grupo 5 e do 1º ano do Ensino Fundamental I, formadas por alunos entre 5 e 7 anos que estão no processo de alfabetização.

Na segunda escola, Educandário Divino Mestre, onde estudei do 6º ano do Ensino Fundamental II até a 3ª série do Ensino Médio, entre os anos de 2017 e 2023, por ser recente minha saída de lá, não notei muitas diferenças entre o que encontrei e o que estava em minha memória. O que percebi foram pequenas mudanças nos livros que encontrei, que passaram por uma atualização com algumas obras mais atuais ou que estiveram em alta no ano de 2024, além da saída das minhas queridas poltronas.

Embora fosse perceptível o acréscimo de novos textos literários que estavam em destaque no momento, um dos fatores que me fizeram despertar para a leitura foi a presença de obras voltadas para o público infantojuvenil e jovem, presente naquele ambiente. Além disso, depois de alguns anos, o surgimento de uma lista voltada para sugestões literárias dos alunos que poderiam ser compradas, foi um motivador para a permanência do hábito de ler, já que havia uma renovação das opções, mantendo e respeitando o gosto dos próprios alunos que consumiam as obras.



## **Considerações finais**

Escrever esse relato de experiência foi, em certa medida, dificultoso, porém, satisfatório. Com ele pude, através da narração, voltar ao momento da experiência, adquirir conhecimentos voltados a formação do leitor e das bibliotecas.

Transversalmente a esse memorial, busquei pensar se há impactos de crescer em um ambiente em contato com a leitura, e quais são eles, como a presença de bibliotecas, e a falta delas, me atravessou na minha trajetória literária e se atravessa outros cidadãos em outros contextos, além de aprofundar sobre a influência velada do gosto literário.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Mulheres e romances: uma intimidade radical**. Cadernos Cedes, [S. l.], v. 45, jul. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000200007>. Acesso em: 30 set. 2024.

FERRAREZI JR., Celso. **A leitura em casa: a participação da família no ensino sistemático da leitura na fase infanto-juvenil**. Trem de Letras, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 14-28, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/163>. Acesso em: 19 set. 2024.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

# Da Escola a Academia: Minha Experiência e Reflexões Sobre a Biblioteca

Witiney Rian Lima Santana

## Considerações Iniciais

A biblioteca escolar é um importante local para o desenvolvimento do aluno, afirmo isso porque sou um discente que colhe os frutos de frequentar esses espaços. Atualmente, estou fazendo o curso de Licenciatura em História, no Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em Conceição do Coité, Bahia. Adentrei a esta graduação no ano de 2024.1, logo após terminar o meu ensino médio, que concluí em 2023 e logo após, ingressei na UNEB por meio do vestibular, e isso vem sendo uma experiência incrível, tudo isso sendo resultado de intensas leituras e vivências no ambiente bibliotecário.

Além disso, não posso deixar de salientar que houve outras influências durante minha jornada para ingressar na universidade. O fato de eu ser uma pessoa que tem o hábito de ouvir músicas, assistir filmes e séries, ler livros e por fim, mas não menos importante, o apoio dos meus pais e professores, principalmente o docente que lecionou a disciplina de História para mim, Cristian Barreto de Miranda. Sendo assim, se não fosse por todos esses fatores, eu não estaria onde estou, cursando o curso que sempre desejei aos dezoto anos de idade, ademais, pretendo manter carreira acadêmica, ingressando no mestrado e futuramente no doutorado, sempre enfatizando o território onde vivo e como foi a experiência de me introduzir neste “universo”.

Entretanto, a democratização ao acesso à *internet* e dispositivos eletrônicos, tais como *smartphones*, *notebooks* e computadores impactam no contexto bibliotecário. De certa forma, estão aos poucos retirando o espaço das bibliotecas e livros físicos e incorporando livrarias ou livros virtuais, chamados de *e-books*. Segundo a BBC (Carranço, 2022), entre 2015 e 2020, o Brasil perdeu mais de 750 bibliotecas públicas<sup>10</sup>. Dessa forma, o espaço es-

<sup>10</sup> “Entre 2015 e 2020, o Brasil perdeu ao menos 764 bibliotecas públicas, segundo dados do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), mantido pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo” (Carranço, 2022).

colar para leitura está aos poucos se tornando obsoleto, faltando estudantes para utilizá-las. Todavia, não podemos ver apenas de forma negativa, há maneiras de utilizar esses espaços tecnológicos para fomentar a interação com a biblioteca física, essas alternativas serão apresentadas ao longo do texto.

Sobre mim, desde que comecei a acessar uma escola com biblioteca, mesmo sem incentivo dos professores e familiares, tive interesse em me conectar com o espaço literário. Minha primeira experiência não foi em uma biblioteca municipal, estadual e muito menos privada, foi em uma biblioteca escolar durante o meu Ensino Fundamental II, especificamente no 6º ano, quando tinha onze anos, na Escola Municipal Almir Passos, na cidade onde resido. Foi nesse espaço que me encantei pelos gibis – meu primeiro contato com a leitura prazerosa. As histórias em quadrinhos despertaram minha curiosidade e imaginação, sendo o ponto de partida do meu percurso literário.

Em suma, escolhi escrever sobre minhas vivências nas bibliotecas, pois tenho o objetivo de utilizar a minha trajetória nessas bibliotecas como uma base prática para uma análise de como esses locais eram e são vistos e administrados pela gestão da escola ou universidade responsável. Também observar como esses espaços vêm perdendo a visibilidade com o avanço da tecnologia. E, por fim, durante a leitura, farei analogias e relacionarei o espaço bibliotecário com músicas que ouço, também trazendo bases teóricas para o texto e dialogando com a interdisciplinaridade.

### **Gibis, desafios e descobertas: a biblioteca escolar em minha formação**

Como abordado na introdução deste texto, sou fascinado por gibis, meu primeiro contato na biblioteca escolar da então Escola Municipal Almir Passos foi quando reservei um gibi do Zé Carioca da Disney. Acredito que histórias em quadrinhos (*HQs*) cativam as crianças a iniciarem suas jornadas na literatura e no mundo dos livros. Para reforçar o meu posicionamento, a autora Soraya Maria Romano Pacífico, em seu quarto capítulo intitulado “Biblioteca especializada, gibiteca e arquivo: sentidos de poder e interdição”, presente em sua obra chamada *Bibliotecas e Hibridez* (2020) organizada por Rosângela Formentini Caldas Silva e Rafaela Carolina da Silva, traz a seguinte afirmação acerca da importância das *HQs* na vida dos discentes:

A nosso ver, o contato, o manuseio e a leitura das *HQ* feitos pelas crianças constroem eventos de letramento em que valem as práticas sociais de leitura e escrita decorrentes dessa relação leitor/texto. Todavia, não é novidade afirmar que a voz das

crianças nem sempre é considerada pelos adultos, especialmente no interior de instituições conservadoras como a escola, a biblioteca, a igreja, a família, dentre outras (Pacífico, 2020, p. 125).

Dessa forma, pode-se observar que esse tipo de contato com as HQs enriquece o contato do jovem com o mundo social e literário, consequentemente fortalecendo sua escrita. Além disso, durante as minhas leituras, notei que a palavra ‘gibi’ tem relação com a juventude. Porque segundo Freitas e Paula (2023, p. 1), durante o século XX, ‘gibi’ era uma gíria racista direcionada aos meninos negros “possuindo o sentido pejorativo de feio e grotesco”. Logo após, o sentido se alterou para “designar os meninos negros que vendiam jornais nas ruas”. Então podemos constatar essa relação dos gibis com a educação juvenil, sendo assim, em minha afirmação, a porta de entrada para o mundo da literatura.

Todavia, com o passar dos meses, foi se tornando difícil acessar a biblioteca e dar continuidade às minhas leituras, porque o espaço foi transformado em sala de aula, pois o local que a sala estava situada entrou em reformas. Durante os intervalos, os próprios alunos não me deixavam utilizar o espaço, tenho dúvidas se era algum problema que tinham comigo ou apenas me viam como alguém diferente tentando acessar aquela realidade. Após alguns meses, a sala de aula foi desinstalada e decretado o fechamento da biblioteca por falta de funcionários para cuidar do local.

Desse modo, esse acontecimento me afastou do hábito da leitura, pois eu ainda não conhecia os livros digitalizados. Mas com esse afastamento, me aproximei do mundo da música, onde me encontrei traduzindo letras de músicas internacionais de artistas como: *The Weeknd* e *Kendrick Lamar*. Do mesmo modo que ouvia músicas de artistas brasileiros, como *Cássia Eller*, *Cazuza*, *Tim Maia*, *Legião Urbana*, entre outros...

Por conseguinte, em meados de 2019-20, essa escola mudou de localização, consequentemente, o antigo espaço da biblioteca foi abandonado, no entanto, os livros foram transportados para o novo endereço dessa escola. Contudo, não pude coletar informações sobre a biblioteca atual, pois a direção não me autorizou a adentrá-la, além disso, atualmente a mesma foi adaptada ao sistema do Colégio da Polícia Militar (CPM), sendo chamada de Escola Municipal Almir Passos CPM. Será que há relação da adaptação a modalidade militar com a recusa a visita à biblioteca?

Em sequência, veio a pandemia da covid-19, que conforme o Ministério da Saúde (2024), a transmissão iniciou-se no Brasil em 2020 e repercutiu

até os dias atuais, levando a óbito mais de setecentos mil brasileiros durante esses quatro anos. Em meio a esse caos mundial, com a solidão que foi ficar em isolamento social e sem amigos/as para socializar virtualmente, fui me aproximando novamente do universo literário. Li a coletânea do *Sherlock Holmes* (1890) escrito pelo britânico Sir Arthur Conan Doyle e o livro *A Última Criatura Humana* (2019) do escritor americano Lee Bacon.

Logo mais, durante o meu ensino médio, tive minha segunda experiência em uma biblioteca escolar, a do Colégio Estadual Polivalente. Ela é espaçosa e tem vários exemplares de livros frequentemente utilizados durante o ensino médio, como obras de José de Alencar, Machado de Assis, Graciliano Ramos e outros. Porém, havia algumas observações a serem tratadas, uma delas são as regras, sendo que a que mais me intrigou foi a norma que, para permanecer no espaço, é proibido o uso de *smartphones*, entretanto, atualmente, como citado na introdução, a internet se tornou um dos meios de pesquisa principais para atividades escolares, então acaba sendo controverso um local que é utilizado para leitura e estudos proibir tal ato.

Além disso, nessa biblioteca havia computadores que deveriam ser utilizados pelos alunos, entretanto, ou estavam quebrados ou a biblioteca não permitia o acesso por conta de discentes que os utilizavam para fins não escolares, como jogar jogos na *web*, por exemplo. Isso é controverso, pois qual a finalidade de fornecer os equipamentos, mas não poder utilizá-los? No entanto, no final do meu ensino médio, meu professor da disciplina de química, Matheus Oliveira, se propôs, em parceria com a coordenação e alunos, a consertar os computadores da biblioteca e liberar o uso para os estudantes. Acredito que deveria haver mais docentes como Oliveira, que realmente se preocupa com a evolução intelectual e tecnológica dos estudantes em prol de uma melhora da educação brasileira.

Com os computadores reparados e disponíveis para os estudantes, minha frequência na biblioteca aumentou em consequência. A partir disso, fui reservando alguns livros. Alguns deles foram uma obra notória de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury. Também houve leituras em aula, como a de um capítulo do livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1902), que se tratava de uma descrição detalhada da geografia da cidade de Canudos no estado da Bahia.

Essa biblioteca com o passar do meu ensino médio foi se tornando uma sala de aula por conta de uma reforma estrutural da escola. Diferente

da minha primeira experiência, mesmo se tornando uma sala, ainda consegui pegar livros emprestados ou ir fazer leituras lá dentro, pois os alunos não viam problema neste ato por também serem leitores ou estarem estudando para uma atividade, prova, seminário etc. Ademais, Jéssica Fernandes Costa, em sua monografia intitulada: *O papel da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem*, cita a International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), ou então Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias, e traz a seguinte análise sobre o papel da biblioteca:

A biblioteca integra a escola, disponibiliza informação e auxilia os professores nas ações pedagógicas e no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a biblioteca escolar prepara o indivíduo para a aprendizagem ao longo da vida, proporciona o desenvolvimento do pensamento crítico e inovador, “preparando-os para viver como cidadãos responsáveis” (IFLA, 2000) na atual sociedade da aprendizagem (Costa, 2013, p. 24).

Em síntese, o ambiente bibliotecário é integrado à escola, mesmo que seja transformado em sala de aula com o tempo, este espaço ainda está cumprindo seu papel social, fornecendo apoio na formação escolar do aluno, reforço isso por conta de que é algo baseado em minhas vivências na biblioteca.

### **Um novo ambiente, o ingresso na biblioteca acadêmica**

Minha nova e atual experiência com uma biblioteca não é com uma escolar, é em uma acadêmica, chamada Biblioteca Prof. José Carlos dos Anjos<sup>11</sup> (BPJCA), situada na UNEB, Campus XIV, Conceição do Coité, Bahia. Segundo o *website* da BPJCA, ela:

Funciona desde 1992, quando o Campus XIV da UNEB era chamado de CESCEN – Centro de Ensino Superior de Conceição do Coité. A BPJCA realizava suas atividades no local onde atualmente se encontra o Laboratório de Informática do Campus XIV. Somente em 2005 viemos a ter um espaço próprio, onde nos encontramos nos dias de hoje (História da BPJCA, 2024).

<sup>11</sup> É a biblioteca acadêmica da UNEB Campus XIV – Conceição do Coité-BA.

Além disso, a página traz uma pequena biografia sobre o patrono da biblioteca, o Prof. José Carlos dos Anjos:

[...] nasceu em Nova Soure, estado da Bahia, em 25/09/1939. Courseou Filosofia e Teologia no Seminário Arquidiocesano, em Belo Horizonte – MG. Doutorado-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, na Itália. Na Espanha, fez Mestrado em Psicologia Empresarial e dirigiu o Departamento de Recursos Humanos da Bosch, em Madri. Na Universidade de Colônia, Alemanha, especializou-se em Língua Alemã. No Brasil dirigiu, durante o período de 1973 a 1992, a Robert Bosch do Brasil, em Campinas – SP. Em 1994, foi aprovado em concurso público para Professor Auxiliar-Assistente, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, assumindo a docência junto ao então CESCOT – Centro de Ensino Superior de Conceição do Coité (Atualmente DEDC XIV). Faleceu em 06 de abril de 1995, vítima de um aneurisma cerebral (História da BPJCA, 2024).

Diferente das anteriores, a biblioteca da UNEB, e as bibliotecas universitárias em geral, tem foco em obras da academia. No meu ponto de vista, a maior diferença é o tipo de conteúdo bibliográfico disponível na biblioteca acadêmica, como a literatura, que no ensino médio é objeto de interpretação textual, e também é utilizado para fazer atividades. Porém, na academia, além da interpretação, é objeto de pesquisa e de modo estudar a metodologia de como o mesmo foi feito e quais são as críticas que a obra faz diante do contexto histórico do livro. Ademais, segundo Nunes e Carvalho:

[...] as bibliotecas universitárias favorecem a aprendizagem dos estudantes, não apenas oferecendo o conhecimento que está acumulado nos diversos documentos em diferentes suportes os quais ela administra, mas também a partir de ações concretas que visam otimizar o desenvolvimento de estudantes e de equipes de pesquisadores no espaço informacional, através de ações de aprendizagem (Nunes; Carvalho, 2016, p. 183).

Ou seja, a importância desse espaço que acolhe os discentes e fomenta a inserção no mundo bibliotecário, que na academia é bastante necessário a presença desses estudantes nesse ambiente.

Voltando a minha experiência, o que mais me impressionou foi a estrutura da biblioteca da UNEB (BPJCA), além de ser um espaço aberto para estudantes e não estudantes da Universidade, ou seja, é aberto para qualquer



cidadão, também é notória a organização dos livros, o cuidado que a bibliotecária, apelidada de Helo, tem com os livros e com as pessoas que frequentam o local. Além disso, o conforto da área de lazer proporciona o descanso. Ademais, há os equipamentos como *notebooks*, computadores que podem ser emprestados para os estudantes que os solicitarem, e durante a semana de integração na UNEB, há uma equipe para nos incluir na biblioteca, ensinando como funciona o *site*, a organização do acervo, como pegar um livro emprestado e etc.

A BPJCA, atualmente, em dezembro de 2024, inaugurou alguns espaços que estão incluídos no cotidiano bibliotecário. Sendo o primeiro o Memorial Professor Edivaldo Machado Boaventura. Que, de acordo com a Academia de Letras da Bahia (2024), foi o ex-presidente da mesma entre 2007 e 2011 e fundador e primeiro reitor da UNEB de 1983 a 1984. O espaço é uma homenagem a ele, arquitetado pelo atual Diretor do Campus XIV, o Prof. Dr. Adriano Eysen e a filha de Edivaldo, a Pró-reitora de Planejamento da UNEB, Lídia Boaventura Pimenta, trazendo sua biblioteca particular para o espaço da universidade.

Finalmente, o segundo local a ser inaugurado é uma brinquedoteca, que, de acordo com Santos *et al.* (s. d., p. 3). “A brinquedoteca escolar é um espaço educativo potencialmente pedagógico, que assume também a função de recurso didático, pois o professor se utiliza dela no intuito de diagnosticar e trabalhar dificuldades e potencializando capacidades da criança”.

## Revisitando a biblioteca escolar

No mês de novembro de 2024, revisei a biblioteca escolar do Colégio Estadual Polivalente de Conceição do Coité, onde fiz os dois últimos anos do meu ensino médio. A equipe desse local consiste em quatro pessoas, duas ficam pelo turno matutino, uma pelo vespertino e outra pelo noturno, a responsável pelo turno da tarde se chamava Marinalva Almeida, graduanda em Serviço Social pela UNEF EAD. Ademais, minha primeira impressão foi quando constatei a ausência dos computadores que o professor Matheus Oliveira havia reparado; imediatamente questionei a bibliotecária sobre a falta de permanência dos dispositivos, que afirmou que estes danificaram durante este ano e a direção e coordenação não se prestaram a consertá-los novamente.

Por conseguinte, ao analisar o espaço da biblioteca, reparei que não há acessibilidade, pois tem a ausência de pisos táteis e locais apropriados para

cadeirantes, além disso, a responsável pelo local afirmou que a biblioteca não possui materiais para pessoas com deficiências (PCD), como livros traduzidos em braile. Logo mais, percebi que os assentos e mesas estavam danificadas, podendo causar um acidente futuramente.

Entretanto, ao avaliar o acervo dessa biblioteca, pude perceber que é bastante diverso e, segundo a bibliotecária, contém mais de quatro mil materiais, podendo ser livros, gibis, CDs etc. Além de estar organizada acessivelmente para os leitores, sendo atualizada anualmente pelo Governo do Estado da Bahia e catalogada digitalmente.

Ademais, o público-alvo dessa biblioteca são os alunos do colégio, tendo uma frequência de 15-30 alunos diariamente pelo turno vespertino, tendo seu maior pico pela manhã. Porém, os docentes também utilizam o espaço para fazer atividades em grupo com as turmas periodicamente. A professora que se destacou, segundo Marinalva, se chama Conceição, que ministra a disciplina de português; ela compartilha os livros com as turmas para que elas tenham uma experiência com leitura e que também sejam utilizadas como avaliação da matéria, ou seja, há um incentivo pedagógico e bibliotecário que fomentam a introdução à literatura, sendo esse um aspecto bastante positivo sobre o local.

Por fim, ao questionar a Marinalva sobre o que poderia ser melhorado no espaço da biblioteca, esta afirmou que o espaço poderia ser mais bem aproveitado, pois o colégio utiliza o local para armazenar os livros didáticos durante o ano, sendo assim um depósito. Além disso, a bibliotecária, em nosso diálogo, apresentou que a maior dificuldade enfrentada é a perda e a danificação dos livros, pois como o acervo é repostado anualmente, acaba-se perdendo e tornando alguns títulos obsoletos nesta biblioteca.

### **Reflexões finais: a biblioteca em minha vida**

De acordo com o que foi abordado até o atual momento, o que reparei que faltou nas bibliotecas escolares que convivi, incluindo a da UNEB, é uma caixa de sugestões de solicitação de livros. O processo para pedir uma obra para o acervo é complexo. Na educação básica tem que haver reuniões entre os professores para aprovar ou não a compra dos livros. No ensino superior é a mesma premissa, as reuniões são feitas pelo colegiado e os docentes que escolhem ou não a compra do livro, já que têm que contribuir para a comunidade que irá utilizar aquele livro e não só para o aluno que solicitou. Sobre esse assunto, trago a afirmação de Sales e Machado:

A formação e desenvolvimento de coleções informacionais em bibliotecas é uma atividade de planejamento que exige dos envolvidos uma pluralidade de conhecimentos e expertises. [...] Políticas de Formação e Desenvolvimento de Coleções (PDC) é uma convenção que ocorre comumente de forma escrita, visando definir ou refinar metas e objetivos para formar e desenvolver coleções de materiais informacionais em biblioteca, conforme a política educacional e administrativa da instituição na qual está inserida, mostrando-se um documento imprescindível para orientar a tomada de decisão (Sales; Machado, 2023, p. 2).

Em outra perspectiva, caberia a estas bibliotecas se atualizar tecnologicamente, não apenas mantendo o acervo digital, mas também criando páginas em redes sociais, como o Instagram, e utilizar esses locais para a divulgação dos exemplares, assim incentivando o acesso às mesmas, já que os discentes ou membros da comunidade estariam instigados a fazer aquela leitura. A BPJCA tem um *website* próprio e uma página nesse meio social e utilizada para atualizar sobre tendências, novidades e divulgações de datas comemorativas, porém, deixa a desejar em aproximar o/a leitor/a deste espaço<sup>12</sup>.

Ainda por cima, a BPJCA se destacou diante das bibliotecas escolares que vivenciei por conta do conforto do local, estimulando o uso desse espaço, além de trazer uma sensação de “estar em casa”, algo que melhora no desempenho e nos estudos e leituras do discente. Entretanto, as bibliotecas escolares não eram muito confortáveis, destaco a do Colégio Polivalente, que revisei em novembro de 2024, como citado na sessão da revista, as mesas ficavam balançando, podendo causar um acidente. Além do mais, a partir da minha análise, esses locais não têm o objetivo de ter um ambiente para o aluno dormir e descansar, mas tendo o papel de fornecer ao estudante o serviço de empréstimo ou leitura.

Por conseguinte, na segunda aula da disciplina de Pesquisa Bibliográfica, ministrada pela docente Zuleide Paiva e pela monitora de ensino Maria Lizandra<sup>13</sup> na graduação no ensino de História, citei um trecho da música *Que País é Este*, da banda Legião Urbana<sup>14</sup>:

<sup>12</sup> Página do Instagram da BPJCA: <https://www.instagram.com/bpjca/>.

<sup>13</sup> Daqui em diante chamarei Zuleide pelo apelido Eide, já Lizandra, irei me referir como Liz. Elas preferem ser identificadas dessa forma.

<sup>14</sup> Essa música faz parte do disco *Que País é Este*, lançado em 1987 durante o fim da ditadura militar, fazendo uma crítica sobre o governo da época.

Terceiro mundo se for  
 Piada no exterior  
 Mas o Brasil vai ficar rico  
 Vamos faturar um milhão  
 Quando vendermos todas as almas  
 Dos nossos índios num leilão  
 (Que país é este, 1987).

Qual a relação desse trecho com as bibliotecas? Diante dessa indagação, pode-se notar que, da mesma forma que os indígenas são colocados em segundo plano pelo Governo Federal, a educação em nosso país também, com cortes de investimentos, que segundo o G1 (Martello, 2024), foi divulgado que o Ministério da Educação perderá 42 bilhões de reais de verba nos próximos cinco anos. Já a música, como citada anteriormente, é de 1987, e a pauta sobre a questão da violência contra os indígenas vem sendo debatida e sendo posta de lado pelo Estado. Entretanto, há ativistas que defendem os direitos desses povos, cotidianamente representados pelo intelectual Ailton Krenak, que em 2022 recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília (UNB) e em 2023 passou a ocupar a quinta cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). Diante disso, é evidente que essas questões invisibilizadas pelo Governo devem ser revistas e tratadas como prioridade.

Sobre a minha revista na biblioteca escolar do Colégio Polivalente, vejo como algo positivo, pois pude notar como o ambiente mudou, além de estar observando de forma analítica e crítica e não como um usuário daquele espaço. Futuramente, pretendo visitar novamente esse espaço para fazer outra análise e chegar à conclusão se o espaço melhorou ou definhou. Voltando à examinação, não vi muitas mudanças, e as que percebi, foram negativas, como a remoção dos computadores, o fato de o local estar repleto de livros didáticos atrapalhando a passagem e a permanência de regras como a que proíbe o uso de *smartphones*.

Em conclusão, percebi que minha vivência nesse mundo universitário está apenas começando. Tenho ciência que há uma grande jornada pela frente e que minhas vivências nas bibliotecas escolares me ajudaram e contribuíram no meu desenvolvido e em reconhecer meu espaço na sociedade, me tornando quem sou, um discente do curso de Licenciatura em História em uma Universidade referência neste âmbito, além de poder expressar meu gosto por leituras, músicas e audiovisuais. Além disso, noto que essa experiência não é exclusivamente minha, e que outras pessoas, inclusive a docente Eide e a monitora Liz, tiveram suas vidas transformadas por conta da inserção neste ambiente. Por fim, tudo isso iniciou quando um garoto de apenas onze anos com curiosidade começou a ler gibis.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Ex-presidente da Academia de Letras da Bahia, Edivaldo Boaventura, ganha memorial na UNEB em Conceição do Coité. Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.org.br/ex-presidente-da-academia-de-letras-da-bahia-edivaldo-boaventura-ganha-memorial-na-uneb-em-conceicao-do-coite/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

AILTON Krenak: perfil do acadêmico. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ailton-krenak>. Acesso em: 17 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 2 set. 2024.

CARRANÇA, Thais. **Brasil perdeu quase 800 bibliotecas públicas em 5 anos**. BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62142015>. Acesso em: 2 set. 2024.

COSTA, Jéssica Fernandes. **O papel da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2013.

FREITAS, Richardson Santos de; PAULA, Lorena Tavares de. **Do gibi a gibiteca: origem e gênese de significados historicamente situados**. Biblionline, João Pessoa, v. 19, p. 3-19, 2023.

HISTÓRIA da BPJCA. Disponível em: <https://bpjcaxiv.wixsite.com/bpjca/historia>. Acesso em: 17 set. 2024.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Manifesto IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**. Tradução de Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA, 2000. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2012.

MARTELLO, Alexandro. **Corte de gastos: Educação perde R\$ 42,3 bilhões até 2030; alvo são verbas para ensino integral**. G1, Brasília, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2024/11/29/corte-de-gastos-educacao-perde-r-423-bilhoes-ate-2030-alvo-sao-verbas-para-ensino-integral.ghtml>. Acesso em: 17 dez. 2024.

NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Kátia de. **As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 21, n. 1, p. 1-20, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2572>. Acesso em: 16 dez. 2024.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Biblioteca especializada, gibiteca e arquivo: sentidos de poder e interdição**. In: SILVA, Rosângela Formentini Caldas; SILVA, Rafaela Carolina da. *Bibliotecas e hibridez*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 115-136. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-88-0.p115-136>. Acesso em: 28 jul. 2025.

POLETTI, Luma. **UnB concede título de Doutor Honoris Causa ao ativista Ailton Krenak**. UnB Notícias, 2022. Disponível em: <https://www.noticias.unb.br/39-homenagem/5718-unb-concede-titulo-de-doutor-honoris-causa-ao-ativista-ailton-krenak>. Acesso em: 17 set. 2024.

QUE país é este. Intérprete: Renato Russo. Compositor: Renato Russo In: *Que país é este: 1978-1987*. Intérprete: Legião Urbana. Brasília: EMI-Odeon, 1987. 1 CD, faixa 1. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/46973/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

SALES, Wesleyne Nunes de; MACHADO, Raymundo das Neves. **Análise das políticas de formação e desenvolvimento de coleções das bibliotecas de universidades federais brasileiras: ênfase na alocação de recursos financeiros destinados à compra de materiais informacionais**. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 29, e-129400, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18085245.29.129400>. Acesso em: 16 dez. 2024.

SANTOS, Maria de Fátima Guedes dos et al. **Brinquedoteca: um espaço para a construção do desenvolvimento intelectual, emocional e social da criança**. ISCI – Revista Científica, [S. l.: s. d.]. Disponível em: <https://www.isciweb.com.br/revista/3368>. Acesso em: 16 dez. 2024.

# Vestígios: Minha História de Biblioteca

*Mirely Ferreira Moreira*

## **Apresentação, objetivos e metodologia**

Meu nome é Mirely e tenho 19 anos, nasci em 15 de julho de 2005 em um distrito da cidade de Conceição do Coité chamado Salgadália, vivi minha vida inteira no lugar em que nasci e foi lá que cresci e vivi os momentos mais importantes da minha vida e construí memórias. Salgadália é um distrito de pessoas humildes onde a maior parte da população trabalha com o sisal – a fibra do sisal é bastante utilizada para a produção de cordas, tapetes, entre outros objetos. Assim como o sisal, a população salgadense é uma população de fibra e força marcada pela humildade e resistência.

Sou uma mulher de pele clara, brasileira, baiana e principalmente salgadense, pois não posso esquecer do lugar de onde vim e que tenho muito orgulho, não só tenho orgulho do lugar de onde venho mais também das pessoas que fazem parte da minha vida e que são minha fonte de inspiração e orgulho. Atualmente faço o curso de licenciatura em História na UNEB no Campus XIV.

Este texto tem como objetivo mostrar minha trajetória e experiências com bibliotecas, livros e leitura. Para a produção deste texto, foram usadas experiências, memórias e o enlaçamento com a literatura. O título “Vestígios” foi escolhido pelo fato de ser um texto em sua grande parte construído através de vestígios de memórias de experiências pessoais.

A metodologia abordada para a construção desse texto pode ser dividida em etapas: primeiramente, foi pensada a minha relação com bibliotecas e livros juntamente com a memória, depois os impactos e os problemas enfrentados por nossas bibliotecas e pela educação, e para a conclusão, uma visita à antiga Escola Antônio Nunes Gordinho Filho, no distrito de Salgadália, Conceição do Coité-BA, onde estudei parte do ensino fundamental. Ao longo do texto, no processo de escrita, também foram surgindo outros temas que se complementavam.

## Memória pessoal e livros na infância

Por ser um texto que foi construído em sua grande parte através de vestígios de memórias de experiências pessoais, como citado anteriormente, acredito que seja de suma importância começarmos falando sobre memória e juntos traçarmos uma relação entre bibliotecas, livros e memória.

Através de conexões neuronais formamos novas memórias, e estas estarão guardadas em nossas mentes e poderemos recorrer a elas sempre que jugarmos necessário recordar de algo. Durante toda a história da humanidade houve a preocupação com a memória; a palavra memória vem grego “*Mnemosyne*”, que na mitologia grega era a deusa da memória e a mãe das musas. A memória é fundamental na construção do indivíduo, ela molda nosso eu, identidade e percepções, e pode ser construída através de experiências pessoais ou coletivas.

Durante a infância, meu pai costumava contar histórias que o pai dele contava para ele e essas lembranças são muito importantes e preciosas para mim, eu não lembro de ver meus pais lendo livros, mas minha irmã tinha livros e inclusive me emprestava alguns. O hábito de ouvir as histórias contadas pelo meu pai teve uma grande influência sobre o hábito da leitura em minha vida, já que me despertou um grande interesse em querer ouvir e conhecer novas histórias durante a infância, histórias essas que logo foram descobertas nas páginas dos livros.

As escolas que estudei eram todas públicas do distrito de Salgadália; algumas tinham bibliotecas, outras, cantinhos de leitura, nas vagas lembranças que me recordo que os cantinhos de leitura eram espaços com alguns livros e estavam presentes na escola Miguel Couto, onde estudei o ensino fundamental, e as bibliotecas que tinham na escola Antônio Nunes Gordinho Filho e no colégio estadual José Ferreira de Oliveira onde estudei uma parte do ensino fundamental e concluí o ensino médio eram salas com algumas estantes com livros, esses espaços são muito importantes, pois eles incentivam a leitura e o contato com livros aos estudantes, é fundamental apresentar a eles esses espaços como lugares de aprendizagem e desenvolvimento, como lugares que podem frequentar não apenas para atividades escolares, mas também como espaços de lazer.

Ainda me lembro de um dos primeiros livros que li, ainda no ensino fundamental, *A árvore generosa*, de Shel Silverstein, um livro para crianças, mas muito significativo para mim, já que ele foi um dos primeiros livros que



li ainda na infância; É a história de um menino e de uma árvore, a árvore sempre oferecia algo ao menino e o menino, que logo se tornou um homem e um senhor, sempre queria mais e mais, até a árvore ser apenas um toco e mesmo assim oferecer um lugar para o menino já idoso e cansado se sentar e descansar. Esse livro faz parte de uma das lembranças de infância que eu quero guardar sempre comigo e sempre quando lembro desse livro é como se a Mirely do ensino fundamental estivesse lendo ele novamente, essa é uma das minhas memórias favoritas junto com as histórias que meu pai me contava.

A leitura para crianças proporciona diversos benefícios. É de suma importância pensarmos em como os livros podem ser apresentados às crianças de forma lúdica e criativa na infância, para assim despertar nelas o interesse e o hábito da leitura e o papel dos livros nas escolas públicas.

Os livros nas escolas públicas têm um papel fundamental, já que a maior parte das crianças que estão no ensino público muitas vezes estão em situações de vulnerabilidade e não têm acesso a livros em seus lares. Acredito que o livro é essencial na construção do indivíduo e é preciso gerar conexões entre a leitura e as crianças, apresentá-las livros com temas variados que despertem seu interesse pela leitura e que façam conexões com sua realidade e com suas vivências, para assim se sentirem conectados com a leitura. Para Freire, que foi um grande educador brasileiro, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1982, p. 9). Assim, cabe ao professor na sala de aula pensar em estratégias e métodos para fazer essa conexão entre os alunos e os livros de forma lúdica, criativa, e estimular o pensamento crítico dessas crianças em relação a obras literárias logo na infância.

## **Desafios, críticas às bibliotecas públicas e à educação**

No Dicionário Online a palavra biblioteca tem como significado “lugar onde se guardam coleções de livros”, mas, para mim, e acredito que para outras pessoas, biblioteca tem outros significados que vão além de um simples lugar para se guardar coleções de livros, biblioteca é um lugar de descanso, paz, aconchego, estudos, conexões... entre tantas outras palavras que poderiam ser utilizadas para descrevê-la.

Meu distrito já teve uma biblioteca pública que foi essencial para minha formação, especialmente em uma época em que eu não tinha acesso à internet. Lá, realizei trabalhos escolares e construí memórias. Infelizmente, como muitas outras no Brasil, essa biblioteca foi desativada, transformando-se em um centro de serviços médicos. Essa perda reflete o descaso com

espaços de aprendizado que poderiam mudar tantas vidas, especialmente de jovens em comunidades vulneráveis.

Ela acabou virando um centro de marcação de exames pelo fato de não ser muito frequentada e usada por poucas pessoas, e eu me pergunto se essas poucas pessoas que utilizavam a biblioteca não se importam? Porque não inovar o espaço, investir na biblioteca, fazer campanhas nas escolas incentivando o uso da biblioteca pública, colocar novos livros de interesse do público jovem e colocar computadores novos. É triste ver que nossas bibliotecas estão acabando aos poucos e que as crianças e jovens estão cada vez mais trocando as páginas dos livros pelas telas de computadores e celulares, que causam tantos malefícios à saúde, principalmente mental. É importante ressaltar que as tecnologias trouxeram inúmeros benefícios, mas é de suma importância pontuar que também causaram diversos malefícios.

As tecnologias possibilitaram, de certa forma, o acesso aos livros através de PDFs e *e-books*, mas não podemos esquecer os benefícios de ler livros físicos. De acordo com o instituto Pró-livros, em uma lista realizada pelo portal Bienal do Livro, ler livros físicos traz inúmeros benefícios como o aumento da inteligência, melhora a memória, ajuda no entendimento do que está sendo lido, previne Alzheimer e ajuda a relaxar e reduzir o estresse, entre tantos outros benefícios.

Outro ponto importante a se pensar quando se fala na questão da disponibilidade de livros digitais é a grande desigualdade que existe no acesso à internet e às tecnologias no país, onde muitas populações vulneráveis não possuem acesso a esses meios que estão fortemente inseridos na nossa atualidade e cotidiano. De acordo com o *site* Brasil de Fato, 36 milhões de pessoas não têm acesso à internet, conforme dados de pesquisa do TIC Domicílios de 2022.

Me vem uma grande melancolia em pensar nas próximas gerações que não terão a oportunidade de frequentar bibliotecas e ter um livro físico em suas mãos. As bibliotecas estão desaparecendo aos poucos em nossas comunidades, cidades e escolas; de acordo com matéria do G1, o Brasil perdeu entre 2015 e 2020 ao menos 764 bibliotecas públicas segundo dados do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP). O governo e as autoridades competentes precisam fazer algo em relação a essa triste situação em que se encontram nossas bibliotecas.

Esse descaso com as bibliotecas públicas e a educação é muito triste porque só mostra o tipo de país em que vivemos, um país que não se importa com o poder que um livro pode ter juntamente com a educação, em como a

educação e os livros podem mudar o pensamento e a realidade de uma pessoa. Como diz Paulo Freire “A educação não transforma o mundo, mas os transformados pela educação podem transformá-lo” (Freire, 1992). Quem possui um livro, possui um grande poder em suas mãos, o poder do conhecimento e o poder da mudança!

O descaso no processo de ensino aprendizagem gera uma série de consequências aos estudantes, como lacunas na sua vida escolar, esses alunos vão concluir seu ensino médio sem ter contato com obras literárias, sem interesse pela leitura e muitos infelizmente não concluem o ensino médio pela falta de motivação e interesse pelos estudos, interesse esse que, infelizmente, não foi despertado justamente pelo descaso no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

A educação é um direito de todo ser humano, como está estabelecido no artigo 205 da Constituição Federal, é importante também pontuarmos que esse direito previsto na Constituição Federal deve ser respeitado e oferecido a todos de maneira igualitária e de qualidade, a educação é essencial para a construção do indivíduo.

### **Impactos e inspirações literárias**

O colégio estadual onde estudei o ensino médio, José Ferreira de Oliveira, tem uma biblioteca com muitos livros e uma professora apaixonada pelos livros chamada Edlane, que tem um projeto muito interessante, a biblioteca ADR, onde ela empresta seus livros aos estudantes, com uma grande diversidade de títulos de diversos gêneros e gostos, esse projeto tem uma grande importância, pois ela incentiva a leitura dos estudantes e também ensina como cuidar e preservar os livros, ela empresta livros do seu próprio acervo com títulos diversos e atuais pelos quais a maioria dos jovens se interessam, muitos estudantes participam desse projeto e é muito bonito de se ver o amor que essa professora tem pela leitura e como ela incentiva a ter esse amor também. Durante o ensino médio eu comecei a me interessar mais pela leitura, principalmente durante o terceiro ano do ensino médio, e esse interesse pela leitura me segue até os dias atuais, e é uma coisa que eu também quero compartilhar com outras pessoas para que elas também conheçam esse universo tão maravilhoso chamado leitura.

É tão interessante como um bom livro pode nos marcar, uma boa poesia pode nos abraçar com palavras, uma das minhas poesias preferidas é o *Soneto de fidelidade* de Vinicius de Moraes, não me lembro exatamente como fui apresentada a ela, mas foi durante meu ensino médio e a adolescência, e

desde então é uma das minhas favoritas, me encanta saber que uma obra escrita em 1939 nos marca até os dias atuais, e isso mostra que os bons poetas e escritores nunca morrem, eles estão imortalizados em suas escritas. *O Soneto de Fidelidade* de Vinicius de Moraes me traz uma sensação de leveza e delicadeza, de um amor terno e verdadeiro, é tão lindo como ele consegue através das palavras nos emocionar e tocar.

De tudo, ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.  
(Soneto de Fidelidade, 1939).

Ao trazer o soneto de Vinicius de Moraes e minha experiência com a biblioteca ADR no colégio estadual José Ferreira de Oliveira busco trazer uma reflexão sobre como a leitura pode impactar em nossas vidas e como esse impacto pode permanecer conosco por um longo período de tempo ou por toda nossa vida quando se existe uma conexão bem estabelecida entre a leitura e a educação.

Como ingressei há pouco tempo na UNEB, ainda não tive muitas experiências com a biblioteca Professor José Carlos dos Anjos aqui do campus, mas já a visitei e sei que tem um espaço bem aconchegante e também sei que tem uma grande diversidade de títulos, o que é bom, pois ela atinge diferentes públicos de diferentes idades e gostos que se interessam pela leitura e atende às necessidades informacionais da comunidade acadêmica. Eu não conheço a história da biblioteca e como ela surgiu, mas essa é uma curiosidade que eu pretendo descobrir em breve; pretendo pegar livros na biblioteca e desfrutar do espaço aconchegante que ela nos proporciona.

A biblioteca do campus é diferente de todas as bibliotecas que já tive contato em minha trajetória, além dela ser um lugar muito agradável, possui uma vasta coleção de títulos, como citado anteriormente, que são essenciais para o aprimoramento dos estudantes em suas vidas acadêmicas, o que eu acredito ser de suma importância.

## **Retorno e conclusão**

Ao retornar à antiga escola que estudei, Antônio Nunes Gordinho Filho, no dia 13/11/2024, percebi uma grande mudança no que era antes a antiga biblioteca no tempo em que estudei no local, ela atualmente funciona em uma sala diferente e infelizmente não tem um responsável para cuidar dela; possui um tamanho médio e é um lugar simples. O espaço é utilizado para diversas atividades escolares, possui cadeiras e mesas também simples e fica frequentemente fechado, já que a escola não possui um bibliotecário ou alguém para ser responsável pela biblioteca como já citado.

Apesar de ter poucos exemplares, há livros de diversos temas disponíveis e também computadores que estão funcionando, o que é um ponto positivo, mas, infelizmente, a maior parte dos alunos não sabem como utilizar os computadores, e isso é um ponto a se pensar. Ao perguntar à funcionária da escola sobre a quantidade estimada de livros, ela não soube responder. Quanto à organização, a sala estava um pouco bagunçada porque estava sendo utilizada para ensaios, a biblioteca não possui parcerias com editoras ou ONGs e a única doação que recebe é de pessoas em particular, município e do FNDE.

Foi falado que a biblioteca precisa de tudo, mobília adequada, mais livros, oferta de cursos de computação para se solucionar o problema de os estudantes não saberem utilizar os computadores disponíveis e que o público maior da biblioteca são os estudantes do 6º ao 8º ano, mas não se sabe a média de pessoas que a frequentam e o horário de maior ou menor movimento. O maior incentivo à leitura vem dos professores e os alunos pegam livros com certa frequência – alguns pelo incentivo dos professores e outros por interesse próprio –, e como não tem bibliotecária, é preciso falar com alguém da direção para poder pegar livros e os empréstimos são registrados em um livro, manualmente.

Ao se perguntar quais são os maiores desafios enfrentados e as principais necessidades da biblioteca para melhorar o atendimento e sugestões para melhorar o espaço, foi respondido que não se tem uma bibliotecária e nem alguém para ser responsável pela biblioteca, e que precisam de mais livros e

de móveis melhores, além das sugestões para melhorar o espaço e solucionar esses problemas.

É muito triste ver que um lugar tão importante como a biblioteca escolar é muitas vezes vítima da falta de atenção e de cuidados, que as escolas públicas muitas vezes não têm a atenção que merecem e nem seus estudantes. Ao visitar a biblioteca, pude perceber que, mesmo estando na zona urbana, ela tem grandes necessidades e carências, o que também provavelmente é a realidade de muitas outras escolas espalhadas pelo país. Espero que essa realidade mude e que os nossos estudantes possam ter a oportunidade de ter bibliotecas de qualidade em suas escolas um dia.

Os livros e as bibliotecas são mais do que lugares ou objetos; são pontes que nos conectam ao passado, ao presente e ao futuro. Minha trajetória mostra como espaços de leitura, mesmo precários, podem transformar vidas. Espero, como estudante e futura professora, contribuir para que mais pessoas tenham acesso a esses universos e que as bibliotecas voltem a ocupar o lugar que merecem: o de pilar da educação e da transformação social.

## REFERÊNCIAS

CARRANÇA, Thais. **Brasil perdeu quase 800 bibliotecas públicas em 5 anos.** G1, 16 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/07/16/brasil-perdeu-quase-800-bibliotecas-publicas-em-5-anos.ghtml>. Acesso em: 24 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RODRIGUES, Jéssica. **Desconectados: 36 milhões de pessoas sem internet refletem a desigualdade no Brasil.** Brasil de Fato, 1 set. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/09/01/desconectados-36-milhoes-de-pessoas-sem-internet-refletem-a-desigualdade-no-brasil>. Acesso em: 17 dez. 2024.

**SONETO de fidelidade.** Disponível em: <https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-fidelidade>. Acesso em: 24 set. 2024.

**VOCÊ conhece os 8 benefícios comprovados pela ciência de ler um livro físico.** Instituto Pró-Livro, 5 jun. 2023. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/2023/06/05/voce-conhece-os-8-beneficios-comprovados-pela-ciencia-de-ler-um-livro-fisico/>. Acesso em: 24 set. 2024.

# Entre Livros, Estantes e PDFs: Minhas Experiências com Bibliotecas

*Guthyerre Carneiro Gordiano Ramos*

## Introdução

Me chamo Guthyerre Carneiro Gordiano Ramos, tenho 18 anos, sou graduando do curso de Licenciatura em ensino de História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no Departamento de Educação (DEDC), Campus XIV. O texto em questão, *Entre Livros, Estantes e PDFs*, foi escrito por solicitação da professora Zuleide Paiva da Silva e pela monitora, a professora mestranda Liz Mendes, como avaliação do componente curricular Pesquisa Bibliográfica. Busco escrever no formato de uma narrativa pessoal e memorial com o objetivo de narrar as experiências com bibliotecas e com a leitura que tive ao longo da minha vida.

Espero que este texto sirva como inspiração para pessoas que buscam motivações para ler, e que sirva tal qual um banho gelado às seis da manhã, para acordar e despertar sobre o descaso e falta de valorização e cuidado que bibliotecas sofrem, a partir do ponto de vista oferecido pela minha experiência pessoal.

Entretanto, antes de contar minha história com bibliotecas, é preciso contar minha história com a leitura em si, sendo assim, começo minha escrita narrando quando, como e por que comecei a ler. Ao longo do texto faço o meu encontro entre as leituras e as bibliotecas. Sigo narrando as três experiências que tive com bibliotecas ao longo de minha vida. Tento finalizar meu texto contando como está sendo minha atual experiência e trazendo comentários sobre a influência do componente curricular de Pesquisa Bibliográfica para meu amadurecimento pessoal em relação a este tema tão importante que é a valorização das bibliotecas e da leitura.



## Mãe eu odeio ler!

Desde meus dois anos de idade resido em um pequeno povoado chamado Vila Carneiro, popularmente conhecido como Goiabeira, localizado na zona rural do município de Conceição do Coité – irei me referir ao povoado usando o nome popular. Comecei a morar com a minha mãe em Goiabeira depois do divórcio dos meus pais. A partir desse fato, morando com minha mãe e vendo meu pai periodicamente, criei uma relação muito mais próxima e íntima com minha mãe, Gilmara Carneiro da Anunciação, graduada no curso de Letras Vernáculas e pós-graduada no mesmo campo de estudo.

Minha mãe atua como professora há mais de 20 anos. Considero ela a minha maior influência para que eu comesse a ler. Aprendi a ler entre os meus seis e sete anos, durante boa parte da minha infância estudei em escolas particulares e meu contato com a leitura de livros vinha do ato de ler e responder às atividades escolares. Além de leituras para a escola, minha mãe comprava algumas revistas da Turma da Mônica para que eu pudesse ler.

Lendo quadrinhos da Turma da Mônica, tive meu primeiro contato com a leitura. Por quadrinhos serem feitos com desenhos isso chamava a minha atenção, porém a minha mãe era uma professora de Português, e começou a insistir que ficar somente nos quadrinhos era algo limitante para mim. Quando eu tinha nove anos, minha mãe comprou de presente o primeiro livro da coleção *Diário de um Banana*, uma série de livros infantis escrita por Jeff Kinney. Lembro-me que a primeira reação que tive quando minha mãe me entregou aquele livro foi reclamar “Mãe eu odeio ler! Por que a senhora comprou isso pra mim?”.

Eu li o pequeno Volume 1 de *Diário de um Banana* em menos de três dias e pedi para minha mãe comprar o segundo volume logo em seguida. A partir dessas leituras comecei a me interessar por livros, tenho ainda hoje na minha estante pessoal dez volumes de *Diário de um Banana* para me lembrar de onde comecei. Acho interessante analisar que comecei a ler com quadrinhos e atualmente os quadrinhos ainda são um dos meus estilos favoritos de livros, *Maus* de Art Spiegelman, *One Piece* de Eiichiro Oda e *Sandman* de Neil Gaiman são alguns exemplos de quadrinhos que gosto bastante, inclusive, deixo como recomendação.

Conforme fui crescendo continuei a ler, mesmo sendo poucos livros, sempre me mantive conectado com a leitura, seja ela em livros físicos ou em

PDFs, fator que me permitiu ler muito além do que estava disponível para meu consumo, pois muitas vezes eu não tinha condições de ler livros físicos. Poder encontrar livros em PDF abriu portas de leituras que nunca imaginei que poderia ter, é uma das ferramentas que mais utilizo atualmente para leitura, principalmente na universidade.

Creio que um dos possíveis fatores que influenciou minha busca por PDFs foi a ausência de uma biblioteca pública ou comunitária que permitisse que eu tivesse acesso a livros que despertassem meu desejo pela leitura. Levo em consideração essa possibilidade, pois, como irei descrever, a minha primeira experiência com bibliotecas foi como assistir ao jogo do famoso 7x1 na Copa do Mundo de futebol em 2014, não começou tão mal, mas a cada minuto aumentava a vontade de desligar a TV. Minha primeira experiência com uma biblioteca não começou ruim, mas a cada ano que passava a vontade de ficar longe dessa biblioteca aumentava, principalmente pela ausência de cuidado e organização com este ambiente.

### **Meu primeiro contato com uma biblioteca**

Meu primeiro contato com uma biblioteca foi na pequena biblioteca do Colégio Estadual João Carneiro que ficava em Goiabeira. Comecei meus estudos no colégio João Carneiro com onze anos, quando estava no sexto ano do ensino fundamental. Deixei o colégio no ano em que foi fechado, 2022. Com meus 16 anos concluí o segundo ano do ensino médio, foi a última série em que estudei neste colégio. Em 2022 o colégio foi desativado por questões financeiras e logísticas, sendo assim, ele foi municipalizado e sua gestão saiu da responsabilidade do estado para a responsabilidade do município de Conceição do Coité.

Com o fechamento do colégio, o espaço físico passou a ser utilizado pela Escola Municipal José Lopes Araújo que também fica em Goiabeira, a escola precisou do espaço para suprir a necessidade de salas de aula, pois, diferente do colégio estadual que tinha poucos alunos para as turmas de sexto ano do fundamental ao terceiro do ensino médio, na escola municipal estava em falta salas de aula para as turmas de primeiro ao quinto ano do fundamental.

Durante os 6 anos em que lá estudei, tive algumas experiências com a pequena biblioteca do colégio. Era um colégio pequeno, possuía somente quatro salas de aula para as turmas divididas entre os turnos matutino, vespertino e noturno. Sua biblioteca tinha um espaço menor do que as dimensões das salas de aula, cerca de menos de 10 metros quadrados. Tive diferentes

experiências lá. Nos primeiros anos estudando no colégio, fui pouquíssimas vezes na biblioteca, principalmente devido ao fato de não ficar aberta aos alunos, somente era usada quando algum professor fazia algum trabalho envolvendo leitura ou pesquisa. A biblioteca possuía poucas estantes de livros, muitos eram livros didáticos e boa parte do tempo era usada como depósito para livros didáticos que chegavam anualmente.

O colégio fazia parte de um projeto criado por iniciativa do Governo Federal, o Programa Mais Educação, que tinha o objetivo de ampliar o tempo de permanência dos alunos na escola e melhorar a sua formação integral. Assim, o espaço da biblioteca passou a ser usado como sala de aula. Originalmente, quando foi construído, o espaço da biblioteca havia sido planejado para ser uma sala de aula, posteriormente foi transformada em biblioteca, então ainda possuía um quadro branco. As carteiras que tinham o objetivo de servir para alunos se sentarem para ler e pesquisar foram reorganizadas no formato padrão de fileiras. Passaram a ser realizadas aulas de reforço de português e matemática.

O ambiente da biblioteca passou a ser quase esquecido, o único detalhe que ainda lembrava isso eram as poucas estantes de livros que haviam sido reorganizadas nos cantos, abrindo espaço, e a humilde placa acima da porta de entrada com o nome Biblioteca.

Ao longo dos anos, com o fim do projeto Mais Educação, com as estantes ainda colocadas nos cantos, o espaço da biblioteca se tornou um depósito para materiais escolares, livros didáticos novos que chegavam e carteiras quebradas. Quando o Colégio João Carneiro foi desativado e seu espaço físico passou a ser utilizado pela escola municipal José Lopes Araújo (em 2022), a biblioteca continuou na mesma situação, segue inutilizada e passa praticamente todo o seu tempo de portas trancadas.

### **Minha segunda experiência com bibliotecas**

Em 2023 fui matriculado no Colégio Polivalente de Conceição do Coité, onde estudei somente o terceiro ano do ensino médio. Minha experiência com a biblioteca do Polivalente foi completamente diferente em diversos sentidos. A começar que a biblioteca do Polivalente é muito maior e possui estantes maiores com mais livros, incluindo maior quantidade de cópias dos livros que lá estão.

Essa biblioteca em questão, possui um espaço muito mais adequado para receber alunos, com diversas mesas redondas onde alunos sozinhos ou

em grupos realizam leituras e pesquisas, inclusive, em minha experiência, frequentei muito essa biblioteca para fazer trabalhos em grupo e reuniões. Havia uma área com computadores, porém, boa parte desses computadores estavam fora de funcionamento. Diferente da minha experiência anterior, existem funcionários para cuidar do espaço e auxiliar os alunos e professores nas atividades realizadas dentro da biblioteca, além disso, o espaço fica aberto para alunos e funcionários durante todos os turnos das aulas.

Frequentei diversas vezes a biblioteca do Polivalente para me reunir com amigos, fazer pesquisas, reuniões em trabalhos de grupo. Tive poucas aulas no ambiente da biblioteca, incluindo aulas envolvendo leituras em grupo. Foi uma experiência bem agradável em comparação com a anterior. Infelizmente não pude aproveitar tanto esse ambiente por conta de algumas reformas estruturais que estavam acontecendo no colégio, inclusive nas salas de aula, houve a necessidade de usar a biblioteca como sala de aula. Após o fim das reformas o ambiente da biblioteca foi reorganizado e restaurado ao seu uso habitual.

### **Minha última e atual experiência com bibliotecas**

Durante o terceiro ano do ensino médio participei do vestibular da UNEB, onde fui aprovado para o curso de Licenciatura em História no DEDC Campus XIV localizado em Conceição do Coité-BA, onde realizo meus estudos e estou tendo minha atual experiência<sup>15</sup> em contato com a Biblioteca Professor José Carlos dos Anjos (BPJCA). Em minhas pesquisas para a escrita deste memorial, descobri algumas informações sobre a BPJCA, como, por exemplo, a biblioteca funciona desde 1992, mas seu espaço próprio só foi construído em 2005. Atualmente faz parte do conjunto de 24 bibliotecas que formam o Sistema de Bibliotecas da UNEB (SISB/UNEB).

Dentre as experiências que tive com bibliotecas, considero que a experiência na biblioteca do Campus XIV foi a mais rica e mais agradável. Acredito que por ser uma biblioteca de uma universidade, a variedade de assuntos e temáticas dos livros é bem mais abrangente, além dos livros de literatura, possui livros mais voltados ao meio acadêmico. Em comparação às bibliotecas anteriores, essa biblioteca possui uma quantidade muito superior de livros e um ambiente muito mais preparado e agradável aos alunos e professores.

---

<sup>15</sup> 2024, ano em que foram realizados o primeiro e segundo semestres letivos.

Há computadores disponíveis para o uso dos alunos, geralmente utilizados para pesquisas no *site* do SISB<sup>16</sup> para localizar algum livro dentro da biblioteca. Também podem ser encontradas mesas para leitura e estudo, e um ambiente de descanso e socialização para uma leitura mais confortável, possuindo dois sofás, alguns pufes, um tapete no chão e almofadas onde os alunos possam se sentir mais confortáveis para ler, estudar, e descansar quando necessário.

Considero fundamental destacar a importância da existência de um espaço para descanso dentro da biblioteca, a partir de discussões em sala de aula tomei consciência do quão importante é a existência de um espaço de descanso e lazer dentro da biblioteca. Muitas vezes o ambiente das bibliotecas universitárias é construído de maneira a oprimir os alunos e maximizar o conhecimento, sem a consciência que o conhecimento em seu processo de produção necessita de períodos de descanso e momentos de lazer.

Frequento bastante a BPJCA justamente no ambiente de convívio e lazer com os sofás e pufes, considero muito agradável poder me repousar no conforto desse ambiente que, inclusive, é climatizado. Poder ter essa experiência de um ambiente de acolhimento que, em comparação, não encontrei em minhas vivências anteriores com bibliotecas ao longo da minha vida. A Biblioteca Professor José Carlos dos Anjos trouxe novas perspectivas e novas visões pessoais sobre bibliotecas, e sobre a valorização desse ambiente.

## Diálogos envolvendo poemas e bibliotecas

Durante a primeira aula da matéria de Pesquisa Bibliográfica no segundo semestre de 2024, foi solicitado pela docente Zuleide Paiva que seus alunos levassem para sala de aula um poema, poesia ou letra de música que fosse de sua autoria ou de terceiros, com o objetivo de criar um diálogo sobre leitura como leitura de mundo através de poesias, desenvolvendo debates sobre a relação da leitura e bibliotecas. Em particular, levei para sala de aula um poema autoral escrito em 2024 chamado *A Vista da Cidade*:

Vi caminhando pela cidade  
Vi gente em movimento  
Vi movimento na gente  
Vi movimentar a cidade

<sup>16</sup> Sistema de Bibliotecas da UNEB.

Vi no caminho da cidade  
Vi caminhos pela cidade  
Vi caminhos para a cidade  
Vi caminhos dentro da cidade  
Vi caminhos para fora da cidade

Vi gente  
Vi o que talvez fosse gente  
Vi gente se tornando gente  
Vi gente que não é mais gente

Vi desigualdade  
Vi gente pobre  
Vi gente rica  
Vi gente achando que é pobre  
Vi gente achando que é rico

Vi na cidade  
Vi cidades nas cidades  
Vi solidariedade nas cidades  
Vi força de vontade nas cidades  
Vi sociedades nas cidades

Eu me vi na cidade  
A cidade não me vê nela  
A cidade é grande demais  
Não consegue ver os pequenos tijolos  
Não sabe quem pôs os tijolos lá  
Só sabe que é formada de tijolos

Tijolos de pedra  
Tijolos de carne  
Tijolos que falam  
Tijolos mudos

A vista da cidade é bela  
Os tijolos admiram o tamanho da cidade  
Eles mal sabem que são eles que a fizeram  
Eles não sabem o poder da sua união  
Não sabem o que construíram juntos  
Não sabem o que podem construir juntos.  
(Ramos, A vista da cidade, 2024).

O poema em questão foi escolhido por conta de uma certa identificação entre as minhas experiências com bibliotecas e alguns dos temas que estavam sendo abordados em sala de aula. Destacando os dois últimos versos:

“Não sabem o que construíram juntos; Não sabem o que podem construir juntos” (Ramos, 2024). Acredito que isso possa encaixar muito bem na forma como vemos uma grande desvalorização das bibliotecas em nosso país.

### **Uma visita ao passado**

O Colégio Estadual João Carneiro foi municipalizado de forma definitiva em 2023, levando praticamente um ano para que a ação fosse concluída. Segundo a administração do colégio, o motivo central para essa mudança vinha da pouca quantidade de alunos matriculados, característica que tornava mais compensador o investimento com transporte de alunos para outros colégios ao invés de manter o João Carneiro em atividade. Por pertencer ao estado, muitos objetos foram levados para outras escolas estaduais, como, por exemplo, estantes, ar-condicionado, e alguns livros também. O ambiente físico do Colégio João Carneiro passou a ser uma extensão da escola José Lopes Araújo, assim, permitindo que a escola pudesse alocar algumas de suas turmas, melhorando seu funcionamento estrutural e administrativo.

Devido a recente transição desse processo, em minha breve passagem revisitando esse ambiente para fins acadêmicos identifiquei tragicamente um enorme descaso com o espaço que um dia já foi a biblioteca do lugar. O ambiente da biblioteca está sendo utilizado como depósito, foram colocadas velhas estantes como forma improvisada de organizar antigos componentes da documentação administrativa da escola, para além disto, encontram-se carteiras antigas que estão fora de uso. Em relação aos livros, percebi que foram terrivelmente “organizados” em pilhas acima de mesas, possivelmente como forma de evitar a umidade natural do chão. Considero em particular que o fator mais entristecedor dessa análise física é a sujeira que cobre o ambiente, livros empoeirados, carteiras e chão muito sujos, assim tornando o espaço inutilizável.

Durante a visita, realizada no dia 13 de novembro, os membros da direção e da coordenação não estavam presentes na escola, impossibilitando o acesso a informações de financiamento e recursos, entretanto, foi possível construir um diálogo com uma das secretárias da escola, ela esclareceu que a biblioteca não tem horário de funcionamento, por servir de depósito, permanece trancada constantemente, conseqüentemente, não há funcionários nem acervo catalogado, também não existem recursos tecnológicos como computadores ou *tablets*.

A secretária esclareceu que a recente implementação do ambiente físico do João Carneiro à administração da Escola José Lopes tornou a biblioteca do colégio um fator de prioridade reduzida, visto que no próprio ambiente original da José Lopes há uma biblioteca em atividade com os devidos cuidados. Segundo essa mesma secretária, existem planos financeiros e administrativos para a reativação da antiga biblioteca do João Carneiro, a própria relatou já estar trabalhando para uma catalogação inicial do acervo de livros presentes na escola.

## Conclusão

Por fim, trago em meus pensamentos o desejo que os relatos trazidos neste breve texto possam colaborar para o desenvolvimento de novas reflexões sobre como o ambiente das bibliotecas públicas é visto e tratado em nosso país. Creio que mais do que nunca é preciso incentivar e valorizar a leitura, segundo a matéria do G1 (portal de notícias da Rede Globo) publicada em 19 de novembro de 2024:

A leitura de livros está sendo praticada por menos pessoas no Brasil: divulgada nesta terça-feira (19), a 6ª edição da “Retratos da Leitura no Brasil” aponta que 53% dos entrevistados não leram nem mesmo parte de uma obra nos três meses anteriores à pesquisa. É a primeira vez na série histórica que o levantamento conclui que a maioria dos brasileiros não leem livros (Santos, 2024).

A partir dessa perspectiva, o Brasil está perdendo cada vez mais seus leitores. A leitura de um livro colabora com a abertura da mente para novas leituras de mundo; em uma sociedade que populariza inteligências artificiais e vídeos curtos na disseminação de “conhecimento”, a leitura de um livro torna-se libertadora para a mente. É necessário cuidar e valorizar as bibliotecas para que a leitura possa ser democrática e inclusiva para todos aqueles que estão necessitados de um “empurrãozinho” nesse vasto universo desconhecido que os livros podem oferecer.



## REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA PROFESSOR JOSÉ CARLOS DOS ANJOS. História da BPJCA. Disponível em: <https://bpjcaxiv.wixsite.com/bpjca/historia>. Acesso em: 17 set. 2024.

BRASIL. **Programa Mais Educação**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689>. Acesso em: 17 set. 2024.

RAMOS, Guthyerre Carneiro Gordiano Ramos. **A vista da cidade**. Acervo Pessoal. 2024.

SANTOS, Emily. O Brasil que lê menos: pesquisa aponta perda de quase 7 milhões de leitores em 4 anos; veja raio X. G1 Educação, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/11/19/o-brasil-que-le-menos-pesquisa-aponta-que-pais-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-veja-raio-x.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2024

## Entre Estantes e Descobertas: O papel das Bibliotecas na Minha Jornada Acadêmica

*Matheus Bismarck Guimarães dos Santos*

Minha trajetória com a leitura e as bibliotecas é marcada pelas minhas origens e vivências. Me chamo Matheus, sou nascido e criado em Valente, uma pequena cidade no interior da Bahia, conhecida como a capital do sisal. Tive o privilégio de ser criado por meus avós, o que me proporcionou uma base sólida e afetiva. A influência da minha avó, que era professora, me conectou de forma natural ao ambiente escolar, moldando assim meu relacionamento com o mundo dos livros e da aprendizagem. Atualmente, com 26 anos, estou cursando História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em Conceição do Coité, que fica a aproximadamente 30 km da minha cidade natal.

História e memória, embora trilhem caminhos distintos, revelam-se dimensões interligadas de acesso ao passado. Apesar de seus diferentes enfoques, a memória é indispensável para a construção do conhecimento histórico, pois oferece perspectivas únicas sobre o passado. Este trabalho pretende explorar essa relação ao revisitar as bibliotecas que marcaram minha trajetória pessoal e meu desenvolvimento acadêmico, refletindo sobre como esses espaços contribuíram de forma positiva para minha formação crítica.

A história, enquanto ciência, privilegia a escrita materializada em arquivos e documentos, enquanto a memória está diretamente ligada ao passado de forma afetiva e seletiva, destacando certas lembranças enquanto “esquece” outras. Nesse sentido, história e memória parecem seguir caminhos opostos, pois o historiador aborda o passado como objeto de estudo, muitas vezes sem vivenciar o que descreve. E se vive, enquanto profissional, sua prática exige um compromisso ético, sustentado por fontes documentais sólidas, atentando-se a classificação e hierarquização dos eventos.

Muito embora a memória não possua o mesmo caráter científico e técnico inerente a pesquisa bibliográfica escrita e documental, é impossível desprezar a sua importância dentro da historiografia. Nesse sentido, a memória atua como uma ferramenta essencial para o historiador, permitindo a reconstrução de perspectivas subjetivas que enriquecem a análise histórica. Muito além disso, ela conecta experiências individuais a contextos coletivos,

contribuindo para a compreensão da relação entre o indivíduo e a sociedade ao longo do tempo.

Reconheço que as bibliotecas têm sido um espaço importante na minha trajetória, oferecendo acesso a um universo de conhecimentos e descobertas que moldaram minha formação pessoal e acadêmica. Esses espaços não apenas incentivaram meu hábito de leitura, mas também despertaram um carinho singular pela educação, escola, professores e colegas. Assim, é a partir dessas vivências que este trabalho encontra sua base, ao revisitar memórias relacionadas a essas experiências para investigar o impacto das bibliotecas no meu desenvolvimento.

Após muitos anos desde minha formação no ensino médio, retornar à academia para cursar História tem sido transformador. Entre as disciplinas, a de Pesquisa Bibliográfica tem sido essencial para ampliar minha compreensão sobre a importância da educação e das bibliotecas. Essa matéria propiciou reflexões profundas sobre o papel dos espaços de conhecimento como catalisadores de mudança social, reafirmando minha visão de que o acesso à educação é um direito fundamental para a construção de um mundo mais justo.

Uma atividade que me marcou especialmente foi uma roda de conversa em que cada colega trouxe uma poesia para compartilhar. Eu escolhi um poema escrito por minha namorada, Bianca Pereira, intitulado “*Quem Policia a Polícia?*”, abordando questões sobre violência policial e justiça social. A leitura do poema promoveu um debate, onde reconhecemos a biblioteca como um espaço de resistência e diálogo. Essa experiência me mostrou que, assim como a poesia e a memória, as bibliotecas têm o poder de questionar o *status quo* e combater a opressão.

Reconhecida a importância da memória na construção do conhecimento, este estudo a qualifica como principal ferramenta para reexplorar as bibliotecas que marcaram minha história. Os objetivos da pesquisa são compreender o papel das bibliotecas na formação crítica do indivíduo e denunciar como o abandono deliberado desses espaços reflete um projeto político de sucateamento da educação. Esse projeto, ao negligenciar espaços de formação intelectual, contribui para uma educação neoliberal, reprodutora, desarticulada e tecnicista, sendo incapaz de promover a emancipação social.

Para alcançar esses objetivos, o texto está organizado em cinco partes. A primeira seção aborda a relação entre memória e história, estabelecendo o vínculo teórico entre ambas. Na segunda, terceira e quarta, revisito minhas experiências pessoais com as bibliotecas, destacando como esses espaços mol-

daram minha trajetória acadêmica e pessoal. Por fim, a quinta parte conclui e analisa o impacto do desmonte das bibliotecas públicas, discutindo suas implicações para a formação crítica e para o futuro da educação.

## **A Labórioteca**

Embora a leitura não tenha sido uma presença constante em minha infância, pois nesse período eu enfrentava sérias dificuldades para iniciar e concluir livros, a escola sempre desempenhou um papel significativo em minha vida. A influência da minha avó, que era professora, me aproximou do ambiente escolar, e eu frequentemente marcava presença em seu local de trabalho. Essas visitas constantes à escola me tornaram íntimo desse ambiente, me sentia seguro e, ao mesmo tempo, parecia que eu também pertencia àquele lugar, e isso me aproximou do mundo dos livros e da aprendizagem.

Meu primeiro contato com uma biblioteca foi na escola, mais precisamente nos anos iniciais do ensino fundamental no saudoso Colégio Piaget, onde era obrigado a ler os livros solicitados pela professora Aline, que ministrava aulas de Língua Portuguesa e Redação. Movido pelas demandas em sala de aula, fui à biblioteca e, em um primeiro momento, a riqueza de objetos no ambiente me cativou muito mais do que as páginas, pois a biblioteca do colégio tinha uma área de exposição com uma infinidade de objetos um tanto excêntricos, como: insetos catalogados, ossos, órgãos de animais e até um feto humano preservados em potes de vidro.

Naturalmente, em um cenário tão rico quanto esse, os livros perderam espaço e a biblioteca se tornou meu “laboratório de ciências” – a labórioteca – onde a cada visita eu via algo novo, incomum, que não poderia ser encontrado em nenhum outro lugar que não aquele. Acredito que essa atração imediata pelo espaço em si e não pelas obras em questão ocorreu principalmente devido a uma dificuldade interpretativa que me acompanhou por quase toda a infância. Durante esse período, eu enfrentava desafios significativos em relação à compreensão e assimilação das informações lidas.

Olhando em retrospecto, percebo que esse fenômeno pode estar associado a um provável problema de atenção relacionado ao Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Essa dificuldade em interpretar e assimilar o que é lido é comum entre aqueles que enfrentam desafios relacionados ao TDAH, fazendo com que a experiência de leitura seja menos atraente. Assim, a biblioteca do Colégio Piaget, com seu acervo excêntrico e visualmente estimulante, forneceu uma forma alternativa de aprendizado e exploração que se ajustava

melhor às minhas necessidades e ao meu estilo de aprendizado.

Avançando nessa jornada, aos poucos, começou a se apagar o brilho que os objetos e o ambiente da biblioteca tinham para mim. De tanto explorar tudo aquilo, chegou a parecer não haver mais nada de novo por ali. No entanto, foi justamente nesse momento que a verdadeira magia da biblioteca se revelou: os livros. Apesar das dificuldades de efetivamente iniciar, concluir e compreender leituras, um novo universo começou a se abrir. Uma das primeiras obras marcantes digna de menção foi *Memórias póstumas de Brás Cubas*, do ilustre escritor carioca Machado de Assis.

A leitura dessa obra, solicitada como parte de uma avaliação escolar, não só ampliou meu repertório literário, mas também me proporcionou uma experiência transformadora. A narrativa trágica e romântica do fétido Brás Cubas, cheia de detalhes e marcada pelo carisma de seu narrador, me atraiu de tal forma que me vi completamente imerso nos cenários do século XIX. Foi como viajar no tempo, explorando não apenas o enredo, mas também as complexidades sociais e culturais daquela época.

Essa experiência demonstrou que as bibliotecas vão muito além de um repositório de livros: são portais para mundos distintos e terras distantes, capazes de construir um olhar crítico, imaginativo e mais apurado sobre a realidade. Através do acesso à literatura e à reflexão proporcionada por espaços como esses, construí não apenas uma relação mais íntima com o conhecimento, mas também uma visão mais ampla sobre o meu papel no mundo. A biblioteca, nesse contexto, tornou-se um lugar especial para meu crescimento intelectual e humano, reafirmando seu papel como alicerce da educação libertadora.

Ao revisitar a biblioteca do Colégio Piaget, vi um espaço completamente transformado. Os objetos que um dia me encantaram já não estavam mais ali, mas a mudança fazia sentido dentro desse novo contexto mais atento à acessibilidade. Dada a limitação do espaço, a remoção desses materiais facilitou a mobilidade para Pessoas com Deficiência (PCD), tornando o ambiente mais inclusivo. Além disso, o espaço estava mais iluminado e equipado com um acervo atualizado e organizado. Há acesso à internet e a possibilidade de usar *tablets* para estudo, modernizando a experiência dos alunos.

Ademais, ainda pude compartilhar minhas memórias de estudante com a bibliotecária Josakel Mascarenhas, e falei sobre os objetos que tanto me fascinavam na infância. Para minha surpresa, ela informou que alguns deles ainda existiam e me mostrou onde estavam guardados. Segundo Josakel, esses itens farão parte de um futuro laboratório que a escola planeja construir. Revê-los

foi uma experiência nostálgica que despertou boas lembranças das histórias vividas no Colégio Piaget, e nutriu ainda mais carinho por aquele espaço.

Por fim, conduzi uma breve entrevista com alguns alunos para compreender como percebiam a biblioteca. De maneira particular, todos compartilharam a ideia de que o espaço representava um refúgio e trazia uma sensação de segurança. Um dos depoimentos mais interessantes foi o de Kevin Carvalho, que descreveu a biblioteca como “um refúgio para aqueles que se sentem excluídos”, demonstrando a permanência das bibliotecas como um local de acolhimento, representatividade e resistência. Essa percepção reforça a relevância das bibliotecas não apenas como espaços de acesso ao conhecimento, mas também como ambientes que promovem segurança, pertencimento e igualdade, resguardando seu significado histórico e social.

### **Entre os livros e as folhas**

Além da rica biblioteca do colégio, também havia a biblioteca municipal, situada no Centro Cultural da minha cidade, Valente, Bahia. Esse espaço, localizado em um parque central rodeado por árvores e bancos, criava uma atmosfera de receptividade e conforto para seus visitantes. Com um acervo literário diversificado, que incluía tanto obras físicas quanto digitais disponíveis nos computadores, a biblioteca se destacava como um ponto de acesso à cultura e à informação. Além disso, contava com uma sala repleta de objetos antigos – câmeras fotográficas, televisores de tubo, rádios, fotografias de figuras importantes – que despertavam a curiosidade sobre as histórias do passado.

Esse espaço não era apenas um lugar de aprendizado, mas também de questionamento e descoberta. Muitas vezes, me via intrigado com as histórias por trás das fotografias ou a utilidade de alguns dos objetos antigos. Conversar com a então bibliotecária Márcia foi uma oportunidade única para sanar essas dúvidas, já que ela sempre se mostrou disposta a compartilhar seus conhecimentos. Essa interação mostrou uma característica inerente às bibliotecas: a de semeadoras do saber, especialmente em contextos onde o acesso à informação e ao diálogo é limitado.

Para além das memórias, é fundamental pontuar as implicações sociais e educativas de um espaço como esse. O acesso gratuito a bibliotecas é vital para os jovens das cidades que compõem o território do sisal, pois são mais suscetíveis a condições de vulnerabilidade social e econômica. Esses espaços não apenas fomentam o conhecimento, mas também oferecem refúgio

e oportunidades de formação e desenvolvimento cultural. Foi na biblioteca municipal que, por exemplo, minha curiosidade sobre o mundo e a história começou a ganhar contorno.

O interesse inicial por revistas em quadrinhos, como as da Turma da Mônica, rapidamente evoluiu para uma relação mais profunda com a leitura. Essa experiência demonstra o papel transformador das bibliotecas como espaços de inclusão social, segurança e socialização. Ambientes como esse oferecem à juventude ferramentas para questionar e compreender o mundo ao seu redor. Em uma realidade como a do interior do nordeste, onde o acesso à educação formal muitas vezes encontra entraves, as bibliotecas se tornam ainda mais importantes, pavimentando o caminho para o desenvolvimento acadêmico e cultural da comunidade de Valente.

Tive o privilégio de retornar à Biblioteca Municipal Rui Barbosa, do Centro Cultural, e fui muito bem recebido pela bibliotecária Lcônia Pedreira. Durante a visita, observei que a estrutura física da biblioteca permanece praticamente a mesma, exceto por adaptações que melhoram a acessibilidade e a mobilidade para PCD. O acervo literário continua sendo atualizado anualmente, consolidando-se como um dos mais completos do território do sisal, com mais de 13.000 livros. Ademais, as antiguidades mencionadas foram realocadas para um museu, liberando espaço para a criação de uma sala para crianças.

Contudo, no tocante aos recursos tecnológicos, a situação se mostrou problemática. Embora a biblioteca disponha de internet e computadores, apenas um deles está em funcionamento e a conexão cai constantemente, limitando o uso desses dispositivos. Durante nossa conversa, pude perceber que, apesar das mudanças estruturais positivas, a evolução do espaço depende da aprovação e do interesse da administração pública. Isso demonstra uma realidade comum em cidades do interior, onde as demandas de espaços culturais, como bibliotecas, muitas vezes não recebem a atenção necessária, minando seu potencial.

## **A academia**

Minha experiência mais recente com bibliotecas ocorreu no Campus XIV da UNEB, em Conceição do Coité, onde iniciei minha licenciatura em História. Desde o primeiro contato, percebi que este espaço se diferencia das bibliotecas que frequentei anteriormente, tanto pela riqueza de seu acervo quanto pelo ambiente acolhedor e confortável que oferece aos estudantes. A Biblioteca Professor José Carlos dos Anjos não é apenas um depósito de

livros; ela representa um núcleo de formação intelectual e criatividade, possuindo uma estrutura moderna e recursos para o desenvolvimento acadêmico.

Foi também nesse ambiente que compreendi, de maneira mais clara, o papel essencial dos bibliotecários, figuras importantes na construção do conhecimento. Conforme aponta Kuhlthau (1998, p. 11): “Empregam um papel fundamental na construção da aprendizagem, sendo seu espaço de trabalho em um efetivo centro de questionamentos, apto a fornecer recursos essenciais ao desenvolvimento do conhecimento”. Nesse contexto, os bibliotecários ultrapassam a função de meros organizadores de acervos, atuando de maneira ativa como mediadores que facilitam a construção de práticas pedagógicas, inerentes à formação docente.

A biblioteca acadêmica tem impactado diretamente minha formação ao fornecer acesso a obras teóricas que fundamentam meu entendimento sobre o ensino de História. Obras como *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, e os textos de E. P. Thompson, encontrados nesse espaço, foram de suma importância para compreender a educação como um processo emancipatório e o papel do professor como agente dessa mudança. Além disso, o ambiente da biblioteca oferece liberdade para questionar, refletir e explorar ideias que ampliam minha identidade acadêmica e profissional.

Ao frequentar esse espaço, percebo que a biblioteca não apenas fomenta minha curiosidade, como ocorria no passado, mas também constrói uma visão crítica sobre o meu lugar na sociedade e o impacto que posso gerar enquanto professor de História. Ela alimenta um compromisso particular com uma prática pedagógica que ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, conduzindo reflexões sobre as estruturas sociais e históricas. Assim, a Biblioteca Professor José Carlos dos Anjos se torna um laboratório de ideias que não apenas aprimora o conhecimento, mas também molda minha trajetória como educador.

## Conclusão

Assim, qualifico minha relação com as bibliotecas como acima da média, considerando que, no Brasil, a educação é frequentemente tratada como despesa e, por isso, negligenciada e sucateada pelo poder público. Esse descuido afeta diretamente as bibliotecas, que, em muitos lugares, são desatualizadas, abandonadas ou transformadas em depósitos de materiais obsoletos. Felizmente, na minha trajetória, esses espaços se mantiveram como verdadeiros refúgios de aprendizado, cumprindo seu papel de inspirar e instigar o conhe-



cimento. No entanto, essa realidade é uma exceção em um cenário onde, especialmente no interior, as bibliotecas sofrem com o abandono sistemático.

A precarização das bibliotecas é um reflexo de um projeto político mais amplo que desvaloriza a educação pública e a força de trabalho dos brasileiros. A reforma do ensino médio, instituída pela Lei nº 13.415/17 durante o governo de Michel Temer, exemplifica esse cenário. Ao restringir a grade curricular, a reforma limita o acesso a um aprendizado adequado e crítico, aprofundando desigualdades. Segundo reportagem da *Folha de São Paulo* (2023), essa mudança compromete a formação de cidadãos preparados para lidar com os desafios complexos da sociedade, priorizando uma formação voltada para demandas imediatistas do mercado.

Esse contexto é representativo do capitalismo tardio, que privilegia a reprodução de uma força de trabalho pouco instruída e, por consequência, mais barata, em detrimento do fortalecimento de mentes pensantes. Como Paulo Freire nos ensina, “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (Freire, 1987, p. 22). Essa citação reforça a importância de garantir o acesso ao conhecimento sólido, diverso e de combater as estruturas que limitam as possibilidades de desenvolvimento social e cultural.

As bibliotecas, no entanto, têm o potencial de atuar como espaços de resistência, oferecendo ferramentas para a emancipação social. Por isso, é fundamental reconhecê-las como centros de transformação, capazes de desafiar a lógica que desvaloriza a educação pública. Esse reconhecimento é um passo essencial para combater o projeto de enfraquecimento do ensino. Como acadêmico e futuro professor, compreendo os desafios impostos por essa conjuntura.

Ao mesmo tempo, reafirmo meu compromisso com a educação, inspirado pelas experiências transformadoras que vivenciei nas bibliotecas. Desde as primeiras leituras até o ambiente acadêmico, esses espaços moldaram minha visão crítica e reforçaram minha determinação de construir um ensino que forme cidadãos conscientes e engajados.

Se quisermos construir uma sociedade mais justa e igualitária, é imprescindível garantir que as bibliotecas sejam preservadas, revitalizadas e valorizadas. Assim, o futuro que desejo para a educação brasileira passa pelo fortalecimento das bibliotecas enquanto instrumentos de aprendizado, inovação e resistência.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera a legislação sobre a educação, incluindo as diretrizes e bases da educação nacional e o ensino médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 fev. 2017. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2017/L13415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2017/L13415.htm). Acesso em: 30 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KUHLTHAU, Carol Collier. **O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem.** In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFGM, 1999. p. 9-14. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

**O NOVO Ensino Médio já está Velho?** Folha de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/sou-ciencia/2023/04/o-novo-ensino-medio-ja-esta-velho.shtml>. Acesso em: 30 dez. 2024.

## A Minha Biblioteca e o Meu Jardim

*Itan Zaíra Mendes de Oliveira*

Olá, me chamo Itan Zaíra, coiteense, mãe de dois meninos fantásticos que são o meu maior incentivo para estar de volta numa universidade depois de ter abandonado um curso com o qual eu não estava conseguindo me sentir conectada. A experiência da rotina de volta aos ares universitários tem sido desafiadora, porém, gratificante, os poucos meses proporcionaram uma mudança palpável em mim e isso me faz feliz, me sinto viva. E, dentre tantas paixões com as quais fiz as pazes, a leitura é a mais importante, a leitura tinha perdido espaço para tarefas do cotidiano e o modo automático me deixava sem paciência pra parar e ler um livro, coisa que sempre me fez bem.

Relembrar o meu primeiro contato com livros tem me feito melhor ainda, mexeu em memórias muito boas. Eu nasci em Conceição do Coité, numa praça chamada Babilônia onde tem um jardim muito lindo, e a minha história de biblioteca começa comigo, ainda muito pequena, frequentando a biblioteca de um Centro Cultural que fica nessa praça onde eu morava. Nessa biblioteca, no início dos anos 1990, trabalhava como atendente a minha irmã mais velha, Maria Cláudia, uma jovem universitária do curso de Letras da UNEB, que também era fascinada por leitura. Eu frequentava a biblioteca do Centro Cultural levada por essa irmã, que era responsável por ensinar minhas tarefas escolares, e por um período muito longo da minha infância aquele espaço foi palco das minhas descobertas, a curiosidade me instigava a buscar sempre ler mais, sobre mais coisas e aprender, e conhecer, e viajar na minha imaginação. Estar ali com alguém familiar, que também gostava desse universo e poderia me orientar, me deixava numa posição de privilégio, e isso facilitou o meu acesso para que minhas experiências fossem positivas dentro desse ambiente.

Aquela criança feliz que se dividia entre as brincadeiras nas árvores do jardim também achava diversão nos livros daquelas estantes altas, eu viajei muito nas *Reinações de Narizinho* e as histórias do Sítio do Pica-pau amarelo, amava poemas e declamava de cor o de Cecília Meireles, *O Colar de Carolina*, porque me via muito nessa Carolina subindo e descendo as colinas, livre e satisfeita.

Essa experiência com o universo da biblioteca ainda criança fugia à re-

gra, as crianças da minha idade, na época, pouco tinham acesso a uma biblioteca na escola em que estudavam ou do bairro onde moravam. A desigualdade aqui em Coité sempre foi vista a olhos nus, e na minha casa, fui ensinada a ter consciência dessa desigualdade, eu estudava numa escola particular de uma vizinha nossa e, nesse período, morava conosco uma prima e ela estudava em escola pública e nossos livros eram diferentes, as aulas da minha prima eram escassas, enquanto as minhas regulares, minhas irmãs tentavam compensar esses atrasos dela reforçando o estudo em casa por que ela sempre foi muito inquieta e queria muito aprender, ela também adorava ler.

Essa desigualdade ficou clara pra mim quando, num episódio, minha irmã quase é demitida por permitir a entrada na biblioteca de meninas que moravam no prostíbulo mais frequentado da cidade. Apesar do espaço ser público e, por isso, frequentado por qualquer cidadão que necessitasse, uma espécie de código moral dizia o contrário.

Minha mãe era costureira e costurava para a dona desse prostíbulo e as moças que moravam com ela, essa senhora vinha a minha casa com frequência, algumas vezes as meninas que trabalhavam com ela vinham também, entre uma medida e outra para o corte do tecido, conversavam sobre assuntos aleatórios.

Numa dessas conversas informais, em casa, as meninas relataram não serem alfabetizadas e minha irmã as convidou para aulas de alfabetização na biblioteca porque era um espaço tranquilo e pensávamos que todos tinham direito de frequentá-lo. Não foi bem assim que aconteceu, fizeram uma reclamação da irmã na administração do Centro Cultural e ela foi advertida para pôr fim às aulas. Minha irmã retrucou e protestou o fato das meninas terem os mesmos direitos de qualquer cidadão.

Esse imbróglio, com risco de se estender mais e causar mais constrangimento, foi finalizado quando as meninas desistiram das aulas com receio de prejudicar a atendente da biblioteca, minha irmã, e nisso ficou claro para nós que os espaços públicos não era de todos, era de uma classe de gente branca, conservadora, racista e preconceituosa.

Esse fato foi marcante, porque aquele espaço era um lugar que, para mim, era de afeto, mas à medida que fui crescendo e desenvolvendo um pensamento crítico, fui percebendo que depende da minha cor, minha classe social, minha orientação, minha religião que lugar a biblioteca ocupa na minha memória. Para aquelas meninas, certamente, ocupa um lugar de constrangimento e exclusão.

Essa diferença também era latente nas escolas, se nas escolas particulares não tinha bibliotecas, no máximo, um caixote com meia dúzia de livros empoeirados para a professora fazer uma leitura repetida nas sextas-feiras, na hora da recreação, nas escolas públicas não tinha merenda, nem tinha aula nas sextas, pois era o dia da feira livre. Com o passar do tempo e as discussões sobre a importância desse ambiente nas escolas é que foram surgindo umas salinhas modestas com umas mesas e cadeiras e uns livros doados, bibliotecas escolares em Conceição do Coité é coisa de algum tempo para cá.

Apesar dessa realidade, hoje já conseguimos ver esse espaço mais espalhado em escolas públicas, nas praças, por iniciativa privada, reforçando a importância do contato com a leitura em todas as idades. Estar próxima desse ambiente me ajudou a desenvolver habilidades escolares, me auxiliou nas leituras mais densas, garantiu a minha formação, o meu contato com a cultura, a minha consciência social, e meus deveres de cidadã, reforçando o quanto esse ambiente foi positivo para mim. Guardo com muito afeto as minhas leituras e as minhas descobertas desse universo até hoje estão intactas na minha memória e, para além disso, são o que me compõe.

### **Biblioteca para gente grande**

Tudo que escrevi sobre experiências com bibliotecas até aqui, faz parte de uma memória afetiva muito bem guardada da minha infância. A biblioteca a que me refiro nas memórias acima é pública, mantida pela prefeitura da minha cidade, e atualmente está tomada por caixas e artigos de Natal, os poucos livros que restaram estão mal-conservados, e a antiga biblioteca mais parece um depósito de coisas velhas.

Revisitei essa biblioteca recentemente para colher novas informações sobre o estado, a conservação, a atualização, enfim. A visita não foi positiva, o tempo parou para aquele espaço, foi como se eu estivesse no passado, a estrutura é a mesma, os móveis velhos, uma péssima iluminação, nesse dia havia caixas guardando coisas, eu não sei se estavam lá momentaneamente ou de maneira fixa, fato é que aquele espaço se transformou num depósito de coisas antigas. O espaço que abriga essa biblioteca é destinado à cultura da cidade e passou por algumas reformas, mas essa reforma não contemplou a biblioteca, que já sofreu com goteiras no telhado que puseram em risco seu acervo que é bem antigo, e não havia ninguém cuidando daquele ambiente. Realmente o tempo parou para aquele lugar.

Vê-la dessa forma me fez refletir que essa biblioteca; no centro da cidade, no mesmo espaço destinado à cultura coiteense, espaço usado para eventos e solenidades municipais com os gestores do nosso município; está visivelmente abandonada e o que dizer das mais escondidas. E então me veio a pergunta: O que será que acontece com as bibliotecas do nosso país?

Segundo dados da Secretaria Especial de Cultura, para o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), no Brasil, há 4.639 bibliotecas públicas, dessas, 1.346 estão na região Nordeste e somente 17 são estaduais, as restantes são mantidas com recursos municipais. Volto a me questionar, o que estará sendo feito desses espaços que são nossos por direito? Os espaços estão sendo preservados? Modernizaram esses espaços? Adquiriram equipamentos de tecnologia para que pudessem atender melhor a população? O acervo, conservaram? Por enquanto, não saberemos, e, a julgar pela que habita minhas lembranças, essa só existe assim, porque o que existe hoje eu não posso chamar de biblioteca.

Pesquisas feitas há dois anos pela USP trazem dados preocupantes sobre a situação das bibliotecas no Brasil:

*Dados do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, o SNBP, sugerem que o Brasil perdeu quase 800 bibliotecas públicas entre 2015 e 2020. Especialistas da biblioteconomia alegam que o número pode ser ainda maior, devido à fragilidade do SNBP com a extinção do Ministério da Cultura e o controle pouco efetivo dos sistemas estaduais.*

*Segundo Cibele Araújo, professora do curso de Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, o tanto de bibliotecas públicas brasileiras fechadas revela um desinvestimento na cultura e na educação: “As bibliotecas públicas em muitos municípios são um elo fundamental da cultura. Podem ter nessas bibliotecas ações culturais muito importantes para a formação do indivíduo, para o desenvolvimento da sua cidadania”. Algumas das atividades promovidas são saraus literários, recitais, musicais e peças.*

*Há também falta de políticas públicas voltadas para o social, já que uma parte da população vulnerável não consegue ter fácil acesso às livrarias, nem renda para comprar livros. As bibliotecas públicas seriam um apoio a essas pessoas, como as que moram em municípios de difícil acesso e locomoção. A professora ainda conta que muitos alunos do curso de Biblioteconomia desenvolvem interesse por essa área ao ter contato com as bibliotecas públicas de suas cidades.*

*As bibliotecas públicas também são importantes para a memória brasileira por guardarem a literatura e a informação e história local a partir dos livros físicos e de projetos internos para contar e recontar histórias.*

*Para Cibeles, é necessário garantir investimentos e legislações a favor de manter as bibliotecas públicas abertas, conservando seus espaços de união social e a cultura do País:*

*“A gente tem que ter uma pauta de defesa perante os prefeitos, governadores, vereadores e deputados. Investimento na cultura não é custo, é benefício puro para ter uma sociedade mais desenvolvida.”*

*Ela completa afirmando que é uma defesa que precisa partir de várias instâncias, pelos cursos de Biblioteconomia nas universidades, pelos conselhos profissionais e associações e federações. “Um trabalho quase de formiguinha, de fazer a defesa dessas instituições, olhando a biblioteca com uma importante instituição de informação e cultura”, afirma.*

É importante ressaltar que esses dados colhidos na pesquisa feita pela USP dizem respeito a um governo que não está mais no poder, e o desmonte da Secretaria de Cultura, ao qual a pesquisa se refere, aconteceu no âmbito desse governo. O que não quer dizer que a situação já possa ter se estabilizado, visto que apenas dois anos de um novo governo é pouco tempo para restabelecer a situação.

Uma outra coisa importante para deixar claro é que o governo anterior serve, declaradamente, a uma corrente política que considera a produção de conhecimento como algo nefasto, o que justifica perfeitamente a maneira como as bibliotecas públicas, a cultura e a educação, de modo geral, foram tratadas nesse período.

## **A destruição das bibliotecas – Projeto de poder**

A biblioteca tem um papel fundamental em uma sociedade, é ali que é produzido conhecimento, e o conhecimento liberta, além de, junto com museus e arquivos, nos ajudar a conhecer e contar nossa própria história. Quem não quer que tenhamos acesso à nossa própria história, ou produzir um conhecimento que nos emancipe, tende a enxergar esses espaços como alvo inimigo. Por tantas vezes vimos na história da humanidade, bibliotecas serem destruídas, assim como monumentos seculares para apagar a história, livros queimados ou proibidos, ações que deixam claro que não é interessante, para governos autoritários, uma sociedade crítica e bem-informada.

Essa política tem alvo, quem acessa bibliotecas públicas é uma parte significativa da população que não pode comprar livros, vivem com pouca renda, pertence à população afrodescendente e periférica do Brasil, e é a essa parte da população que essa política insiste em negar o acesso. Esse ódio é estendido às universidades públicas, consequentemente, suas bibliotecas; aqui no Brasil, num passado recente, ouvíamos coisas como “a universidade é lugar de balbúrdia”, ratificando sempre o rancor que sentem pelos espaços produtores de conhecimento. Muitas universidades beiraram o colapso porque, com as verbas cortadas, foram deixadas sangrando para “morrerem”.

A Educadora, ex-diretora da Biblioteca Central da UFRGS e futura diretora da Editora da UFRGS escreveu uma matéria sobre a situação das bibliotecas brasileiras:

*Em 2022, um tapume foi colocado na frente da porta da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre. Antes do tapume, ainda em 2020, todo o perímetro próximo do prédio da Reitoria havia sido gradeado e suas duas portas eram mantidas chaveadas 24 horas por dia, sete dias por semana. Isso ocorreu como parte de um reitorado exercido pelo terceiro colocado na lista triplíce que foi nomeado por um presidente da república de ideologia de extrema direita.*

*Esse enredo não é original. Um leitor habitual reconhece elementos comuns a várias tramas distópicas. Os elementos são: um governo autoritário, censura aos livros e ataques às bibliotecas.*

*No Brasil, onde “a crise na educação não é uma crise, é um projeto”, como enunciou Darcy Ribeiro, o ataque aos livros e às bibliotecas é tarefa fácil de empreender.*

*Independentemente de ideologia, a infraestrutura de nossa educação e cultura sempre prescindiu de bibliotecas atrativas com acervos ricos e atualizados em escolas públicas, municípios e bairros. A ausência de bibliotecas é uma marca registrada brasileira. Nessas, o Brasil ocupa o penúltimo lugar no ranking mundial de educação, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).*

Apesar de toda essa política que enfrentamos recentemente, resistimos, como sociedade que merece governos democráticos que tratem educação e cultura com respeito e a devida importância, como um país que ainda precisa olhar para falta de investimento nesses espaços como um problema a ser, urgentemente, resolvido com políticas eficientes, como população que necessita desses espaços, como espaços que precisam existir, e como bibliotecas nos centros das pequenas cidades que, invisíveis aos olhos dos seus gestores, viraram escuros depósitos de enfeites velhos de natal.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Cultura. Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas.** Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

MACHADO, Mariana. **Leitura como direito: livros e bibliotecas são instrumentos do conhecimento emancipatório.** Brasil de Fato, São Paulo, 26 nov. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/11/26/leitura-como-direito-livros-e-bibliotecas-sao-instrumentos-do-conhecimento-emancipatorio>. Acesso em: 17 dez. 2024.

NAKAGAWA, Lilian. **Desmonte das bibliotecas públicas evidencia o desinvestimento cultural e educacional no Brasil.** Jornal da USP, São Paulo, 22 ago. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/desmonte-das-bibliotecas-publicas-evidencia-o-desinvestimento-cultural-e-educacional-no-brasil/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

# Leitura, Biblioteca e Afetividade: Por Um Espaço de Produção de Conhecimento!?

*Marcos Kaíque Araújo da Silva*

A biblioteca em minha concepção é um lugar muito necessário e importante para o desenvolvimento intelectual da criança, do adolescente, assim como de qualquer pessoa. A partir dela, é possível o contato com outras perspectivas e pensamentos, e por que não falar outros mundos?

Parto do princípio de que toda pessoa fala a partir de um lugar social e de diferentes marcadores, seja de gênero, raça ou religião, por exemplo. Ouso aqui me apresentar: nascido em Feira de Santana, depois de um longo e difícil processo de gestação e complexas situações para nascer. Depois, há o regresso para Riachão do Jacuípe, no Nordeste baiano, primeiro numa fazenda na Zona Rural, posteriormente para o Distrito de Barreiros. Já no final da adolescência me mudei para a cidade de Retirolândia, depois Conceição do Coité.

Falar desses deslocamentos não é à toa, todos eles moldaram quem sou, foram forjadores da minha jornada de descobertas e autodescobertas. Foi nesses deslocamentos que, de fato, me vi adulto, com responsabilidades de adulto, embora à noite, quietinho, chamasse-se e chorasse pela mãe, como na infância. Foi nesses deslocamentos que entendi e me aceitei enquanto rapaz bissexual.

Sou bisneto, neto e filho de sambadores/as e rezadores/as. Nascido e criado vivenciando situações do universo mágico afro-brasileiro, por meio de rezas, carurus, sambas, candomblés. Isso também foi formação, não por meio da leitura e palavra escrita, mas pela tradição oral e afro-brasileira. Sou de santo, filho de Iemanjá e Ogum!

Falando em espaços de formalidade, sou graduando em História pela UNEB (Universidade do Estado Da Bahia), Campus XIV, sou integrante do MPJ (Movimento Popular da Juventude), no eixo inter-religioso e LGBTQ+, sou integrante do Grupo VOZES e secretário na associação cultural e religiosa do terreiro que faço parte.

Agora, podemos enlaçar essas minhas andanças, deslocamentos e descobertas de si com as bibliotecas, já que é esse o objetivo principal do texto:

discutir e apresentar minhas experiências com bibliotecas. Elas, juntamente com a leitura, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento pessoal, cultural e social de pessoas e comunidades. As bibliotecas, como local de conhecimento, são espaços que democratizam o acesso à informação, oferecendo um vasto conteúdo de livros, revistas, materiais digitais e outros recursos. Promovem a inclusão, pois garantem que pessoas de diferentes origens e condições financeiras possam acessar livros que enriquecem suas vidas.

A leitura, por sua vez, é uma atividade que estimula a criatividade, a empatia e a capacidade crítica. Por meio dos livros, o leitor ou leitora, é transportado para diferentes mundos, perspectivas e culturas, ampliando sua visão de mundo e desenvolvendo habilidades essenciais, como a interpretação e a argumentação. Além disso, ler regularmente melhora a concentração, reduz o estresse e fortalece a saúde mental.

As bibliotecas, ademais, desempenham um papel importante na formação de uma sociedade mais informada e engajada. Elas servem como espaços de aprendizado ao longo da vida, onde pessoas de todas as idades podem buscar conhecimento, seja para fins acadêmicos, profissionais ou pessoais. Além disso, muitas bibliotecas promovem eventos culturais e educacionais, como clubes de leitura e palestras, fortalecendo o senso de comunidade.

### **Dificuldade de efetiva inclusão na sociedade**

Uma pena é que ela ainda é uma realidade distante do dia a dia de muitas pessoas, penso que devido à era digital e a “tiktokização”, que abre espaço para outros tipos de cultura, legítimas, mas a partir disso, observo tentativas de silenciamento ou diminuição de outras. Apesar de que no próprio *TikTok* e outras redes sociais, existem influencers da área de leitura e clubes de livros, com sugestões para leitura. Isso é bom!

Além disso, a falta de investimento e interesse do poder público é notório. Sou do distrito de Barreiros, em Riachão do Jacuipe, lá não tem biblioteca na área distrital. Por que não são oportunizados então espaços de leitura a essa população?

Porém, é importante dizer que não foi o fenômeno da chamada Era Digital que dificultou o acesso da biblioteca à sociedade, retomando um pouco sobre a minha vivência em bibliotecas públicas, não tive. Numa escola privada que estudei alguns anos do Ensino Fundamental I, tinha o incentivo pela compra de livros infantis que enfeitavam um espaço, porém, o mais importante, que era o incentivo pela leitura, não aconteceu.

A partir da antiga 5ª série, quando ingressei no Colégio Estadual Dalcida Rios de Oliveira, a estimulação também não aconteceu. É verdade que tinha uma sala de leitura, mas o corpo docente não costumava criar conexão entre esse espaço e o alunado. Mas lembro que sempre olhava os livros pela capa, ou alguns trechos. Isso quando estava aberta, pois passava períodos sem funcionário. Na verdade, nunca teve funcionário, uma funcionária da limpeza que ficava naquele local com alguma frequência.

No Ensino Médio, por já ter a disciplina de Literatura, poderia ter tido a incitação por clássicos da literatura, mas, surpreendentemente, pouco encorajamento teve. A professora preferia passar filmes sobre os livros, e eram várias aulas dedicadas exclusivamente a esse fim.

### **A leitura pode ter origem na afetividade**

No entanto, minha memória infantil é viva e se manifesta de diferentes formas. Nesse contexto de leitura e biblioteca, me recordo de sempre ouvir minha avó materna, Anália, dizer, que na juventude, teria sido professora. Ela morava na zona rural, naquela época, homens de posse contratavam mulheres com certo conhecimento e letramento, para ministrar aulas aos seus filhos e vizinhos. Assim foi com minha vó.

Ela conta que era apaixonada por livros, por estudar, mas ainda que tenha sido professora de pessoas analfabetas, ela só tinha concluído até a antiga 4ª série, o atual Ensino Fundamental I. Narra que seus pais não a deixaram estudar mais porque precisava sair da zona rural e ir morar na sede do município de Riachão do Jacuípe, na casa de parentes. Ela até hoje sente muito por isso, mas hoje percebo que por isso, talvez, tenha incentivado tanto a leitura de livros e os estudos a mim e a meu primo de idade semelhante.

Se na escola não tinha esse incentivo, minha vó incentivava. Ela tinha livros infantis que eram praticamente uma festa quando ela pegava para a leitura. A que eu mais gostava era a história da Cabra Cabriola. Eu gostava do nome Cabriola e da narração.

Eu já no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, minha avó perguntava sobre os livros, ainda que aqui esteja falando sobre livro didático, foi mais uma forma que minha avó encontrou de ter acesso a mais livros e de me instigar a entender o valor da leitura.

Dessa forma, consciente ou inconscientemente, essas relações com minha avó materna contribuíram para eu começar a procurar livros e a comprá-los para leitura pessoal e por conta própria. Se faz necessário dizer a im-

portância de se ter políticas públicas de incentivo, que foram mínimas, mas atitudes como a da minha avó, também são importantes e mostram que o giro da afetividade também tem o poder de transformação.

Também é importante dizer que, muito mais através da oralidade do que da leitura em obras literárias, eu aprendi sobre muitas coisas do mundo, por meio de histórias contadas oralmente. Mas não serão aprofundadas aqui porque não é o objetivo. Além disso, a importância da leitura e da biblioteca não diminui a importância da oralidade e das tradições ligadas a estas.

## **A biblioteca em novos cenários**

Em um mundo cada vez mais digital e globalizado, as bibliotecas continuam relevantes ao se adaptarem às novas tecnologias, disponibilizando *e-books*, bases de dados *online* e acesso à *internet*. Dessa forma, elas permanecem como pilares da educação e da cultura, incentivando o hábito da leitura e contribuindo para a construção de um futuro mais consciente e inclusivo, ainda que esse hábito não seja mais focado exclusivamente em livros físicos.

Nesse novo cenário que as bibliotecas se encontram, é possível ver, inclusive na biblioteca do Departamento de Educação DEDC – Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que ela sempre foi, mas no momento, muito mais que no passado, um espaço de sociabilidade. A Biblioteca também é lazer. Mas os setores de livros dela poucos são usados.

Essa situação é perceptível até pelo fato que as indicações e sugestões de leitura em sala acontecem através de livros em material eletrônico, os chamados PDFs, os quais os próprios professores e professoras enviam em grupos na rede social *WhatsApp*. Então é possível dizer que a biblioteca está na palma das mãos e sendo possível acessarem diferentes momentos do dia e em diferentes locais? Até que ponto isso é evolução? O que é de fato evolução?

## **Biblioteca: um caso intrigante**

Nesse contexto de construção de escrita sobre espaços de leitura, como bibliotecas, realizei o processo de revisitar a biblioteca do Colégio Estadual Dacilda Rios de Oliveira, no Distrito de Barreiros, em Riachão do Jacuípe. Foi nesse colégio que estudei todo o meu Ensino Fundamental I e Ensino Médio.

É perceptível algumas permanências nesse intervalo de 7 anos do fim do meu Ensino Médio pra cá. A estrutura física do colégio continua sendo a

melhor de todo o município, e inclusive tendo melhorado mais. O acesso à biblioteca é de forma adequada, com acessibilidade para cadeirantes, possui sinalização e piso tátil. A sala tem ar-condicionado em temperatura adequada – essa climatização é super importante, pois ajuda na conservação dos exemplares e evita a proliferação de micro-organismos que podem danificar a vida dos livros.

Os móveis onde estão os livros também estão um pouco afastados da parede, isso também é uma organização adequada, pois o ar fica mais solto. Além disso, permanece a proibição de alimentação dentro da biblioteca, como acontece em diversas outras, o que é importante também para evitar danificar livros ou outros materiais. Demonstra responsabilidade da gestão escolar.

Diferentemente de quando estudava, agora a biblioteca é gerenciada de fato por alguém da educação. Trata-se de uma professora formada em Letras – Português que está há anos de licença da sala de aula, sendo remanejada para esse ambiente. Outra diferença é que os alunos e alunas não utilizam mais o espaço de forma recreativa e para conversas, pois isso é proibido.

Em conversa com alunos do Ensino Médio, única etapa disponível atualmente nessa escola, a biblioteca não tem, de fato, vida útil e prática, já que raramente alguém pega um livro emprestado, pois, nas palavras de alguns, “na internet tem tudo”. Essa situação pode colaborar para que, caso um aluno ou aluna se interesse em pegar livros, não tem prazo de entrega.

Curioso mesmo é que ainda que a biblioteca exista com boa estrutura e acessibilidade, ela não é frequentada. Intrigante é que esse colégio não possui somente o melhor IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) entre as Escolas Estaduais do município, mas sim, o melhor índice entre todas as escolas de todos os 15 municípios do Território da Bacia do Jacuípe, sendo 4.7, quando a nota máxima é 10.0.

Como o colégio que os alunos e as alunas não acessam sua biblioteca pode ter a melhor educação entre todos os colégios de 15 municípios de uma região? Mas numa escala de 0 a 10, a máxima da tida como melhor ser 4.7, diz o que sobre a educação básica desse Território?

Percebe-se, portanto, que a educação básica, atrelada a leitura e o acesso à biblioteca, possuem caminhos extensos e desafiadores pela frente, principalmente traçados serão por nós, que daqui a pouco estaremos nessas salas de aula, nos pátios, nos corredores e nas bibliotecas.

# Um Pouco Sobre Minha História: Aprendizagem, Infância, Biblioteca e Universidade

*Saulo Silva Pereira*

## Início

A partir de determinada fase da minha infância, entre 6 e 8 anos de idade, minha mãe comprou um box de livros infantis com intuito de me ensinar a ler. Era uma missão simples e com certeza tinha tudo para dar certo. Ela sempre me chamava para ficar sentado na porta do fundo da nossa casa, assim eu ficaria tentando aprender e entender o que estava escrito nos livrinhos enquanto ela lavava os pratos.

Minha mãe colocava sua sandália em cima da pia e pedia para eu tentar ler, cada vez que errava apanhava, foram mais de quatro meses exaustivos tentando aprender. Esse método me deixava apavorado e era óbvio que não estava dando certo, eu já estava completando 7 anos e não conseguia nem soletrar, fui atrasado um ano na escola, pois a maioria dos meus colegas já sabiam ler. Derivado disso, minha mãe viu que não tinha paciência o suficiente para me ensinar, não sei ao certo se a perda do meu avô ainda muito recente estava lhe impactando, mas sei que ela não estava em seus melhores dias naquele período.

Em detrimento aos fatos, ela me colocou em uma banca. A professora da banca era um amor de pessoa e em pouco menos de 10 dias eu já estava conseguindo soletrar todas as palavras, me puxava um pouco em algumas, mas conseguia entender a maioria. Lembro que a primeira palavra que eu aprendi a escrever foi “Amor”; é bem engraçado recordando agora, mas meio que é necessário para compreender minha paixão pela leitura. Eu não lembro exatamente o nome do box de livrinhos, sei que eram de legumes e verduras, naquela época de criança eu estava me negando a comer legumes e verduras e acho que minha mãe pensou que iria me ajudar a comer coisas mais saudáveis comprando esse box como incentivo.

Minha mãe é professora de Ciências em um povoado grande de uma cidade pequena chamada Barrocas, a cidade tem uma faixa de 16 mil habitantes e o povoado tem mais de mil pessoas, “Lagoa da Cruz” o nome do povoado em específico, caso queira entender, saiba que existe uma cruz enorme na

entrada e outra próxima a praça e tem uma lagoa próxima de cada cruz, enfim o nome “Lagoa da Cruz”. Neste meio tempo que passei a frequentar a banca, consegui aprender a ler, mas tinha outras matérias em que estava passando dificuldade.

Estava passando por muita dificuldade em matemática e acabei ficando apenas alguns meses na banca comentada anteriormente neste pequeno relato. Comecei a ir junto com meu pai ao seu trabalho, meu pai é vigia – ou como todos chamam comumente, porteiro –, ele me colocou na banca em outra localidade, outro povoado de Barrocas, bem grande por sinal, São Miguel do Ouricuri. Lá na banca tinha ajuda com minhas atividades pendentes de matemática e português, posso dizer que foi uma das melhores coisas que aconteceu durante minha infância, a palavra “Amor” que aprendi na outra banca acabei escrevendo em uma pedra na escola onde meu pai trabalha, acho que a palavra permanece até hoje lá.

Quando as minhas aulas de banca acabavam, eu ia ficar com meu pai na escola, era muito chato por sinal, não tinha intimidade com ninguém e eram todos mais velhos que eu. Eu acabava indo bastante para biblioteca dessa escola, procurava principalmente livrinhos com poucas palavras e bastante desenhos para ler e passar o tempo, escolhia sempre os livros mais fantasiosos possíveis, minha imaginação me ajudava a me sentir menos sozinho em todos os sentidos.

Uma coisa que aprendi lendo livros que citam viagens no tempo como *Amber House: Onde o passado e o futuro se encontram*, de Kelly Moore e Tucker Reed, foi tentar colocar essa forma criativa e ao mesmo tempo fictícia que prende o leitor e faz com que se envolva cada vez mais com a leitura ou conto. Então, a partir deste ponto, a história será adiantada. Indo direto para o ensino fundamental II, minha professora de português passou um trabalho, para escolher um livro de nossa preferência e fazer uma crítica sobre ele. Eu estava no 7º ano, mas sempre chamava de 6ª série, não tinha conseguido me acostumar com a nova mudança de nomenclatura. O livro que escolhi foi *Ludi vai à praia*, de Luciana Sandroni, posso dizer que li cerca de duas vezes esse livro, a primeira vez que li, eu li assim o início, o meio e o fim. A história me chamou muito a atenção por se tratar de uma história cheia de fantasia com a ida de Ludi à praia, então resolvi ler de novo uma segunda vez da forma certa. Posso dizer que depois que eu li esse livro eu fiquei me imaginando o tempo todo na praia. Esse livro infantil sem sombra de dúvidas me fez ter menos medo da praia, eu fiquei um tempo traumatizado com a praia.



A primeira vez que eu fui, me queimei bastante e fiquei sem conseguir dormir ou usar roupas compridas, pois machucava demais minha pele queimada, a segunda vez que fui me afoguei, foi desesperador, a sorte foi que meu pai estava por perto e conseguiu me achar no mar. Eu fiquei cerca de um minuto desacordado, lembro de meu pai fazendo um procedimento de salva-vidas e eu estava colocando muita água para fora de mim. Esse livro em específico fez com que eu voltasse a gostar de algo que antes quase me deixara sem vida. Lembrando agora é muito engraçado, mas é assustador pensar que talvez eu não estivesse aqui hoje contando este relato e como o livro *Ludi vai à praia* me fez ter milhares de imaginações sobre a praia e de fato foi a partir disso que começou meu amor pela leitura de forma mais abrangente, e claro, meu desejo de ir cada vez mais à praia.

Passado esse período de férias escolares na praia, por mais triste que pareça a uma criança, tive que voltar a estudar, e lá na escola onde estudava, conhecida atualmente como Escola Municipal Antônio Gabriel de Oliveira, tinha uma biblioteca pequena e com poucos livros interessantes. Lembro que eu odiava ir à biblioteca, lá não era necessariamente uma biblioteca e sim um espaço com livros dentro da diretoria, isso fazia com que a maioria dos alunos usasse isso como empecilho para não adentrar naquele espaço. Esse espaço, pelo que pesquisei no dia 13 de novembro de 2024, se encontra com iluminação não adequada, de acordo com alguns alunos, professores e diretora, também por experiência própria o espaço é uma extensão da diretoria, o ambiente é pequeno, porém tem opções de livros. Os materiais não são atualizados periodicamente, não há equipamentos como computadores ou *tablets*, não existe bibliotecário, já que não é uma biblioteca. O espaço recebe em média mais de 20 alunos quando acontece algum projeto, o turno com maior movimentação é pela manhã, a tarde entre 13:00 e 16:00 não recebe muitas visitas.

Para entrar na biblioteca, primeiro você tem que entrar na diretoria, depois na sala dos professores e logo em seguida você chega à biblioteca. Isso seria um empecilho a todos, obviamente, mas eu literalmente me comunicava mais com os professores do que com os meninos e meninas da minha idade, eu ficava a maior parte do recreio dentro da diretoria, isso talvez tenha me feito bastante mal, mas quase todos os professores eram legais comigo e as pessoas da minha idade não me davam atenção. Posso dizer que fui algumas vezes à biblioteca dessa escola, mas assim que entrei no fundamental II, eu parei de vez de ir à diretoria e principalmente à biblioteca.

Posso dizer que odeio com todas as minhas forças falar de algo pessoal e principalmente desse período, posso situar vários acontecimentos ocorridos nessa época ou como a minha personalidade se moldou durante esse tempo, mas eu era muito diferente de agora; um aspecto meu daquele período, tentava muito fazer amizades com os colegas de sala, mas não era muito bem-sucedido. Tinha também a questão do *bullying* e várias outras questões muito delicadas e bastante chatas de se colocar aqui, um dia talvez eu consiga escrever de forma mais explícita, mas posso dizer por mim, odeio pessoas que fazem *bullying* ou se sentem superiores a outros, não é engraçado rir ou fazer piada de alguém por inúmeros fatores como cor, sexualidade ou inteligência, sofrer *bullying* por tirar uma nota alta chega a ser bizarro, mas acontecia comigo.

Eu odiava muito quando as pessoas me chamavam de inteligente, mais por conta disso do que de outras coisas. Eu era esforçado, sempre fui, mas acabei indo mal na escola, porque ser inteligente ou esforçado estava ligado a coisas ruins na minha cabeça de adolescente, ou uma criança entrando na adolescência, era o que todos os meus colegas me faziam crer e eu tinha muita necessidade que as pessoas gostassem ou falassem comigo, principalmente nesta época, onde me sentia muito sozinho.

Saindo um pouco dessa rota localizada no meu passado infanto-juvenil, estarei indo para períodos um pouco mais atuais. É 2020, para ser mais específico, março de 2020, o mundo estava passando por uma pandemia global que afetava todos; como a maior parte do mundo, eu fui obrigado a ficar em quarentena e usar aquelas máscaras, que posso expressar por mim, era insuportável tanto aquele período como ter que usar essas máscaras. Nesse ano exato, li uma infinidade de livros, entre a fantasia e a distopia, usei os livros para ocupar minha mente, usei vários universos literários para me sentir bem e tentar conciliar esse tempo conturbado que todos estavam passando, para aliviar minha mente de vários pensamentos negativos.

Durante esse período eu emagreci quase 10 quilos, a pandemia me afetou de várias maneiras. Eu usei os livros para tentar “sair” disso, como Stephen King cita: “A imaginação nos permite viajar para mundos que não existem, e nos permite fazer qualquer coisa”. Usei da minha imaginação para aliviar meus pensamentos com o intuito de me sentir bem ou tentar reduzir as coisas negativas que me afetaram naquele momento.

Ainda nesse período conturbado da pandemia, iniciei um curso técnico de administração no CETEPS, Centro Territorial de Educação Profis-

sional do Sisal. O curso ficou literalmente 1 ano sem aulas presenciais. As aulas voltaram no meio do ano de 2021. Com a volta das aulas presenciais, comecei a frequentar a biblioteca da escola, não recordo muito bem o nome da biblioteca, mas lá tive várias experiências e contatos com autores que até então nunca tinha lido determinados conteúdos, apenas ouvia falar. Livros como *A Fantástica Fábrica de Chocolate* que é um clássico da literatura infantil, escrito por Roald Dahl. Pude ter a experiência de conhecer sua escrita ou a história com outro ponto de vista.

Para adentrar em momentos mais atuais sobre este relato pessoal que fala da minha experiência com a leitura, darei aqui um salto no tempo. Em meados do início do ano de 2024, entrei no curso de licenciatura em História, eu sempre falava a todas as pessoas próximas a mim que nunca seguiria a profissão de professor, pois, a minha família, principalmente por parte de mãe, que é repleta de professores e graduados em pedagogia, fortalecia muito um preconceito pela profissão, que a partir de alguns anos comecei a ver com outros olhos e perceber o quanto essa profissão é importante na formação da sociedade no geral.

No ensino médio, especificamente no Colégio Professor Plínio Carneiro, hoje em dia rebatizado com o nome de Colégio Estadual de Barrocas, tinha uma professora chamada Ana Paula, ela era o oposto dos métodos de ensino que conhecia no ensino fundamental I e II, ela tinha uma forma de ensinar que me fez muitas vezes imaginar os períodos exatos que estávamos estudando, como a guerra fria, ditadura militar e era Vargas. A partir disso, veio meu interesse pela literatura e pela história e isso aumentou ainda mais nas unidades ensinadas que se situavam entre o início da ditadura militar e seu fim, isso com certeza me fez enxergar que existe muita história em nosso país além das mais adjetivadas de forma simplista e negativas sobre “a descoberta do Brasil”, eu posso de dizer que não cheguei a estudar amplamente ou imaginar aquelas atrocidades que aconteceram no nosso país entre 1964 a 1985 ainda no ensino fundamental II. Mas, por mais que ame a matéria de história, não queria seguir a mesma profissão de “professor” como a maioria das pessoas da minha família. A escolha veio de fato quando eu me vi em vários alunos que acham a matéria de História chata, quero tentar ensinar de forma que eles consigam viajar e ver com outros olhos o que já aconteceu em vários tempos da nossa história.

Referente ao que foi citado neste pequeno texto e finalizando a história, no início do semestre 2024, minha turma de História recebeu dois li-

vros a serem apresentados em sala de aula. Fomos apresentados à biblioteca, a partir dessa apresentação tivemos várias experiências, lá foi nos ensinado o passo a passo de como pegar livros emprestados e as regras ao redor disso, o prazo para entregar os livros é de no máximo dez dias, após isso tem que renovar, vimos livros importantes e várias teses de doutorados dos professores do Campus XIV, que não cheguei a ler mas, passei algumas páginas e vi de forma superficial a tese do professor Rogério. Em torno do período que foi no início do ano, foi nos dada a missão de apresentar um livro chamado *A Heresia dos Índios*, de Ronaldo Vainfas, foi determinado um prazo de mais ou menos três meses em que iríamos ler e apresentar esse livro a turma.

Com a minha rotina de leitura muito acesa, utilizava um aplicativo muito conhecido no meio literário, o *Skoob*. Com esse aplicativo eu consegui organizar minhas leituras de forma linear fora da universidade, o hábito com a leitura com certeza me ajudou a melhorar a interpretação dos textos. Tenho uma rotina na qual leio uma diversidade de livros com gêneros que vão entre a ficção e o realismo, essa rotina ganhou cores a partir da pandemia.

Em virtude a esse meio tempo de três meses, me inscrevi em um curso de extensão, o “Minicurso de Patrimônio Histórico-cultural” oferecido pelo colegiado do Curso de História, o curso em questão era a noite, em razão disso comecei a ficar na UNEB até o horário em que o curso chegaria ao fim, às dez horas, de modo que me impactou, eu chegava em casa exausto, porém amava demais aqueles momentos de prosa. Durante os quase três meses do curso criei vários colegas e isso com certeza foi algo positivo na minha rotina universitária, falamos sobre os patrimônios históricos de Coité e Barrocas, como exemplo, a linha de trem que passa por vários municípios da região.

Normalmente, as aulas começam às 13:50 e chegam ao fim às 17:00. Durante esse dia excepcional do curso de extensão que era a quarta-feira, comecei a ficar na biblioteca, conhecida como Professor José Carlos dos Anjos, até as 19:00, horário de início do curso. Nesse tempo de espera até a noite, comecei a frequentar mais a biblioteca. Lá foi iniciada uma prática onde colocava as leituras pendentes e os estudos relacionados aos seminários em dia.

As convivências que tive em consequência disso, fui percebendo que a maioria dos alunos do Campus XIV fazem as mesmas coisas, como pegar matérias pendentes optativas pela noite, já que são da turma da tarde ou pegar matérias pela tarde, sendo da turma da noite em questão, durante esse tempo, esses estudantes, como eu, ficam na biblioteca e de fato isso não é uma experiência única, já que ambos colocam suas leituras e atividades pendentes em dia.

Enfim, em torno de várias experiências com a biblioteca da universidade, e também em consequência das minhas experiências do passado, posso dizer que aqui no Campus XIV, e principalmente na biblioteca, as minhas convivências me passaram o ar de paz e conhecimento, e é lá onde buscaremos informações mais complexas e de alguma forma menos digitalizadas. Fechando o assunto, com o passar dos três meses, apresentamos o livro, como já tinha expressado sobre a ajuda do meu hábito de leitura, consegui captar as informações do livro. Muitos amigos de sala buscaram exemplares na biblioteca, e outros de fato optaram por meios digitais. A experiência em si é enriquecedora de formas abrangentes, um local cheio de conhecimento, que a maioria dos alunos busca para se sentir bem, além do principal, que é o conhecimento.

## REFERÊNCIAS

DAHL, Roald. **A fantástica fábrica de chocolate**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOORE, Kelly; REED, Tucker; REED, Larkin. **Amber House**. [S. l.]: Arthur A. Levine Books, 2014.

SANDRONI, Luciana. **Ludi vai à praia: a Odisseia de uma Marquesa**. [S. l.]: Editora Escarlate, 2003. O contexto de Ludi Vai à Praia é a poluição da Baía de Guanabara e a ameaça de extinção de espécies marinhas.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Obra que resgata a dimensão etno-histórica dos povos nativos a partir do estudo da Santidade do Jaguaripe.

Com este texto pretendo traçar paralelos entre minha experiência de leitura e as bibliotecas, não só as que frequentei, mas o local como produtor de lazer e conhecimento. Através das literaturas que fundamentam o tema, discutirei a importância da leitura e da produção de conhecimento e o papel das bibliotecas e da leitura nesse processo.

O texto se justifica diante da carência epistemológica no meu da história em relação ao estudo de caso das bibliotecas. Esse espaço é fundamental para a produção do conhecimento, como vamos ver ao longo do trabalho. Sendo assim, se faz necessária tal reflexão a partir da visão de um historiador em formação, a importância da leitura e das bibliotecas na região do sisal, sobretudo, na minha cidade e na minha comunidade.

A metodologia usada será a autorreflexão, através da minha história de vida este trabalho ganhará vida. Partindo da minha experiência, pretendo analisar a importância da leitura e das instituições formadoras, reprodutoras de ciência e do conhecimento epistemológico ou popular. A respeito disso, Elizeu Clementino de Souza argumenta:

a utilização do termo História de vida corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva (Souza, 2006, p. 27).

Não posso falar da minha história com bibliotecas sem falar da minha relação com os livros e a leitura, além de me apresentar: me chamo Daniel, tenho 24 anos e venho do interior da Bahia, de uma cidade chamada Conceição do Coité, para ser mais exato, sou de um distrito conhecido como Salgadália, um lugar marcado pela cultura do cultivo da Agave Sisalana, ou simplesmente, sisal, não há quem viva em minha comunidade e nunca tenha ouvido os motores de sisal.

O motor de sisal nada mais é do que uma charrete com motor a diesel e uma máquina desfibradora acoplada, é impossível crescer onde eu cresci sem

nunca ao menos ter ouvido falar disso, é um traço cultural muito forte de onde eu venho, mas não carrega só a parte boa e romântica da história, essa cultura também é marcada por jovens que perdem sua infância e juventude e muitas vezes a oportunidade de estudar, por ter que trabalhar.

Por mais que eu nunca tenha trabalhado em um deles, conheço de maneira íntima a realidade, e muito por essa realidade tão próxima e tão dura estar próxima a mim fui incentivado a estudar e a ser curioso, a ler, não só os livros como também o mundo. De onde eu venho estudar, ser curioso, ler é se libertar, é um ato de coragem de luta contra as amarras dessa realidade.

A educação formal que conhecemos nas escolas é uma esperança de um futuro melhor. Eu não posso negar que diante da realidade do lugar de onde eu venho, tive certo privilégio, pois minha mãe é funcionária pública, e foi grande incentivadora e provedora da minha educação, me permitindo ser curioso e sonhar com os livros.

Minha mãe mudou a realidade dela através dos estudos e, porque não dizer, da leitura, não só dela como de seus irmãos também, ela é a quarta de sete filhos e apenas um não se formou no ensino médio, porém seus pais não estudaram. Lembro de ir para aulas de alfabetização com minha vó que só aprendeu a ler após os cinquenta anos, meu avô estudou até a quarta série, sabe ler e escrever, mas não terminou sua educação formal, mesmo assim é um dos homens mais sábios que eu conheço, sendo a prova real que a leitura vai além dos livros.

A partir da minha relação com as obras literárias e com as leituras dos mais variados gêneros, pretendo introduzir minha história com as bibliotecas. O que seria ler? Seria apenas entender e decifrar códigos impressos em folhas de papel? Segundo o Dicionário Oxford, a palavra ler pode ser facilmente trocada por compreender, interpretar, sendo assim, o ato de ler vai muito além de palavras a serem decodificadas, é o ato de ver e interpretar o mundo mediante experiências e saberes adquiridos ao longo da vida.

Sendo assim, mesmo que os livros sejam parte importante da definição da leitura e contribuam para produção de conhecimento e entendimento a respeito de variados assuntos, a leitura não se limita a eles. Leitura poderia ser traduzida filosoficamente como a capacidade de entender e transformar informações de qualquer tipo, seja com os olhos, ouvidos ou qualquer outra parte, desse modo a leitura se torna uma extensão do pensamento consciente e crítico.

Minha relação com os livros começa no ensino fundamental II, na escola onde estudei, no distrito de Salgadália, que é de onde venho. O distrito



tem pouco mais de 5 mil habitantes, tem uma cultura rural focada na monocultura do sisal e é atravessado por uma estrada de ferro construída pela Leste Brasileira há mais de 150 anos. É um lugar cheio de cultura e tradição, com um povo alegre e inteligente. O distrito já produziu pessoas icônicas, como Vicente Barreto, um dos compositores da música *Morena Tropicana*, famosa na voz de Alceu Valença. É um lugar que, mesmo pequeno e simples, é cheio de história, um convite à leitura e o conhecimento do seu povo.

Aos 10 anos, iniciando ainda minha vida, eu era um menino curioso e apaixonado por História, sobretudo, pela Segunda Guerra Mundial, esse interesse surgiu principalmente na época em que meu objetivo de vida era ingressar nas Forças Armadas, mais especificamente, no Exército, então tudo o que poderia minimamente ser ligado ao assunto do mundo militar me despertava curiosidade.

Além disso, também me intrigava como algo que aconteceu poderia marcar e mudar tanto o que eu vivia no presente, foi a partir daí que imagino que meu senso histórico começou a se desenvolver, perceber que o passado reverberava no presente me abriu o mundo, foi aí que percebi que tudo era história, não só o passado que me parecia chato e distante até então. Mas o que vivia naquele momento, percebi que não se constrói, pensa ou age sem que haja história.

Na escola, por meio de uma biblioteca improvisada, que ficava em uma das salas não utilizadas, havia alguns computadores que, apesar de serem úteis, deixavam o espaço que já era limitado ainda menor, os livros eram postos em estantes, mas não eram divididos por categoria alguma, sendo assim, encontrar um livro de sua preferência naquele lugar era quase como garimpar, mas valia a pena.

Foi lá que pude ter acesso aos livros que, direta ou indiretamente, falavam a respeito da Segunda Guerra, uma coisa foi levando a outra, uma paixão se ligando a outra, a curiosidade que me fazia querer saber sempre mais encontrou os livros e, por ligação direta, a biblioteca.

A curiosidade sempre foi uma característica latente e incentivada em mim por minha família, sempre me foi permitido fazer perguntas, conversar e externar meus pensamentos, isso preservou e alimentou minha curiosidade, o ponto alto do meu dia era chegar em casa e falar o que tinha aprendido de novo na escola, quando aprendi como acontecia o fenômeno do ano bissexto me lembro do meu tio e minha mãe pedir para eu repetir para cada nova visita que chegava, assim ser curioso e buscar aprender através dela se tornou comum.

Embora muito curioso, não tive muito contato com os livros na minha

infância, o que prejudicou meu nível de leitura formal ao longo da minha vida, aprendi a ler mais tarde do que é considerado “ideal” – só aprendi a ler de fato no quinto ano (antiga quarta série). À exceção do livro didático, que comecei a ter acesso no terceiro ano do ensino fundamental I, por volta dos meus 7 anos, os livros não foram figura presente nessa fase da minha vida.

O livro didático está presente na vida de milhões de estudantes de todas as idades, principalmente os oriundos da rede pública de ensino, como no meu caso, mas para além dele, pouco tive contato com livros de qualquer espécie, livros infantis, infelizmente, não fizeram parte da minha infância, por falta de oportunidade, porém, isso foi superado com muita vontade e curiosidade que me levou ao mundo dos livros anos depois.

Apesar do meu contato escasso com livros e com a leitura na infância, sempre percebi a importância deles para o conhecimento que eu buscava, pois, apesar da leitura formal ocasionalmente me faltar, minha leitura filosófica do mundo era cada vez maior, impulsionada pela minha curiosidade e experiências vividas.

Ao crescer percebi que a maioria do conhecimento estava nos livros ou eram disponibilizados lá, e que através deles leria ainda melhor. Os livros tinham um novo mundo para me apresentar. Até mesmo as obras audiovisuais que tanto admirava existiram primeiro nos livros como, por exemplo, a obra do Tolkien.

Quando ouvia o nome de uma obra literária na televisão enquanto assistia, não podia deixar de pensar “um dia lerei isso”. Esse pensamento se manteve firme em mim, até que aos poucos o mundo se abrisse para mim por meio dos livros. Ler as coisas que eu só ouvi falar moldou quem sou, um universitário perto de concluir a graduação oriundo de família humilde e estudante de escola pública, mas que ama o saber e é muito curioso.

Vejo todas essas características que poderiam ser postas como dificuldades, mas, com muito carinho, na escola pública aprendi o amor pela leitura e pelo conhecimento. Devo isso aos meus professores, e também às leituras que fiz ao longo desse caminho, não só as leituras encontradas nos livros, mas também nas artes, seja no cinema, nas músicas, ou em um quadro do Van Gogh.

Saber de onde vem a frase “ser ou não ser, eis a questão”<sup>17</sup> é recompensador, e coroa até certo ponto a curiosidade que alimentei em uma infância sem livros, mas com muita esperança e desejo por um mundo novo que en-

<sup>17</sup> A frase é tirada da peça *Hamlet*, escrita pelo famoso dramaturgo inglês William Shakespeare, escrita em 1599.

contraria nas obras literárias.

Na escola, durante o fundamental II, conheci um dos livros que marcaria minha vida, *O Diário de Anne Frank*. O livro, como o nome sugere, é um diário escrito por uma adolescente judia durante a perseguição nazista aos judeus na Segunda Guerra, de 1939 a 1945. A obra é um retrato visceral do cotidiano de uma família em seu esconderijo e a luta por sobrevivência em um período tão sombrio da história.

O diário dessa menina foi minha porta de entrada para o mundo da leitura e do conhecimento, foi a partir daí que descobri que Carl Sagan<sup>18</sup> estava certo, os livros são coisas maravilhosas e através deles conseguimos estar dentro da cabeça de alguém que pode ter morrido há centenas de anos.

Estabelecer minha relação com os livros, como já disse anteriormente, foi de suma importância para formação do meu caráter e da minha visão de mundo, pois:

o leitor é sempre parte de um grupo social, certamente carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida (De Brito, 2010, p. 3).

Ao passar pelo ensino fundamental, fui para o Colégio Estadual José Ferreira de Oliveira. A instituição possuía uma biblioteca de tamanho significativo e com o acervo de livros satisfatório, com uma grande pluralidade de gêneros literários, indo dos ficcionais aos de cunho científico, foi a partir daí que minha relação com o espaço da biblioteca foi se estreitando e tomando forma.

O espaço da biblioteca foi se tornando um lugar convidativo à troca de conhecimentos e diálogos a respeito de assuntos variados e, por conseguinte, meu lugar preferido no colégio; sempre foi o lugar onde eu e meus amigos nos reunimos, para debates e resenha de livros. Muitos assuntos foram teorizados nesse espaço.

A biblioteca se tornou um local de discussão e produção do nosso conhecimento. A respeito disso, Silveira argumenta que as bibliotecas são: “lugares de cultura e de socialização. Espaços de mediação informacional e de produção do conhecimento [...]” (Silveira, 2014, p. 147 *apud* Santa Anna, 2016)

Mesmo com toda essa importância na formação do caráter do cidadão

<sup>18</sup> Carl Edward Sagan foi um cientista planetário, astrônomo, astrobiólogo, astrofísico, escritor, divulgador científico e ativista norte-americano, além de apresentar o programa “Cosmos” na década de 1980.

e na produção do conhecimento, não obstante, é possível perceber que as bibliotecas são geralmente os lugares mais vazios das escolas e universidades, o que é apenas um reflexo de como nossa sociedade e nossos governantes tratam a educação e a produção de conhecimento.

## Conclusão

Diante de toda a discussão é possível perceber a importância da biblioteca como produtora de conhecimento e lazer. Esse espaço cultural exerce um enorme papel social na formação do cidadão. Durante a produção desse trabalho, revisei duas bibliotecas que marcaram a minha história. Em um primeiro momento, visitei a biblioteca inexistente/ abandonada da Escola Municipal Antônio Nunes Gorgiano Filho.

Ao chegar lá percebe-se o abandono com a biblioteca, não há funcionário no local e os alunos não têm acesso ao espaço, é apenas um amontoado de livros sem organização e não é aberto ao público interno.

Outra instituição visitada foi o Colégio Estadual José Ferreira de Oliveira, o colégio possui uma biblioteca bem estruturada e organizada, abre nos três turnos de funcionamento, tem um acervo diverso e é subdividida em temas, há um funcionário designado a ser o responsável pelo local. A instituição de ensino falha ao tornar a biblioteca um lugar muito entediante, sendo proibida a permanência de alunos a não ser em atividades escolares.

Esse excesso de regras torna um lugar que deveria ser convidativo em um lugar onde os alunos não querem ir. Não me ponho contra as regras, elas são de suma importância para o funcionamento não só escolar, mas de uma maneira geral, porém, é preciso ler em consideração um contexto mais amplo de incentivo à leitura, e tudo isso tem início no contato com os livros e a biblioteca.

O problema da falta de leitura no Brasil é cada vez mais grave, onde mais de 53% das pessoas afirmam não ler nem sequer um livro por ano em dados levantados pela 6ª edição da “Retratos da Leitura no Brasil” e divulgados no G1. Grande parte dessa complicação é fruto da redução cada vez maior de bibliotecas públicas, como a exemplo do que aconteceu em minha comunidade, a biblioteca pública com mais de 15 anos de funcionamento foi desativada.

É necessário que a leitura tenha a importância que lhe é devida, só através dela é possível enxergar o mundo de todos os ângulos possíveis, a leitura abre portas e é crucial para o desenvolvimento humano. O texto não tem a intenção de fechar ou findar o assunto, mas sim, de levantar questões a respeito.

## REFERÊNCIAS

DE BRITO, Danielle Santos. **A importância da leitura na formação social do indivíduo**. Periódico de Divulgação Científica da FALS, ano IV, n. VIII, jun. 2010.

OXFORD LANGUAGES. Oxford Languages and Google. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 10 set. 2024.

SANTA ANNA, Jorge. **A redefinição da biblioteca no século XXI: de ambientes informacionais a espaços de convivência**. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 14, n. 2, p. 232-246, 2016. DOI: 10.20396/rdbci.v14i2.8641701. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8641701>. Acesso em: 26 ago. 2024.

SANTOS, Emily. **O Brasil que lê menos: pesquisa aponta perda de quase 7 milhões de leitores em 4 anos; veja raio X**. G1 Educação, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/11/19/o-brasil-que-le-menos-pesquisa-aponta-que-pais-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-veja-raio-x.ghtml>. Acesso em: 3 jan. 2025.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação**. Revista Educação em Questão, 25(11), p. 22-39, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>. Acesso em: 28 jul. 2025.

## Minha Distante Vida das Bibliotecas

*Islan David Saturnino Araujo*

Na universidade, com as aulas no meu segundo semestre do curso de licenciatura em História na UNEB, *Campus XIV*, localizada na cidade de Conceição do Coité, tive o privilégio de fazer pesquisas e trabalhos didáticos fora da universidade, como, por exemplo, minha pesquisa sobre bibliotecas encaminhada pela professora Zuleide Paiva na disciplina de Pesquisa Bibliográfica, me tornando pela primeira vez um pesquisador, usando memória, diálogos, observações visuais e outros meios para desenvolver minha pesquisa.

Percebi a importância dessa disciplina ao me deparar com como fazer uma pesquisa, trazendo experiências que eu nunca tinha vivido e me mostrando como fazer tal coisa, através de diálogos, discussões e conhecimentos passados no componente de pesquisa bibliográfica. Com o pedido da professora para falarmos sobre a importância da biblioteca em nossas vidas e relatar sobre nossas experiências nelas, fomos em busca de entender como é ser um pesquisador.

Contudo, teríamos que ir além e fazer uma pesquisa de campo em alguma biblioteca por onde nós alunos passamos durante as nossas vidas. De início pensei em ir à biblioteca Professor José Carlos dos Anjos, localizada no Campus XIV da UNEB, onde eu li meu primeiro livro para um fim universitário, chamado *A Heresia Dos Índios*, sendo essa obra a minha primeira experiência em um ambiente de leitura universitário, logo em seguida, passei a ler *Inferno Atlântico*, por indicações de colegas. Mas como citado no meu primeiro texto, eu escolhi fazer minha pesquisa na biblioteca do Colégio Estadual do Açudinho, antigo Yêda Barradas Carneiro, localizado na cidade de Conceição do Coité- BA, local onde tenho muitas lembranças e convivências passadas.

Ao me encaminhar para esse colégio, fui lembrando do meu tempo de aluno. Cursei meu ensino médio nessa unidade escolar, um local que me traz ótimas recordações e lindas memórias de grandes momentos que vivi entre os anos de 2017 e 2019 com grandes amigos e ótimos professores. Ao chegar no local, fui recebido pelo porteiro, expliquei a situação e os motivos que me levaram até ali, dirigindo-me até a secretaria da escola, onde fui recebido pelo vice-diretor, conversei com ele sobre o porquê de estar ali, e assim tive a

autorização para fazer minha pesquisa. Contudo, ele me deu algumas explicações e uma delas foi que a pessoa responsável pela biblioteca estava de férias no momento, mas mesmo assim consegui aproveitar para fazer uma avaliação pessoal sobre a biblioteca do colégio e aproveitar o ambiente físico dela, ambiente esse que me traz muita nostalgia, porém, não era muito de utilizar livros de lá, ia apenas para jogos de tabuleiro e bater papo com as pessoas.

Consegui contactar a pessoa que cuida da biblioteca através de mensagens via *WhatsApp*, tive uma ótima conversa com ela, onde consegui tirar várias dúvidas e relembramos um pouco do período em que eu estudei lá, éramos acostumados a conversar e brincar diariamente um com o outro, uma pessoa muito gentil e sorridente.

Foi algo extraordinário voltar ao colégio onde cursei e me formei no ensino médio, mas dessa vez como um universitário, tive o privilégio de rever alguns ex-professores e senti o orgulho deles ao saber que um ex-aluno deles estava cursando o ensino superior, tivemos um bom bate-papo e eles também me deram ótimas dicas de como fazer minha pesquisa, fiz um tour pelo ambiente escolar, mas com o foco direcionado a biblioteca.

Antes de contactar a pessoa que fica na biblioteca, me encontrei com a diretora que, assim como o vice-diretor, me tirou várias dúvidas, tivemos um bate-papo e ela me respondeu várias perguntas com respostas muito interessantes. Perguntei se a biblioteca tinha ajuda financeira, parcerias ou ajudas do governo estadual ou municipal relacionadas diretamente à biblioteca do colégio e a resposta foi “não”, ela continuou argumentando que o colégio trabalha com o que tem no momento em sua sala de leitura.

Alguns dias depois, ao me comunicar com a responsável pela biblioteca de maneira virtual, fiz perguntas às quais ela me deu respostas bem claras e tivemos uma ótima conversa sobre a biblioteca. Fiz questionamentos sobre o espaço, qual o seu tamanho? Como o local é para os alunos? Como ela via aquele ambiente em que trabalhava? Segundo ela, a estrutura não era ideal para a quantidade de alunos, mesmo o ambiente estando em um bom estado, ainda tinha algumas necessidades, como a troca de ventiladores por ar-condicionado, trazendo soluções sobre o conforto do espaço. Ela afirma que seria melhor uma troca de mobílias, as cadeiras de madeira por pufes e sofás. Saindo da área estrutural e indo para os livros, o espaço de leitura é preenchido por diversos e diferentes tipos de obras literárias, sendo muito mais do que apenas livros didáticos. Tudo bem-organizado em prateleiras que facilitam o acesso do aluno em busca de suas preferências de gêneros literários, mas sempre quando há dúvidas, a responsável está lá para ajudar.



Em nossa conversa também foi falado sobre a tecnologia nas bibliotecas e a falta dela nesta em questão, como, por exemplo, a falta de computadores e internet. Sendo assim, tudo é escrito à mão, como as marcações dos livros que saem e entram na biblioteca através do uso dos estudantes e dos professores, com o prazo de devolução de oito dias para os discentes e de quinze dias para os docentes. Também segundo a bibliotecária, a disciplina de português ajuda muito, levando pesquisas de leitura ao ambiente bibliotecário e rodas de leitura.

Como a bibliotecária informou, a frequência dos alunos na biblioteca é maior pela influência de aulas didáticas e alguns buscam a leitura no intervalo entre as aulas, mas são uma minoria. A maioria busca o espaço apenas para jogos de tabuleiros e para ficarem mais à vontade com seus celulares. A responsável pelo local também falou sobre seus sentimentos, disse ficar triste ao ver o espaço sendo utilizado para diferentes coisas e alunos deixando a leitura de lado.

Perguntei qual a formação dela, mas a resposta foi “eu sou apenas uma funcionária pública, fui realocada para a biblioteca e sempre tive a ajuda de alunos e outros funcionários do colégio para administrar uma biblioteca mesmo não sendo uma bibliotecária com formação, mas com o passar do tempo fui me adaptando e criando amor pela leitura, hoje eu gosto do que faço e sempre procuro um novo livro para ler e indicar às pessoas”.

Tentando mostrar às pessoas a importância da leitura em suas vidas, e como o hábito de ler ajuda no dia a dia de cada um. Continuei com minhas dúvidas e um dos meus questionamentos foi, para ela, o que precisava melhorar no seu local de trabalho? A resposta foi “eu gostaria muito de poder ter um espaço maior, com mais prateleiras e mais livros, mesas e cadeiras, um lugar que chamasse mais a atenção dos alunos”. Uma crítica ao espaço e abordagem à quantidade de livros, e o quanto a quantidade deles poderia aumentar para dar mais opções de leitura aos discentes.

Direcionando a visão para os alunos, também entrevistei alguns deles, que fizeram elogios e críticas ao ambiente bibliotecário do seu colégio. Uma das análises foi a climatização do ambiente, que não tem ar-condicionado e os ventiladores não dão conta de contrariar o calor, mas abordaram também a calmaria do espaço, que frequentam para fazer diversas tarefas com mais concentração por ser um ambiente calmo e sem muita sonoridade.

Encerrando minha pesquisa, venho falar da minha visão pessoal sobre quanto o colégio Estadual do Açudinho evoluiu desde a minha formação no ensino médio. Percebi o quanto a direção e a bibliotecária se orgulham de seu



espaço de leitura, mesmo não sendo algo grandioso, e como eles conseguiram organizar o ambiente mesmo não tendo ajuda fora do colégio – eles conseguem manter e adicionar livros através de doações. Vejo o quanto se importam com a prática da leitura, principalmente a pessoa que cuida e organiza a biblioteca dessa escola.

Me vejo como um futuro professor de História, mas só quando iniciei minha vida acadêmica percebi o quanto é importante o ato de ler em nossas vidas, um curso que me trouxe muitos textos históricos e ótimos para meu aprendizado. Pretendo passar para meus futuros alunos tudo o que eu sei e tudo aquilo que eu continuarei a aprender, sempre os incentivando a ler e mostrando o quanto um leitor consegue ver o mundo diferente e melhor através das palavras, versos, textos e livros.

## REFERÊNCIAS

DAHL, Roald. **A fantástica fábrica de chocolate**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Inferno Atlântico: demonologia e colonização (séculos XVI-XVIII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Uma obra acadêmica que explora a relação entre demonologia, religião e colonização no Atlântico durante os séculos XVI-XVIII.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

# Tarde te Amei: Minha História de Biblioteca

*Manoel Emídio da Silva Neto*

## Introdução

Eu me chamo Manoel Emídio da Silva Neto, atualmente tenho 21 anos, moro em Serrinha, Bahia. Sou uma pessoa tranquila, com poucos amigos, que prefere uma boa conversa a uma festa. Apaixonado por futebol e livros, sonho em me tornar um bom professor e formar uma família. Neste texto, tenho por objetivo contar minha história pessoal com a biblioteca e com a leitura, bem como demonstrar a importância de ambos. A biblioteca é um espaço pouco discutido; geralmente, tem-se uma visão predefinida do que ela é e para que serve. No entanto, esse senso comum tende a ser reducionista demais. Uma biblioteca é, segundo o dicionário, uma coleção de livros, mas não podemos dizer que ela é APENAS uma coleção de livros ou um local em que se armazenam livros. Além disso, pode ser um espaço de aprendizagem, pode ser o local onde se encontra a paz tão desejada, onde vidas são para sempre modificadas pelo amor que nasce pelos livros e pelo estudo, dentre tantos outros papéis que a biblioteca pode assumir.

## História pessoal com biblioteca

Falando sobre a minha experiência com esse ambiente tão simples e, ao mesmo tempo, tão complexo, também falo sobre meu caminho até me apaixonar pelos livros. Durante a minha infância, nunca tive interesse pela leitura, talvez por não ter nenhuma referência nesse sentido, pois ninguém da minha família tinha o hábito de ler, e também pelas escolas que frequentava. Até o sétimo ano do ensino fundamental, frequentava escolas da zona rural que eram muito “simples” e não tinham bibliotecas, o que tornava difícil até para os próprios professores incentivarem os alunos a começar a ler. Foi apenas no oitavo ano do ensino fundamental que fui convidado a ler pela primeira vez. Já estudando na zona urbana, no Colégio Estadual 30 de junho conhecido como colégio do padre, que já possuía uma biblioteca. Minha professora de Português, chamada Sabrina, pediu para que lêssemos o livro *Extraordinário* e fizéssemos um trabalho avaliativo. Então, assim como já fiz com vários alimentos (ainda faço), julguei não gostar sem ao menos experi-

mentar. Ao invés de ler o livro, fui assistir ao filme. Continuei essa prática, e algumas vezes deu certo, outras nem tanto.

Foi então que comecei a frequentar a biblioteca durante esse mesmo período. Era um espaço bom, sempre arrumado, com três mesas para que os alunos se reunissem e pudessem ler, conversar ou fazer alguma tarefa. Não havia tantos livros, mas os que lá estavam eram bem arrumados. Segundo Bernadete Campello, a biblioteca escolar, se bem administrada, pode ultrapassar o paradigma da leitura e se tornar ambiente de aprendizado, não só a partir dos livros, mas também da própria experiência do aluno no ambiente. Nesse sentido, eu não comecei a frequentar o local (a biblioteca do colégio estadual 30 de junho) para ler, mas sim para ter silêncio. Segundo a prof. Dra. Maria Suzett Biembengut Santade, “No silêncio de nosso ser, escutamos melhor o barulho de nossa mente, de nossos ruídos corporais e, assim, podemos esvaziar a poluição interna para, durante a reflexão, escrevermos para sermos lidos [...]”. O silêncio significa para mim a ausência de ruído; é a condição em que consigo me escutar, refletir, me autoconhecer. É uma condição que necessito para me sentir bem. A biblioteca era o ambiente mais calmo da escola, então às vezes ia para lá porque era como um ambiente de fuga, que servia tanto para estudar quanto para ter uma conversa tranquila e fugir dos barulhos.

### **Experiências específicas: Colégio Estadual Rubem Nogueira e Universidade Estadual de Feira de Santana**

Quando cheguei ao ensino médio, tive que mudar de escola, pois a que frequentava daquele ano em seguinte já não iria mais ter ensino médio, então fui obrigado a ingressar no Colégio Estadual Rubem Nogueira, o que de início foi bem difícil, pois tive que me separar do meu único amigo da escola e como tinha extrema dificuldade em socializar, não fiz nenhuma amizade nessa nova escola durante os dois primeiros anos, porém foi mais ou menos nesse momento que descobri meu amor pela leitura. Como me interessei bastante por política, fui até a minha professora de Geografia que me indicou que começasse a ler livros sobre o tema, então, como não tinha dinheiro, fiz uma vaquinha com dois amigos e comprei o *Segundo Tratado sobre o Governo Civil*, de John Locke, detalhe: o livro custava 35 reais. Em 5 de janeiro de 2020 terminei o livro e de lá para cá não parei mais de ler, um amor tomou conta de mim mais ou menos como Santo Agostinho de Hipona após ler as

cartas de São Paulo, um amor que, assim como o de Agostinho, sempre esteve dentro de mim, por isso, assim como ele, digo “Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova”, os livros me ajudaram no processo de autoconhecimento e foi a partir do amor pela leitura que descobri o meu apreço pelo mundo acadêmico.

Como sempre ficava sozinho nessa nova escola, pude ler muito e desenvolver esse amor. Quando fui conhecer a biblioteca dessa escola, acabei me decepcionando, porque o ambiente era completamente desarmonioso e em nada parecia uma biblioteca, ou pelo menos como uma deveria ser; lembro que não era bem iluminada, não havia silêncio (o que era e é de suma importância para mim) e continha poucos livros, sendo que os que tinha, não me geraram interesse e aqueles que eu procurava, não encontrava.

No último ano do ensino médio, minha turma foi conhecer a UEFS, uma experiência incrível que foi um dos principais fatores que influenciaram a minha entrada na universidade, pois antes dessa viagem, a ideia de ingressar em uma graduação nem passou pela minha cabeça. Uma curiosidade é que eu achava que queria cursar Jornalismo, por sorte, no segundo domingo do Enem desse ano, esqueci o meu documento original e não pude fazer a prova, é como dizem, há males que vêm para o bem. Com certeza, o ponto alto dessa viagem foi o momento em que conheci a biblioteca da UEFS.

Ela contava com dois andares, sendo o primeiro repleto de livros separados por sua área e o segundo com um espaço para concentração e estudo. Quando ingressei no curso de História no Campus XIV, aqui em Coité, uma das grandes curiosidades que tinha era conhecer a biblioteca, e como no primeiro dia em que fui para a aula só houve uma atividade de integração, aproveitei para ir conhecê-la. Foi num sábado e lembro que foi uma experiência bem legal, pois seu Roque me acompanhou e tirou algumas dúvidas minhas em relação ao curso e à biblioteca, me contou a sua história e indicou algumas leituras que seriam importantes para o curso. Infelizmente, eu praticamente não voltei a frequentar a biblioteca do campus, pois hoje prefiro ler o PDF ao invés de pegar um livro na biblioteca, porque nele posso fazer anotações e marcar o texto, o que não é possível com os livros disponibilizados pela biblioteca, e como, infelizmente, os livros no nosso país tendem a ser muito caros, o PDF acaba por se tornar a melhor opção para a minha realidade. Por conta das aulas dessa matéria de pesquisa bibliográfica, tenho percebido a importância de frequentar mais a biblioteca e é algo que pretendo desenvolver.

## **Análise crítica da visita recente**

No dia 6 de novembro de 2024, revisei o Colégio Estadual Rubem Nogueira, em Serrinha-BA, a pedido da professora Zuleide, com o objetivo de comparar minha memória da biblioteca, já descrita anteriormente, e também de analisar as condições do espaço, seu acervo, entre outros aspectos.

Ao chegar, solicitei falar com alguém da coordenação para me apresentar e pedir permissão para realizar a pesquisa. Fui orientado a conversar com a diretora, professora Judite, que me recebeu muito bem e explicou que, devido à ausência de um bibliotecário na escola, ela mesma responderia às minhas perguntas. Seguindo o roteiro proposto pela professora, obtive as seguintes informações:

Primeiramente, foi esclarecido que não houve a criação de um espaço específico para a biblioteca. Em vez disso, duas salas foram unificadas para atender a essa função. Não há um profissional com formação específica para atuar como bibliotecário(a), apenas uma auxiliar que desempenha a função, “quebrando um galho” durante o dia. À noite, um aluno do curso técnico de informática estagia na biblioteca. Ela funciona em tempo integral, atendendo tanto os alunos do turno diurno quanto do noturno. Segundo a diretora Judite, o espaço é mais procurado e utilizado à noite.

Quanto ao acervo, a estimativa é de cerca de 5.000 livros. No entanto, ao observar o ambiente, fiquei com a impressão de que o número real de livros é bem menor. O espaço físico da biblioteca possui uma rampa de acesso, o que é um ponto positivo para a inclusão de alunos cadeirantes. No entanto, não há outros recursos que atendam a alunos com necessidades específicas, como um piso para deficientes visuais, por exemplo.

A biblioteca cumpre diversas funções, sendo utilizada tanto para leitura quanto para pesquisa e, em alguns casos, até como sala de aula. Isso, à primeira vista, pode parecer uma vantagem, mas, na prática, pode não ser ideal. Como o ambiente não é muito grande, se um professor estiver dando uma aula, fica difícil para os alunos realizarem uma leitura concentrada. Durante minha visita, observei que a biblioteca estava sendo utilizada por dois professores, a excelentíssima professora Luciana Lara e o professor Diogo. Além disso, o espaço tem muitas mesas e cadeiras, o que limita a mobilidade. Como resultado, a rampa de acesso perde boa parte de sua utilidade, já que um cadeirante ou professor com mobilidade reduzida teria grande dificuldade para se locomover dentro da biblioteca.

Por outro lado, a biblioteca possui boa iluminação e está bem limpa. Há também Chromebook disponíveis para os alunos realizarem pesquisas, mas o número desses equipamentos é insuficiente para a demanda. Além disso, os próprios alunos mencionaram que os Chromebook estão bastante desatualizados, travam com frequência e a conexão de internet não é satisfatória. Quanto à ventilação, a biblioteca não tem ar-condicionado, e os ventiladores presentes não são eficientes, além de fazerem barulho. O silêncio, essencial para a concentração dos estudantes, também é um problema. Durante minha visita, percebi que o ambiente estava longe de ser silencioso, o que compromete a experiência de estudo.

Quanto à mobília, as mesas, cadeiras e prateleiras estão em bom estado, mas não são muito confortáveis para longos períodos de uso. Em relação ao acervo, ele é relativamente limitado e tem pouca diversidade. A maioria dos livros é de literatura e didáticos, mas estão desorganizados nas estantes, sem uma classificação clara por gênero. Caso o aluno queira um livro em específico, ele precisa se virar para achar, pois não há um *software* ou algo do tipo para auxiliá-lo. O processo de empréstimo é feito manualmente, por meio de um livro de registros.

A diretora me explicou que a escola recebe recursos do MEC, por meio dos programas PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e FAED (Fundo de Apoio à Educação). Em relação às principais dificuldades, ela destacou a falta de um espaço específico para a biblioteca, bem como a necessidade de contratar um profissional qualificado para a função de bibliotecário. Um ponto interessante que ela trouxe foi o aumento da procura por livros após a realização da FELIS (Feira Literária Internacional de Serrinha), quando a escola abriu suas portas e expôs seus livros. No entanto, a diretora lamentou a ausência de uma biblioteca pública na cidade, que foi desativada há alguns anos. Ela mencionou que houve até procura de pais de alunos, mas, infelizmente, a biblioteca só atende aos estudantes da escola.

Por fim, a pedido da diretora, conversei com alguns alunos sobre a biblioteca. Eles expressaram certa insatisfação com o espaço e o acervo e sugeriram melhorias, como a inclusão de novos computadores, a instalação de ar-condicionado e a ampliação da diversidade de livros. Alguns alunos também comentaram que as professoras de Linguagens incentivam a leitura por meio de trabalhos relacionados aos livros, o que considero uma prática interessante, pois a professora deixa os alunos escolherem os livros de sua preferência, promovendo maior liberdade e engajamento.

## Conclusão

Na primeira parte do texto busquei expor minha relação com a biblioteca e mostrar a importância desse espaço, bem como dos livros, ao narrar a influência que ambos tiveram na minha vida, exemplificando o poder e a importância da biblioteca e da leitura. Já sobre a visita técnica, constatee que houve avanços na biblioteca desde minha última visita à escola, mas que ainda há muitos aspectos a serem melhorados. É necessário um espaço mais adequado, que possibilite silêncio e concentração. Os equipamentos de pesquisa precisam ser atualizados, e o acervo deve ser diversificado para atender às demandas dos professores e despertar o interesse pela leitura nos alunos. Tenho certeza de que, com esses ajustes, a biblioteca poderia se tornar um local mais atrativo, capaz de formar mais leitores e, assim, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e educada.

Bom, não custa nada sonhar, não é?



## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 1997.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. São Paulo: Autêntica, 2012. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=fDDT2AHAWp8C&dq=biblioteca+escolar&lr=&hl=pt-BR&source=gbp\\_navlinks](https://books.google.com.br/books?id=fDDT2AHAWp8C&dq=biblioteca+escolar&lr=&hl=pt-BR&source=gbp_navlinks). Acesso em: 26 fev. 2024.

SANTADE, Maria Suzett Biembengut. **Importância do silêncio**. Prospectus, v. 2, n. 1, 2020. ISSN: 2674-8576.

## As Leituras que Eu Interrompi

Laioane da Silva

*“Eles me disseram que todas as minhas jaulas eram mentais,  
então eu me perdi, assim como todo o meu potencial.”*

(Taylor Swift, This Is Me Trying)

Esse texto tem como objetivo levantar reflexões, através de uma experiência pessoal, sobre o papel e a importância da biblioteca como um espaço de leitura, lazer e construção de identidades na sociedade atual. É através da memória que buscarei dar vida ao meu relato, sendo importante destacar que, assim como a escritora Beatriz Sarlo discute em seu livro *Tempo Passado: Cultura da Memória e a Guinada Subjetiva*, é a voz e a narrativa que transformam a experiência em algo comunicável, porém, sempre existirá uma lacuna entre o fato acontecido e a narração, por causa de fatores que influenciam no modo como o ocorrido é comunicado.

Um relato pode sofrer mudanças por causa das ideologias que as testemunhas passam a ter para si ao longo dos anos. O ponto é: a abordagem e escolha de palavras ao longo desse texto seriam diferentes há alguns anos atrás. Isso não quer dizer que meu relato é mentiroso, apenas que ele é feito através da minha verdade, uma verdade subjetiva.

Bom, antes de iniciar meu relato sobre a minha relação com bibliotecas e leitura, eu gostaria de explicar a escolha do título dessa narração. Em um momento da minha vida, sinto que tive uma paixão e interesse maior pela leitura do que tenho atualmente; com o passar do tempo, comecei a me distanciar desse hábito e ter uma leitura mais limitada, não sei pontuar uma razão exata para essa ruptura, talvez eu só tenha me tornado uma criança desinteressada, o que tem a ver com o fato de não me sentir mais tão inteligente ao longo dos anos escolares.

No fundamental, foi difícil ver um 10 se tornar um 7, claro que no ensino médio o 7 acabava sendo perfeito. Também passei a perceber que alguns colegas, que muitas vezes atrapalhavam a aula, iam ter os mesmos resultados que eu. Não era para eu absorver isso e mudar meus esforços, eu sei, mas eu era uma criança. Não exija maturidade e racionalidade de mim, por favor. Por esses fatores, o distanciamento passou a ser uma escolha também, por

isso “As leituras que eu interrompi”. A leitura pode ser um hábito difícil por uma questão de acessibilidade, mas também há a minha responsabilidade na minha experiência.

### **As Primeiras Sílabas: racismo**

Meu nome é Laioane da Silva, nasci em Cansanção, uma pequena cidade da Bahia. Morei em um povoado chamado Jatobá e estudava na Escola Municipal Francisco Borges. Lá tinha uma biblioteca que passou a maior parte dos anos fechada. Foi nesse primeiro ambiente escolar que eu aprendi a ler e escrever. Esse processo de aprendizagem foi algo que eu amei viver. Era como se a leitura tivesse mais vida; a história ganhava mais realidade, a imaginação não era limitada e eu me sentia dentro daquele livro. Eu diria que a minha relação com a leitura era melhor nesse período da minha vida.

Aos 10 anos de idade, minha família se mudou para São Paulo. A adaptação não foi fácil, nem sempre é, mas eu só precisava dar tempo ao tempo e fazer algumas amizades. Na nova escola, que se chamava Escola Municipal de Ensino Fundamental Leonardo Villas Boas, havia um professor que costumava ler a história de um menino que descobriu a existência de bruxas e foi transformado em um rato. Não tenho certeza de qual era o nome do livro, mas o jeito que ele narrava deixava tudo melhor e mais cômico. Era o meu momento favorito da aula.

Posso dizer que já tive uma paixão maior pela leitura, mesmo que a maioria desses momentos não tenha acontecido em uma biblioteca. Na verdade, as minhas idas a bibliotecas estavam mais relacionadas a realização de algum trabalho ou para assistir algum sarau, o que também era divertido. Já na Sala de Leitura, nós costumávamos ler alguns livros. Me lembro de ter lido *A amarga herança de Leo*, um livro de Percy Jackson, alguns contos de Machado de Assis e *Eu sou Malala*, esse último eu nunca cheguei a terminar, uma pena.

É comum que a leitura seja influenciada pela realidade social do leitor, tanto em relação à quantidade de livros lidos, por uma questão de acessibilidade ou até mesmo dificuldade no ato de ler, quanto na escolha do que ler. Ao longo desse texto, eu vou me mostrando um exemplo disso. Muitas vezes a minha realidade e vivências influenciaram as minhas leituras. Claro que a leitura não precisa, e nem deve, ser feita apenas com o intuito de se auto identificar com a obra.

Teresa De Lauretis, em *Tecnologia de Gênero*, reflete sobre a construção de gêneros e a separação do feminino e do masculino, levantando questionamentos sobre o momento de absorção da construção do feminino, quando o indivíduo passa a se enxergar como aquilo que é socialmente imposto. Ampliando esse pensamento para as questões étnicas, podemos relacionar essa ideia com Frantz Fanon e seu processo de autodescoberta como um homem negro.

No livro *Pele Negra, Máscara Branca*, o autor Frantz Fanon descreve as experiências racistas a que ele foi submetido, e uma das consequências dessas violências foi o olhar para si mesmo. Ainda que de uma forma forçada e negativa, Fanon confrontou sua identidade racial sem rejeição, simplesmente se autoafirmando enquanto homem negro.

Quando então eu tinha todos os motivos para odiar, detestar, rejeitavam-me? Quando então devia ser adulado, solicitado, recusavam qualquer reconhecimento? Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como Negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer (Fanon, 2008, p. 108).

Com isso, é possível perceber como a minha experiência, apesar de ser individual, se torna coletiva em determinados pontos. Na minha infância, eu não me enxergava como uma garota negra, mas acho que chega um momento na vida em que aquilo que você é começa a gritar para você, para que você assuma e tome consciência dessa parte de si. O difícil é que esse grito pode vir de uma situação de violência, sem que você nem entenda que muitas coisas só acontecem por causa das suas partes não assumidas, o que eu quero dizer é: antes que você entenda quem você é, a opressão social te empurra para essa identidade de uma forma tão violenta que, por vezes, isso faz com que você a rejeite.

Falo isso porque, durante o ensino médio, especificamente no último ano, eu tive uma experiência negativa na biblioteca escolar, especificamente na biblioteca da Escola Estadual Presidente Kennedy. Lembro que ela passou uma boa parte do tempo fechada, mesmo depois do período mais crítico da pandemia, mas, quando a escola se mobilizou para realizar dois dias de um evento voltado à Visibilidade de pessoas LGBTQIAP+, eu fiz parte da organização, e a biblioteca foi o espaço utilizado para fazer as decorações.

Nós tínhamos plaquinhas escrito “My name is”, a ideia era que pessoas

trans pudessem escrever seu nome social nelas. Foi em uma dessas plaquinhas que um garoto branco, que também participava da organização, escreveu a palavra “nigger”, um insulto racista. Ele me mostrou essa placa esperando que eu achasse aquilo engraçado. Eu apenas fiquei encarando o garoto sem dizer uma palavra, até que ele perguntou: “você não gosta desse tipo de piada?”. E eu disse que não.

Não fiquei lá por mais tempo, simplesmente pedi para ir embora daquele lugar. Um dos pontos que também me causou incômodo foi o fato de outras pessoas brancas que estavam ali terem se silenciado; simplesmente ninguém falou nada. Não sabia que a situação tinha me magoado tanto. Depois cheguei a pensar ser um exagero da minha parte, e, ainda assim, conversei com alguns professores. Eles conversaram com esse aluno, mas não aconteceu nada além disso com ele, que até continuou participando do grêmio estudantil da escola.

### **Biblioteca: A Leitura como Acolhimento**

Eu diria que não tenho grandes experiências em bibliotecas, mas que tive uma paixão pela leitura que hoje em dia não é algo tão forte. Também fazia um tempo que eu não pegava um livro para ler por entretenimento, mas voltei a fazer isso recentemente. Comecei a ler um romance sáfico entre duas jovens negras. As protagonistas serem negras foi uma das motivações para comprá-lo. O livro se chama *Um traço até você*, de Olívia Pilar.

Confesso que fiz uma leitura muito lenta desse livro, não porque ele é ruim, longe disso, o livro traz as violências raciais vividas pelas protagonistas. Lina é uma jovem com uma boa condição financeira e com um pai branco; ela também não possuía consciência de si enquanto pessoa negra. É a partir do seu envolvimento com Elsa que ela começa a perceber que muitas coisas pelas quais passou e ainda passa não aconteceriam se ela fosse branca.

Tenho uma preferência por ler romances entre mulheres, justamente por ser uma mulher que também se relaciona romanticamente com mulheres. É ótimo se prender em um mundo, ainda que por breve minutos do dia, em que a heterossexualidade não é um padrão imposto. Como sugeriu Freud, no livro *O Mal-estar da Civilização*, as pessoas buscam alternativas para lidar com as tensões da realidade, através de diversas formas como a religião, cultura e a arte. Em uma análise pessoal, percebi isso em alguns dos meus amigos e suas relações com a leitura e a biblioteca. Eles buscaram nesse ambiente uma aceitação que o mundo real nos negava.

Assim como é relatado no “Manifesto Bissexual”, publicado em 1990, pela revista *Anything That Moves*, nós ainda “[...] estamos frustrados com a imposição do isolamento e a invisibilidade vindas da expectativa de anunciar ou escolher uma identidade [...]”, mas, nesse caso, a única identidade aceitável socialmente é a heterossexual.

Podemos olhar para a biblioteca como um universo repleto de planetas, e dentro desses planetas existem diversas realidades que podem ser exploradas por aqueles que são apaixonados pela leitura. Nos livros existem milhares de possibilidades, e é mergulhando nelas que podemos nos desconstruir e reconstruir, abraçando partes nossas que não são vistas com bons olhos.

Por isso, a biblioteca é um lugar de acolhimento, onde moram as diferentes culturas, religiões, fantasia, ciência, política e a história. É também uma ferramenta de educação e informação. Quando eu aprendi a ler, eu também aprendi a me comunicar com o mundo e passei a questioná-lo, busquei entender como ele funcionava e o motivo dele funcionar dessa forma. Não estou afirmando que essa é a única forma de dialogar com o mundo.

## Rupturas e Permanências

Como forma de enriquecer esse trabalho, realizei uma visita à biblioteca da Escola Municipal Francisco Borges. Talvez tenha mais de 9 anos desde a última vez em que estive por lá. Buscando analisar o que mudou em relação à preservação do ambiente e dos materiais necessários, conversei com uma funcionária da biblioteca. Quando entrei na sala pequena, foi notável a reforma no espaço; a porta agora é de vidro, as paredes em tom bege e sem janelas.

A biblioteca conta com uma televisão, uma caixa de som, impressora, dois computadores e doze *notebooks*; três estantes grandes com livros e uma pequena. As paredes estão decoradas com trabalhos escolares realizados pelos alunos. Com duas funcionárias, uma de manhã e outra durante a tarde, o local fica aberto das 8 até as 16 horas.

Os principais frequentadores da biblioteca são os alunos da escola. Por isso o horário de maior movimento é durante o intervalo, e o de menor, é durante as aulas, com exceção de quando os próprios professores vão realizar tarefas por lá. O acervo de livros é feito a partir de doações e do fornecimento por parte da prefeitura. Esse material está disponível para empréstimo, e a devolução deve ser feita após uma semana (sete dias). Apesar de possuir brinquedos, a leitura ainda é a atividade mais realizada no ambiente.

Para a encarregada do espaço, mesmo que seja legal para ela ocupar esse cargo, é um desafio cuidar do ambiente, pois ela não possui experiência com essa área. Pedi uma sugestão de melhoria em relação à biblioteca. A resposta que recebi foi a de tornar o acervo de livros maior e a realização de mais projetos que incentivem a leitura.

Já a situação de uma outra biblioteca escolar utilizada por mim, é lamentável. Conversei com um amigo que trabalha como professor na Escola Estadual Presidente Kennedy, e ele me relatou que a biblioteca permanece fechada por falta de um professor que cuide do local. Além disso, foi realizada uma reforma e, para deixar todos os livros em uma única parede, alguns acabaram sendo descartados. Meu amigo lamentou a situação e ainda acrescentou que, com o investimento em aplicativos de celulares por parte da prefeitura, a biblioteca se mostra cada vez mais obsoleta.

## Conclusão

As bibliotecas sobrevivem ao abandono e descuido por parte de órgãos que deveriam zelar por esse espaço de conhecimento e lazer, demonstrando que são fundamentais para a construção de identidades, ideias e saberes. Uma ferramenta potente na democratização do acesso à leitura, mas, para que seu impacto na sociedade seja maior, se faz necessário um resgate sobre a sua função, com o objetivo de conscientizar as pessoas sobre o papel que esse ambiente tem dentro do crescimento de cada um. Com esse olhar para as bibliotecas, o funcionamento será de interesse geral, ou seja, mais pessoas cobrando um bom funcionamento desses lugares.

O esquecimento das bibliotecas é fortalecido pelo silêncio daqueles que deveriam frequentar esse espaço. A amnésia coletiva é um benefício para a falta de investimento e fechamento das bibliotecas. Se ninguém se mobilizar em nome delas, então elas continuarão sem existir e, quando existirem, serão apenas um armazém de livros empoeirados.

Vejo esse texto como um primeiro passo para o fim desse triste ciclo. É através da leitura dele que outras pessoas podem revisitar suas próprias histórias em bibliotecas e questionar a forma que elas são sistematicamente tratadas. É com o despertar coletivo que as bibliotecas serão bem cuidadas e terão um papel transformador ainda maior.

## REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LAURETIS, Teresa de. Tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

**MANIFESTO BISSEXUAL**. "Reimpresso". Anything that Moves, São Francisco, n. 1, 1990.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



# Os livros, a Escrita e o Corpo Lésbico Sapatão que Insiste: Cartografia de Duas Leituras em Resistência

*Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)*

*Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)*

## **Pistas em movimentos...**

Este relato nasce de um encontro. Encontro entre gerações, entre geografias, entre dores que se reconhecem e desejos que, mesmo temerosos, ousam se nomear. Nasce do afeto entre uma professora lésbica bibliotecária que aprendeu, entre lombadas e ameaças, a existir fora da heterossexualidade obrigatória, e uma jovem poeta sapatão que transformou a escrita em trincheira e refúgio. Nasce, sobretudo, da certeza de que ler é um ato político e amar também.

Situado no campo dos estudos feministas, com atenção às perspectivas lésbicas, decoloniais e interseccionais, este relato interroga os modos como o conhecimento se produz e se legitima. Acreditamos, como Audre Lorde (2019), que o erótico é força insurgente, e que toda tentativa de neutralidade é, em si, uma posição política. Por isso, assumimos aqui uma escrita que é parcial, situada, comprometida com a produção de novas narrativas e com o combate às violências que nos atravessam.

Narrado em primeira pessoa plural e singular, alternando nossas vozes – [Eide] e [Liz] –, compõe-se como um caderno compartilhado. Uma conversa íntima em que as memórias se entrelaçam e se multiplicam, sem pretensão de completude. Organiza-se em quatro pistas cartográficas:

**Pista 1**, onde revisitamos nossas infâncias leitoras e as primeiras experiências com livros como refúgio e revolta;

**Pista 2**, que reconhece a biblioteca como território político, lugar de insurgência lésbica sapatão e reinvenção de si;

**Pista 3**, em que narramos nosso encontro, a docência como espaço de afeto e as coletâneas que costuramos juntas;

**Pista 4**, onde reafirmamos a potência do corpo que insiste e o sonho de uma epistemologia feminista e sapatão.

Se é verdade, como diz Audre Lorde (2019), que o erótico é um recurso que mora em nós mesmas, pulsão de vida, também é verdade que cada livro, cada página, cada encontro pode ser uma brecha de liberdade. Este relato é o nosso convite: que outras lésbicas, outras sapatão, encontrem aqui um espelho, uma pergunta, uma coragem.

### **Pista 1 – O livro como primeira revolta**

**[Eide]**

Eu nasci e cresci no Gama, cidade satélite de Brasília, longe de qualquer biblioteca. As escolas públicas que me formaram não tinham bibliotecas, e na minha casa havia apenas alguns livros, comprados por uma mãe solo que acreditava que a educação poderia mudar nosso destino. Eu lia Monteiro Lobato, sem perceber que, junto com as aventuras, engolia o racismo, o sexismo e a celebração da heterossexualidade romântica. Mas foi com Cassandra Rios (1981) que minhas mãos tremeram. Escondida, menina curiosa, encontrei no erotismo lésbico a primeira forma de inquietação. Algo me dizia que havia um mundo secreto onde o desejo não precisava pedir desculpas. Eu não sabia ainda que se chamava lesbianidade, mas meu corpo soube antes de mim.

**[Liz]**

Escrevo como quem salva a própria vida. Eu era criança quando descobri que havia dentro de mim uma fome-sede que nada saciava, uma fome-sede de sentido, de pertencimento, de liberdade. A biblioteca-natureza – tão pequena, tão gigante, tão esquecida, tão cuidadosa – tornou-se um lugar onde meu vazio podia sentar comigo, sem perguntas nem julgamentos. Ali, eu encontrava personagens que me emprestavam coragem e histórias que diziam, em sussurros, que eu não estava louca por desejar existir inteira. Eu me lembro da lentidão com que as primeiras palavras surgiam no caderno: o lápis se arrastando sobre a folha como se desenhasse uma outra vida: uma vida em que eu poderia falar alto, correr sem pedir licença, viver brincando de ser livre.

**[Eide]**

Entre nós, a infância foi feita de páginas gastas e personagens que acendiam perguntas proibidas. Quando ninguém nos ensinava que era possível

existir de outro jeito, os livros ofereciam brechas. Naquelas brechas, aprendemos a sonhar com vidas que não viessem precedidas de culpa.

[Liz]

Eu tinha medo de tudo, mas quando escrevia, o medo parecia menor. A caneta, o lápis e os gravetos de caju me conhecia, e me aceitava. Foi assim que, ainda menina, entendi que a escrita seria meu refúgio e minha denúncia. Cada frase que eu rabiscava era também uma promessa: eu não desistiria de mim.

## Pista 2 – A biblioteca como território lésbico

[Eide]

As bibliotecas quase sempre foram imaginadas como lugares neutros, silenciosos, ordenados. Mas para mim, elas se tornaram espaços de insurgência. Foi na biblioteca da UNEB, primeiro como funcionária e depois como professora bibliotecária, que compreendi a dimensão política daquele espaço.

Ali, entre estantes, encontrei por acaso *O lesbianismo no Brasil* (Mott, 1987). A epígrafe de Simone de Beauvoir *Toda mulher tem um pouco de lésbica* me atravessou como um estilhaço. Meu corpo, até então domesticado pela heterossexualidade, despertou memórias e sensações que eu não sabia nomear. Eu também teria um pouco de lésbica? Talvez aquele arrepio fosse o início de uma nova possibilidade de vida: uma vida que não precisasse de desculpas.

[Liz]

Com o passar dos anos, descobri uma grande amiga, capaz de me oferecer além de um espaço de refúgio e afago, possibilidades de ser livre: a escrita. Foi ela que, muitas vezes, salvou minha vida, permitindo que eu exercesse o encontro e o direito de partilhar minhas próprias palavras. A biblioteca-natureza me ofereceu a matéria-prima desse encontro: histórias que eu devorava em busca de sentido, personagens que me emprestavam coragem, narrativas que me diziam, ainda que em sussurros, que não era loucura desejar existir inteira.

Tinha pedido aos céus uma possibilidade em meio às impossibilidades, e ele me ofereceu o afeto de ser inconstante na minha autenticidade. Entre o medo de ser e o desejo de dizer, era na biblioteca-natureza que eu me escondia para poder me encontrar; era na leitura-escrita que criava mundos outros.

[Eide]

Pensar a biblioteca como território lésbico é reconhecer seu poder de reorganizar sentidos. Afinal, todo espaço de saber é também espaço de poder, então todo espaço de poder pode ser subvertido. E nós subvertemos. Ao escolher ler Cassandra Rios (1981), Audre Lorde (2019), Gloria Anzaldúa (2021), Natália Borges Polezzo (2022), fomos abrindo fendas na pedagogia do não-dito. Cada leitura era também um gesto de recusa!

[Liz]

Eu procurava sinais de que era possível ser sapatão e professora, sem ter de rasgar pedaços de mim. Quase sempre, encontrava silêncio. Mas naquele silêncio, a biblioteca me oferecia uma promessa: se eu persistisse, poderia inventar um lugar onde meu corpo coubesse inteiro.

[Eide]

Foi ali que compreendi que todo acervo é político. Que a curadoria é sempre uma decisão sobre quem merece ser lembrada. E que a biblioteca, quando habitada com coragem, pode ser território erótico, lugar de pertencimento e desejo.

[Liz]

Eu queria, e sigo querendo, acreditar que a docência pode ser um lugar de liberdade. Mas às vezes, quando a noite chega e o medo se deita ao meu lado, me pergunto se esse sonho é mesmo permitido a alguém como eu. Talvez a resposta não esteja pronta. Talvez a pergunta seja, ela mesma, o que me faz seguir.

Silenciosamente, fui aprendendo a nomear o vazio. É estranho perceber que, mesmo em lugares supostamente destinados ao pensamento e à formação, o meu corpo, a minha existência, a minha forma de amar continuavam interditadas.

Eu procurava, por vezes com uma urgência desesperada, sinais de que não estava só. Vasculhava bibliografias, percorria corredores, folheava programas de componentes curriculares, na esperança de encontrar um corpo-voz que anunciasse: você pode ser sapatão e professora, sem ter de rasgar pedaços de si mesma. Na biblioteca, aprendi que amar mulheres não é fraqueza. É força, é um modo de existir sem pedir desculpas.

### Pista 3 – O encontro

[Eide]

Eu já carregava nas mãos e no corpo uma história de enfrentamentos quando Liz chegou. Trazia o brilho inquieto de quem sabe que a literatura não é ornamento, mas urgência. Ela foi minha aluna no componente *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais*, onde discutíamos a legitimidade dos saberes encarnados, das vozes dissidentes, da necessidade de escrever contra o apagamento.

Desde o começo, percebi nela uma sede que me lembrava a minha: a fome de nomear o que o mundo insiste em calar. Nos encontros, Liz ousou trazer suas histórias e, com elas, a literatura e a ficção como refúgio e possibilidade.

Organizamos coletâneas que nasceram desses diálogos: do desejo de tecer uma docência que não se pretendesse neutra, do compromisso político com a escrita que afirma as vidas lésbicas e sapatão. Cada página que editávamos era um gesto público de resistência: estamos aqui e não vamos nos calar.

[Liz]

Cheguei à universidade com medo. Medo de não caber, medo de precisar esconder a parte de mim que mais pulsava. Naquele componente, ouvi pela primeira vez uma professora dizer que nosso saber, o saber lésbico, sapatão, feminista, era legítimo. Que não precisávamos pedir licença para existir.

Foi ali que senti confiança. Pude contar minhas histórias sem temer julgamento. Pude dizer que escrevia como quem se salva. Pude confessar que a ficção me resgatava do silêncio imposto. Quando aceitei ser orientada por Eide, não fiz um pacto silencioso. Fizemos, juntas, um ato público de resistência. Um acordo ético de que a docência podia ser espaço de coragem, de ternura, de reinvenção.

[Eide]

Lembro da primeira vez que li os escritos de Liz sobre lesbianidade. As palavras dela carregavam uma força antiga, um poder de rasgar o silêncio. Eu pensei: *ela não vai permitir que a vergonha a defina*. E tive orgulho. Porque reconheci naquela voz o eco de tantas outras mulheres que vieram antes, e também o meu próprio eco.

[Liz]

Quando escrevemos juntas, sinto que estou dizendo a mim mesma: *você pode ficar*. Cada texto que costuramos, cada história que recolhemos, é um modo de permanecer. Um modo de afirmar que a docência, quando se faz com afeto e compromisso, tem a potência de nos devolver inteiras

#### Pista 4 – O corpo que insiste

[Eide]

Sei, pela experiência e pela pele, que toda consciência lésbica começa como deslocamento. Ela nos obriga a romper com o destino que nos deram, a enfrentar a violência e a solidão. Foi assim comigo. Na UNEB, enquanto coordenava projetos de enfrentamento à violência contra mulheres, recebi ameaças de morte por ser lésbica.

Ler aquelas palavras, “*Você vai ser esquartejada, jogada no mato*”, não foi apenas atravessar o medo, mas entender que meu corpo era lido como afronta. E mesmo assim, talvez por isso, segui. Transformei o medo em política. Transformei a biblioteca em espaço de denúncia, de encontro, de ativismo. Se todo livro é político, toda estante também pode ser.

[Liz]

Também sei o que é ter o medo como companhia. Ele se sentava ao meu lado nas salas de aula, me lembrando que o mundo esperava que eu me desculpasse por ser quem sou. Mas cada vez que eu escrevia, cada vez que encontrava outras vozes, Audre Lorde (2019), Gloria Anzaldúa (2021), Natália Borges Polesso (2022), algo em mim se reerguia. Aprendi que a vergonha não nasce conosco. Ela é ensinada, cultivada, distribuída como uma herança envenenada. E aprendi também que podemos recusá-la. Podemos nomear a dor e, ao nomear, desobedecer.

[Eide]

Foi nesse gesto de desobediência que nos encontramos. Duas mulheres que insistem em amar fora da norma, que insistem em escrever fora da neutralidade. Duas professoras que recusam a pedagogia do não-dito. Acreditamos que ensinar é também um compromisso com o risco: o risco de dizer o que não esperam ouvir, o risco de existir inteira.

[Liz]

Eu sonho, e insisto em sonhar, que um dia seremos muitas. Que haverá mais professoras sapatão ocupando os espaços, escrevendo, formando redes de cuidado. Que poderemos amar sem pedir desculpas. Que nossos corpos não precisarão mais se curvar para caber. Talvez esse sonho seja, ele próprio, a primeira forma de resistência.

[Eide]

Se, como disse Florbela Espanca (2006), “sonho que sou Alguém cá neste mundo”, também sonho que esse Alguém seja sempre plural. Que sejamos tantas que ninguém mais se atreva a nos chamar de minoria. Que as bibliotecas se tornem territórios de todas as nossas histórias. E que cada livro lido, cada palavra escrita, seja um modo de lembrar que o corpo lésbico sapatão não apenas resiste: ele insiste.

### **Conclusão – Sonhar juntas**

[Eide]

Escrevemos estas linhas como quem planta sementes em solo duro. Sabemos que nem sempre haverá acolhimento, que muitas vezes a resposta virá em forma de silêncio ou violência. Ainda assim, escolhemos contar. Porque contar é também um modo de existir, de contrariar a história única, de negar o apagamento. Se a biblioteca foi, em outros tempos, território de vergonha e medo, hoje queremos que ela seja também abrigo, trincheira e celebração.

[Liz]

Se escrevo é porque preciso. Se escrevo com você, é porque acredito que a coragem também se aprende em coletivo. Sonho que nossas histórias, por mais parciais e imperfeitas, possam servir de pista para outras mulheres que procuram frestas por onde respirar. Sonho que um dia nenhuma menina precise fingir. Que nenhuma professora precise pedir licença para ser inteira. Que nenhuma sapatão precise escolher entre o amor e a dignidade.

[Eide]

Talvez o maior gesto político seja esse: insistir na alegria apesar de tudo. Insistir na palavra quando o mundo nos quer caladas. Insistir na partilha quando a norma nos quer isoladas.

**[Liz]**

Este relato não encerra nada. É apenas uma das muitas cartografias possíveis. Um testemunho de que os livros, a escrita e o corpo léxico sapatão seguem, e seguirão, inventando mundos. Além disso, digo: se você também procura a coragem que falta, se também sente o medo ocupando seu peito, saiba que este lugar pode ser inventado por nós. Que a docência pode ser, sim, espaço de rebeldia afetiva.

**[Eide]**

Se cada biblioteca carrega um regime de poder, queremos que a nossa seja também um espaço de reinvenção. Que entre essas estantes caibam nossos amores, nossas insubmissões, nossos sonhos. E que cada leitora que aqui chegar possa reconhecer: há vida depois da vergonha. Há vida que insiste, há vida que floresce.

**[Nós]**

Seguiremos acreditando que toda biblioteca, por mais silenciosa que pareça, carrega em si a potência de não ser depósito de livros. Ela é, antes de tudo, fonte de informação, de memória e de possibilidade. É território de disputa simbólica, espaço de encontro e, muitas vezes, a primeira fresta por onde passam a coragem, o desejo e o saber que insistem. Que cada estante possa abrigar histórias dissidentes, seja também uma convocação à liberdade. E que a biblioteca permaneça sendo, para nós e para tantas, lugar de reexistência e de sonho.



## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Tradução Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

ESPANCA, Florbela. **Poesia Completa**. Lisboa: Bertrand, 2006.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2022.

RIOS, Cassandra. **Eu sou uma lésbica**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

## Sobre as/os autoras/es

### **Alyfe dos Santos Gordiano**

Sou natural de Conceição do Coité, Bahia. Graduando de Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Além disso, faço parte do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID).

### **Daniel Cardoso**

Natural de Conceição do Coité, mais especificamente, do distrito de Salgadália, filho de uma funcionária pública e nascido em 07/04/2000. Estudante de história do Campus XIV. A curiosidade sempre foi minha amiga e ver onde essa curiosidade me trouxe é incrível. É uma honra participar do projeto.

### **Guthyerre Carneiro**

Coiteense, natural do distrito de Goiabeira – Conceição do Coité-BA. Discente da Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV, graduando no curso de Licenciatura em História. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID).

*E-mail:* gutyerrecarneiro@gmail.com

### **Islan David Saturnino Araujo**

Morador do Assentamento Nova Palmares, município de Conceição do Coité-BA. Discente da Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV, graduando no curso de Licenciatura em História cursando.

*E-mail:* Islan12araujo@gmail.com

### **Itan Zaíra Mendes de Oliveira**

Natural de Conceição do Coité, sertão da Bahia, cursando Licenciatura em História na Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID).

*E-mail:* zaira.mendes@hotmail.com

### **Júlia Carneiro Silva**

Coiteense. Discente da Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV, graduanda do curso de Licenciatura em História. Bolsista do Programa de Apoio à Rede de Brinquedotecas Universitárias (PROBRINQ).

*E-mail:* junebca@gmail.com

### **Julia Kumpera**

Historiadora e doutoranda em História Social na Universidade Federal Fluminense (UFF). É Mestra em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Especialista em Direitos Humanos pelo Centro Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso). Em 2024, publicou *“O lesbianismo é um barato”: o GALF e o ativismo lésbico-feminista no Brasil (1979-1990)* pela editora Intermeios.

### **Laioane da Silva**

Cansançãoense. Bissexual. Discente da Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV, graduanda do curso de Licenciatura em História. Bolsista da UATI (Universidade Aberta à Terceira Idade).

*E-mail:* dlaioanesilva@gmail.com

### **Luana Maria da Silva Soares**

Filha de Cecília e de Oyá. Graduada em Pedagogia em UNEB, Pós-Graduada em Psicopedagogia, Pós-graduanda em Coordenação Pedagógica, Mestranda em Educação e Diversidade pela UNEB, integrante do grupo de Pesquisa: Currículo, Escrivências e Diferenças. Coordenadora Pedagógica – SEC-BA, Articuladora Regional do Compromisso Nacional da Criança Alfabetizada (CNCA, Renalfa)-MEC. “Cria” de políticas públicas, pesquisadora e desafiadora do currículo e das relações de poder que ele estabelece.

### **Manoel Emídio da Silva Neto**

Serrinhense. Discente da Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV, graduando do curso de Licenciatura em História.

*E-mail:* manoelemidio1931@gmail.com

### **Marcos Kaïque Araújo da Silva**

Bissexual. De candomblé. Graduando em História pela UNEB (Universidade do Estado da Bahia). Professor de História e Geografia no Programa Universidade Para Todos (UPT). Integrante do VOZES: Grupo de Estudos sobre mulheres e feminismos na escrita da História e do Grupo de Estudos Protestantismo. Membro da Associação Povos de Terreiro Reino de Oxóssi. Pesquisador de religiosidade de matriz africana. Se interessa pela área de gênero, sexualidade, literatura e saberes tradicionais.

*E-mail:* marcoskaique2000@gmail.com

**Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)**

Poeta. Sapatão. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB/Campus XIV). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Graduada em Licenciatura em Pedagogia (CAFS/UFPI). Integrante do Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Sexualidade (GLEIGS) e do Grupo de Pesquisa Formação, Experiência e Linguagens (FEL). Colaboradora do Laboratório de Leitura e Produção Textual (LPT). Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais da Bahia (LBL/BA) e da Frente Nacional Lésbicas Desfem.

*E-mail:* eusendoliz@gmail.com

**Matheus Bismarck Guimarães dos Santos**

Sou natural de Valente, Bahia, município localizado no território do sisal, região com a qual tenho uma forte ligação afetiva e cultural. Graduando de Licenciatura em História na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus XIV. Tenho profundo respeito pelas minhas raízes e busco, por meio da formação acadêmica, contribuir com a valorização da história e da cultura do lugar de onde venho.

*E-mail:* matheusbismark97@hotmail.com

**Mirely Ferreira Moreira**

Moradora do Distrito de Salgadália. Discente do Curso de Licenciatura em História na Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV – Conceição do Coité.

*E-mail:* mirelyferreiram@gmail.com

**Petrônio Pinho de Oliveira**

Almense. Artista da cultura popular. Socialmente inconformado. Cantor, compositor, musicista, ator... Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED-UNEB-Campus XIV). Licenciado em História pela UNEB – Campus XIV. Pedagogo pela UNICESU-MAR-PR (EaD). Integrante do Grupo de Pesquisa, Educação do Campo, Trabalho, Contra-hegemonia e Emancipação Humana (GEPEC).

*E-mail:* petrionipinho717@gmail.com

**Saulo Silva Pereira**

Barroquense. Discente da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV, graduando do curso de Licenciatura em História. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID).

*E-mail:* saulo1666@hotmail.com

**Witiney Santana**

Coiteense, natural do povoado Fazenda Laranjeira, distrito de Bandiaçu – Conceição do Coité-BA. Discente da Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV, graduando no curso de Licenciatura em História, atualmente no 3º semestre; Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID).

*E-mail:* witineyacademico@hotmail.com

**Zuleide Paiva da Silva**

Professora da Universidade do Estado da Bahia, Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED – UNEB, Conceição do Coité); vice-líder do Grupo de Pesquisa Formação, Experiência e Linguagens (FEL), pesquisadora lésbica feminista, vinculada ao Diadorim – Centro de Estudos de Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade e ao Interdepartamental de Pesquisa em Educação e Humanidades (CIPEHUM/UNEB). Coordenadora do Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Sexualidade (GLEIGS), ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e à Rede Lesbi Brasil.

*E-mail:* eidepaivasilva@gmail.com